

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Serviço Militar e Nacionalidade:  
Os Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul-  
O Tiro de Guerra 337 de Ijuí (1917-1944)

Celso Henrique Acker

Porto Alegre, 1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Serviço Militar e Nacionalidade:  
Os Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul -  
O Tiro de Guerra 337 de Ijuí (1917-1944)

Celso Henrique Acker

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul como requisito parcial e  
final para a obtenção do título de  
Mestre em História, orientada pelo  
Prof. René Ernaini Gertz.

HUM03  
HISP  
660-  
705.00.00-2

**UFRGS**

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

**Para Leila e Isabel**

## Agradecimentos

Todos os que se aventuraram a escrever trabalhos de pesquisa acabam devendo gratidão para muitas pessoas e instituições. Quero agradecer a todos que de uma ou de outra forma me auxiliaram em completar esta árdua e longa tarefa, especialmente às seguintes instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por tudo que aprendi, dentro e fora das salas de aula; Programa de Capacitação do Pessoal do Ensino Superior (CAPES, Ministério da educação e do Desporto), pela bolsa de estudos que propiciou meu sustento durante o curso de mestrado; Universidade Regional Integrada (URI), Campus de Santo Ângelo, por conceder-me bolsa de estudos durante os primeiros seis meses do curso; Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ; Ijuí), por acreditar no meu projeto. Agradeço igualmente a todas as instituições que guardam os documentos que aqui utilizamos: Universidade de Passo Fundo (UPF); Biblioteca Central da Pontifícia Universidade católica do Rio Grande do Sul (PUC; Porto Alegre); Arquivo Histórico Municipal Moysés

Vellinho (Porto Alegre); Arquivo de Documentos da 3ª Região Militar (Quartel General do III Exército; Porto Alegre); Museu Antropológico Diretor Pestana, mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE; Ijuí).

Entre as pessoas agradeço primeiramente ao meu orientador, o professor René E. Gertz, pela paciência, pelo bom senso e pelo incentivo. Ao colega de graduação Milton Barcelos Nascimento, pelo valioso auxílio no fichamento. Aos colegas Eduardo Neumann, pelo incentivo constante, e Adhemar Lourenço da Silva Jr., pela força no fichamento de documentos em Porto Alegre, sou extremamente grato.

Falta mencionar ainda a equipe de apoio de informática: o Afrânio Colussi, o Alcides Borges e o Marco Borges, três expertos, e a querida Evelyne Zismann, que traduziu para o francês o resumo desta dissertação.

Agradeço a todos, de coração, e aviso que a responsabilidade pelo trabalho é minha.

## Resumo

A pesquisa que apresentamos tem como tema de fundo o Serviço Militar Obrigatório e as relações do Exército brasileiro com a sociedade e, como centro da análise, o serviço militar prestado nos Tiros de Guerra, forma de serviço oferecida às camadas médias da população brasileira a partir do início deste século.

Este trabalho estuda o Serviço Militar Obrigatório, instituído no Brasil no período da 1ª Guerra Mundial, cujo objetivo era formar reservistas e também formar cidadãos. O SMO foi uma forma de inserção e também de intervenção do Exército na sociedade brasileira, com base no conceito de "defesa nacional".

Para entendermos o Serviço Militar Obrigatório, primeiramente faremos uma análise de seu processo histórico, localizando, caracterizando e analisando suas formas, desde o Brasil-Colônia até o período de instituição do Serviço Militar Obrigatório, na 1ª República. A partir daí daremos ênfase à postura do Exército brasileiro com relação às campanhas de

nacionalização dirigidas à população de origem européia do Rio Grande do Sul, especificamente à população de Ijuí.

Centrados no serviço militar oferecido pelos Tiros de Guerra, estudaremos o papel do Tiro de Guerra 337 de Ijuí no processo de transformação cultural dirigido à população etnicamente diferente, principalmente à população de origem germânica.

Nossa tese é a de que o Tiro de Guerra 337 foi responsável, durante o período de sua existência em Ijuí (1917-1944), pela propaganda de caráter nacionalista dirigida à população e que exerceu importante papel "oficial" em seu processo de "nacionalização".

## Resumé

Le travail que nous présentons a comme thème de fond le Service Militaire Obligatoire et les relations de l'armée brésilienne avec la société, et pour centre le service militaire effectué dans les "Tirs de Guerre", une forme de service proposée aux couches moyennes de la population brésilienne à partir du début de ce siècle.

Ce travail étudie le Service Militaire Obligatoire, instauré au Brésil pendant la première guerre mondiale dans le but de former des réservistes mais aussi des citoyens, comme une forme de rapprochement et également d'intervention de l'armée dans la société brésilienne, sur la base du concept de "défense nationale".

Pour comprendre le Service Militaire Obligatoire, nous ferons tout d'abord une analyse de son processus historique, en situant, caractérisant et suivant ses formes depuis le Brésil Colonie jusqu'au moment de l'instauration du Service Militaire Obligatoire sous la 1<sup>re</sup> République. A partir de là nous

insisterons sur l'attitude de l'armée brésilienne par rapport aux campagnes de naturalisation destinées aux populations d'origine européenne du Rio Grande do Sul, plus spécifiquement la population d'Ijuí.

Centrés sur le service militaire offert par les "Tirs de Guerre", nous étudierons le rôle du Tir de Guerre 337 d'Ijuí dans le processus de transformation culturelle imposé à la population ethniquement différent, en particulier la population d'origine germanique.

Nous soutenons que le Tir de Guerre 337 a été responsable, pendant son existence à Ijuí (1917-1944), de la propagande de caractère nationaliste orientée vers la population, et qu'il a joué un rôle "officiel" important dans son processus de naturalisation.

## Abreviaturas

- Arquivo da 3ª Região Militar - **A3ªRM**
  
- Arquivo Histórico da Biblioteca Central da Universidade de  
Passo Fundo - **AHUPF**
  
- Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do sul - **IHGRS**
  
- Museu Antropológico Diretor Pestana - **MADP**
  - Arquivo Ijuí - Prefeitura Municipal de Ijuí - **AIPMI**
  
- Revista A Defesa Nacional - **ADN**
  
- Revista O Tiro de Guerra - **OTG**-----

# Índice

-Dedicatória.....	3
-Agradecimentos.....	4
-Resumo.....	6
-Resumé.....	8
-Abreviaturas.....	10
-Introdução.....	14
-Capítulo 1      O Serviço Militar no Brasil.....	20
1.1      O Serviço Militar no Brasil-Colônia.....	21
1.1.1    A Base de Recrutamento.....	22
1.1.2    O Recrutamento, os Recrutadores e os Recrutados.....	25
1.2      O Serviço Militar no Brasil-Império.....	31
1.2.1    A Independência.....	31
1.2.2    A Guarda Nacional.....	35
1.2.3    O Exército e a Guerra do Paraguai.....	47
1.3      O Serviço Militar na República.....	50
1.3.1    Os "Jovens Turcos" e a Afirmação do Exército na 1ª República.....	51
1.3.2    As Missões e as Reformas Militares .....	55
1.3.3    O Serviço Militar Obrigatório.....	60
1.3.4    A Insubmissão.....	69

-Capítulo	2	Os Tiros de Guerra no Brasil.....	74
	2.1	Que foi o Tiro de Guerra?.....	76
	2.1.1	Alcançando as Camadas Médias da População.....	78
	2.1.2	A Difusão dos Tiros de Guerra no Brasil.....	81
	2.2	Os Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul.....	86
	2.2.1	A Difusão dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul..	86
	2.2.2	O Rei do Tiro.....	91
-Capítulo	3	O Tiro de Guerra 337, de Ijuí.....	102
	3.1	Ijuí: Econômico, Político e Étnico.....	102
	3.1.1	Aspectos da História Econômica.....	102
	3.1.2	Aspectos da História Política.....	108
	3.1.3	A Colônia Mista.....	113
	3.2	O Serviço Militar em Ijuí.....	118
	3.2.1	A Propaganda Local e a Participação Cívica.....	118
	3.2.2	O Tiro Brasileiro: Serviço Militar Pago.....	121
	3.2.3	A Nacionalidade.....	138
	3.2.4	A Questão Nacional na 1ª Guerra Mundial.....	146
	3.2.5	A Questão Nacional no Entre-Guerras.....	156
	3.2.6	A Questão Nacional na 2ª Guerra Mundial.....	169
-Conclusão.....			182
-Fontes			
	a	Documentos de Arquivo.....	185
	b	Periódicos.....	186
	c	Bibliografia.....	187
-Anexos			
	- Anexo 1.....		193
	- Anexo 2.....		223
	- Anexo 3.....		236

-Ilustrações

-Mapa 1: Distribuição dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul de 1908 a 1916.....	97
-Mapa 2: Distribuição dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul de 1917 a 1918.....	98
-Mapa 3: Área de Abrangência dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul Para o Ano de 1929.....	99
-Mapa 4: Distribuição dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul no Período da 2ª Guerra Mundial 1939 a 1945.....	100
-Mapa 5: Distribuição dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul por Tempo de Funcionamento.....	101

## Introdução

A dissertação que apresentamos tem como tema de fundo o Serviço Militar Obrigatório e as relações do Exército com a sociedade brasileira. Estuda o Serviço Militar Obrigatório, instituído no período da 1ª Guerra Mundial, observando as relações existentes entre o serviço militar e o processo de nacionalização da população imigrante no Rio Grande do Sul até o período da 2ª Guerra Mundial.

Para entendermos o Serviço Militar Obrigatório é necessário uma análise do desenvolvimento histórico do conteúdo dessa categoria acompanhando sua evolução desde o Brasil-Colônia até a instituição do Serviço Militar Obrigatório, na 1ª República. Daremos ênfase à posição do Exército Nacional para com as populações imigrantes do Rio Grande do Sul, especificamente a população de Ijuí, como alvo das campanhas de nacionalização.

Para o estudo relacionado com o Serviço Militar da população etnicamente diferente, principalmente a germânica, analisaremos o serviço prestado no Tiro de Guerra 337, de Ijuí.

Em Ijuí funcionou, no período 1917 a 1944, uma unidade do Tiro Brasileiro, posteriormente conhecido como Tiro de Guerra. Verificaremos como se dava a relação entre o Tiro de Guerra 337 e a população de Ijuí, descrevendo a ação da população e do Exército brasileiro, com relação ao serviço militar obrigatório, nos diferentes momentos da história, da República Velha ao Estado Novo.

Uma das hipóteses que norteiam o trabalho é a de que o Tiro de Guerra foi utilizado pelas elites locais para amenizar o serviço militar obrigatório. O Tiro de Guerra oportunizava a prestação do serviço militar em condições disciplinares mais brandas, principalmente porque exigia a presença diuturna dos recrutas nos quartéis. Esse privilégio era particularmente caro aos habitantes das colônias de imigração, cuja economia se baseava na agricultura familiar, porque o afastamento drástico de jovens adultos convocados impunha pesado ônus à produção. Esse prejuízo caracterizava o custo social do serviço militar.

Na hipótese que afirma que o Tiro de Guerra privilegiou as camadas médias e altas da população temos de lembrar que esse foi o sentido dado ao serviço militar nele prestado em uma parte do tempo em que funcionou. Houve, efetivamente, um tempo em que a propaganda feita pelo Tiro de Guerra era no sentido de "tirar

a caderneta de reservista", com o menor esforço possível. Esse é o espaço de tempo compreendido, *grosso modo*, entre as duas guerras, quando os ânimos mundiais se acalmaram. Outro sentido que lhe pode ser dado aponta para a convergência de interesses existentes na criação dos Tiros de Guerra. De um lado o Exército ampliando suas áreas de atuação e criando as condições para a difusão do serviço militar nos mais recônditos lugares do país; de outro, a população interessada em manter boas relações com o poder, seja ele local ou nacional, utilizando-se do serviço militar como salvo-conduto que os defendia da xenofobia nativista.

Os Tiros de Guerra possibilitaram a ocupação de áreas onde o Exército ainda não estava definitivamente instalado, viabilizando assim a difusão das companhias nacionalizadoras lideradas pelo Exército.

A ocupação desses territórios por elementos de origem européia e a difusão de idéias como a do "perigo alemão" faz com que os interesses do Estado e do Exército voltem-se para a tentativa de nacionalização dessas populações. Os Tiros de Guerra vão cumprir um papel importante no processo de nacionalização da população imigrante no Rio Grande do Sul.

Acompanharemos os passos da relação entre o Exército e a população de Ijuí durante os principais momentos históricos do Estado, do país e do mundo.

Abordaremos o serviço militar obrigatório e a sua utilidade para expansão do poder do Exército. De perto analisaremos as vantagens que tinha um imigrante ou descendente deste ao servir ao Exército.

O período temporal que este trabalho estuda compreende os anos entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial, espaço de tempo em que o sistema capitalista afirma sua hegemonia no mundo ocidental, em que a nação norte-americana se afirma como mentora das transformações desse mundo, substituindo a Inglaterra, que, até então, em fins da 1ª Guerra Mundial, ocupava o lugar dominante da economia brasileira. Paralelamente ao movimento de substituição da gerência de nossa economia, ocorre a subida dos militares ao poder na América Latina e também no Brasil. Um dos caminhos para essa percepção é a leitura dos acontecimentos relacionados à instituição do serviço militar obrigatório.

Nosso trabalho divide-se em três capítulos que estudam respectivamente: o desenrolar do serviço militar na história do Brasil; o processo de difusão dos Tiros de Guerra e a expansão da propaganda nacionalista; e as relações da população imigrante de Ijuí com esse tipo de serviço militar.

Nossas fontes primárias foram encontradas nos seguintes arquivos: Arquivo de Documentos do Museu Antropológico Diretor Pestana, mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE; Ijuí); Arquivo de Documentos da 3ª Região Militar, alocado no Quartel General do

III Exército (Porto Alegre); Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho (Porto Alegre). Trabalhamos, também com as revistas **A Defesa Nacional** e **O Tiro de Guerra**. Utilizamos, principalmente, o material publicado pelos jornais **A Federação** e **O Independente**, ambos de Porto Alegre, e, para a questão local, o jornal ijuiense **Correio Serrano**. Procuramos nessas fontes as matérias referentes ao Exército, a problemas étnicos, à política de nacionalização e, é claro, ao serviço militar prestado nos Tiros de Guerra.

Dentre as obras que compõem a historiografia militar brasileira, trabalhamos principalmente as que se referem ao Exército e à sua posição com relação ao sistema de poder. Daí decorrem posições e leituras que privilegiam a análise institucional ou a instrumental, ou, ainda posições que analisam o Exército dentro dos parâmetros da história das idéias.

Embora tenha ocorrido um surto de estudos sobre a questão militar, principalmente a partir da década de 70<sup>1</sup> as questões relativas ao serviço militar não receberam a devida atenção.

Ainda está por ser feito o estudo do serviço militar no país. Aqui não pretendemos esgotar o assunto, apenas contribuir para um ângulo de abordagem da questão da difusão do serviço militar obrigatório .

---

<sup>1</sup> -COELHO, Edmundo Campos, A Instituição Militar no Brasil: Um Ensaio Bibliográfico, **BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, n.19, ANPOCS, Rio de Janeiro, 1985, p.6.

De modo geral a historiografia apresenta o serviço militar como algo dado, decorrência inevitável do processo social, não dedicando um espaço para sua explicação como instrumento de transformação da sociedade, ou seu significado dentro do movimento nacional nascente nos princípios deste século. São efetivas exceções, neste caso, os trabalhos de Enrique Peregalli (**Recrutamento Militar no Brasil Colonial**)<sup>2</sup>, Leila Maria Corrêa Capella (**As Malhas de Aço no Tecido Social: a Revista A Defesa Nacional e o Serviço Militar Obrigatório**)<sup>3</sup> e Frank D. McCann (**A Nação Armada**).<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> -PEREGALLI, Enrique. **Recrutamento Militar no Brasi-Colonial**. Editora da UNICAMP, Campinas, 1986.

<sup>3</sup>-CAPELLA, Leila Maria Correa. **As Malhas de Aço no Tecido Social: A Revista a Defesa Nacional e o Serviço Militar Obrigatório**. Dissertação de Mestrado, niversidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.

<sup>4</sup>-MCCANN, Frank D. **A Nação Armada: Ensaio Sobre a História do Exército Brasileiro**. Ed. Guararapes, Recife, 1982.

## 1 O Serviço Militar no Brasil

Nesta parte de nosso trabalho acompanharemos o curso histórico do "serviço militar" no Brasil, acentuando os aspectos que o caracterizam.

Acompanhando a história militar do Brasil, verificaremos as transformações ocorridas no serviço militar, desde o período colonial até os primeiros anos da República. A categoria "serviço militar" é melhor analisada diacronicamente, visto que adquiriu vários significados. Conforme o período histórico, o serviço militar foi visto e sentido de forma diferente pela população. O discurso do serviço militar passou da ação violenta para a coercitiva, conforme a posição alcançada pelo exército na estrutura de poder do Estado.

É possível abordar e entender a instituição militar pela forma recrutamento de soldados e oficiais<sup>1</sup>. As relações sociais que se apresentam nas formas de recrutamento espelham relações

---

<sup>1</sup>-CARVALHO, José Murillo. As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador. In: FAUSTO, Boris, ed. -**História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo, DIFEL, 1977, v. 2, p. 184.

presentes na sociedade e transferem para dentro da corporação militar privilégios existentes na sociedade civil.

## 1.1 O Serviço Militar No Brasil-Colônia

Aqui sintetizaremos o trabalho de Enrique Peregalli, **O Recrutamento Militar no Brasil Colonial**<sup>2</sup>. Essa obra alcança e aprofunda pontos relativos ao serviço militar, que pela maioria dos autores são abordados genericamente. Trabalharemos também com outros autores, à medida que suas observações contribuam para o melhor entendimento do serviço militar no Brasil colonial.

Peregalli preocupa-se com o custo social da formação do exército colonial. Os fatos que analisa para concretizar seus estudos estão ligados às guerras de portugueses contra espanhóis na América, no séc. XVIII, especificamente: **A História Entre os Tratados de Madrid e Santo Ildefonso; Formação e Organização do Exército Colonial na Capitania de São Paulo; e Resistências Populares ao Recrutamento Militar.**

A maioria dos autores, quando se refere ao recrutamento militar anterior ao serviço militar obrigatório do período

---

<sup>2</sup>- PEREGALLI, Enrique. **Recrutamento Militar no Brasil-Colonial**, Campinas, Editora da UNICAMP, 1986.

republicano, ressalta seu caráter violento, ou seu caráter elitista representado pela Guarda Nacional.

### 1.1.1 A Base de Recrutamento

O exército colonial tinha como base para seu recrutamento a região de São Paulo. De lá partiam as tropas, lá se dava a formação de agrupamentos de **"soldados"**. Foi de São Paulo que partiram os grupos de homens que expandiram as fronteiras portuguesas rumo ao sul e centro-oeste.

Movidos pelo interesse comercial inglês, em 1680 os portugueses fundaram a Colônia de Sacramento, a fim de comerciar com os espanhóis e a população local, trocando mercadorias manufaturadas, víveres, ferramentas... por couro de gado vacum e, principalmente, a prata potosina. Para alcançar a cobiçada prata, os portugueses utilizaram-se de **"Três frentes: a colônia do Santíssimo Sacramento, na desembocadura do Uruguai com o Prata; a região chamada Iguatemi, nas cabeceiras desse rio, sobre a fronteira paraguaia; e Cuiabá na Capitania do Mato Grosso. O caminho do sul permitia um contato entre São Paulo e Sacramento. Iguatemi era alcançado pelo sistema fluvial Tietê-Paraná, que podia ser usado para dar acesso a Cuiabá, mas na época preferia-se o sistema Guaporé-Madeira-Amazonas"**

(Peregalli, 1986:16). Dessas três frentes a que mais causou sofrimentos foi a do Iguatemi. Entre 1765 e 1777 morreram 59% dos 1617 homens para lá mandados, com um detalhe, não foi a batalha com o inimigo que causou toda essa baixa, foram a fome e as pestes, o que nos mostra que o serviço militar, nesse período, era viagem sem volta.

Ao exército colonial coube a tarefa árdua de ampliar o Império português do Amazonas ao Prata, e a população, não sem protestos, foi obrigada a sustentá-lo com víveres e pessoal.

Os quadros do exército colonial eram formados pelos senhores, que ocupavam os cargos do oficialato, e por recrutas, sejam eles voluntários ou forçados, oriundos das camadas baixas da sociedade: **"Os primeiros corpos auxiliares levantados pelo Morgado de Mateus foram montados pelos poderes locais, seguindo a linha que predominava até então, o capitão-mor como chefe dos recrutamentos, era responsável pela formação dos referidos contingentes frente ao governador. Este devia nomear seus oficiais, dentro da camada dos senhores locais, organizadores das milícias. Como forma de incentivar a organização destes regimentos, o Estado passou a outorgar, sistematicamente, a partir de 1759, um título de fidalguia, que estava contido dentro do oficialato"** (Peregalli, 1986:76).

Como se vê, a forma de cooptação da camada dos senhores era a possibilidade da ascensão social através do serviço militar. Mas essa ascensão social acabava por cobrar mais do que

proporcionar, já que o oficial era obrigado a fazer os recrutamentos e as aquisições de víveres, chegando a exaurir os recursos humanos e econômicos de sua região: **"A região de Sorocaba-Itu-Jundiaí suportou o peso do recrutamento para o Paraná. A ordem de D. Luiz era recrutar 'brancos, bastardos, mulatos, forros, mamelucos ou carijós'. Qualquer um servia. O governador esvaziou os cárceres enviando 'tudo o que podia' para trabalhar para o Iguatemi. Duzentos e noventa e cinco presos foram enviados para essa fronteira, nenhum deles por assassinato: desertores, famílias de desertores, ladrões, concubinos, vagabundos, gente que ameaçava vizinhos, juntou-se aos voluntários que partiam para a praça dos prazeres"** (Peregalli, 1986:85)

Nelson Werneck Sodré, em seu livro **História Militar do Brasil**, nos diz o seguinte: **"A empresa de ocupação e povoamento era uma empresa militar, e não podia deixar de ser assim. Os particulares estavam, dessa forma, sujeitos as eventualidades da luta armada e não apenas por força de disposição da legislação vigente, mas por força de suas próprias necessidades, das exigências do meio."**<sup>3</sup> Sodré não especifica de que camada social eram esses particulares que "por força de suas próprias necessidades, das exigências do meio" estavam sujeitos às operações militares. De certa forma Sodré idealiza o passado,

---

<sup>3</sup>-SODRÉ, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. Ed.

colocando a luta pela posse da terra ou das riquezas dela como bandeira de toda a população. E, por último, se havia a força das próprias necessidades, para que a legislação obrigando a população a uma luta que certamente não era sua, se levamos em consideração o que nos mostrou Peregalli?

### 1.1.2 O Recrutamento, Os Recrutadores e Os Recrutados

Se para os senhores havia a possibilidade de ascensão social através do exército, para a população restava a violência de um recrutamento forçado: **"O recrutamento penetrou firme e persistentemente, massacrando em seu caminho homens e bens. Seus métodos mais pareciam um rodeio de gado. Os voluntários juntavam-se num curral, contados, marcados, separados, eram enviados sob vigilância aos pontos mais distantes da capitania. A uma ordem do governador os nomes que constavam na lista eram remetidos para São Paulo. Os mais insubordinados eram acorrentados."** (Peregalli, 1986:139).

Não era muito fácil a obtenção de voluntários para o exército, as deserções da tropa eram muito freqüentes, é claro, devido ao tratamento recebido e aos flagelos sofridos no processo de "recrutamento", não esquecendo que havia, também, a guerra contra os espanhóis. Essa carência de pessoal levou a medidas que procuraram aumentar os contingentes possíveis de

serem recrutados: **"todo homem não ligado à terra ou ao comércio fora equiparado a salteadores e, como delinqüente, era enviado amarrado ao exército"** (Peregalli, 1986:139 - Trecho da Carta Régia de 22 de julho de 1766).

A determinação atingia em cheio o indivíduo que na América espanhola, se costumava chamar de "vago e mal entretenido", ou seja a população sem ocupação definida. No sul do Brasil, esse sujeito foi o embrião do que posteriormente se chamaria gaúcho. Notamos, também, a preocupação com a continuidade da produção, pois o recrutamento não atingia os agricultores nem os comerciantes, e Peregalli pergunta: **"O avanço econômico e o flagelo dos recrutamentos deviam caminhar juntos. Seria possível conciliá-los?"** (Peregalli, 1986:45).

Sem pensar em conciliar produção com recrutamento, em abril de 1774, a coroa, através de Carta Régia, instituirá o serviço militar obrigatório para todos os homens solteiros. Aberta a caça a homens, o poder local montaria suas armadilhas: **"sob o pretexto de uma revista e ao mesmo tempo prestar homenagem ao nosso bispo dom frei Manoel da Ressurreição, as tropas auxiliares foram chamadas para uma grande concentração, junto a São Bernardo, no Caminho do Mar. Uma vez ali foram apartados os homens mais robustos para servir no exército, enviados depois para Laguna. O próprio Morgado havia proibido que se recrutasse soldados nas paradas militares..."** (Peregalli, 1986:120). Armadilha que tinha como isca a fé religiosa do povo,

embora tenham sido as paróquias os lugares mais procurados pelos desertores para se protegerem do recrutamento forçado.

A aversão da população pelo serviço militar era justificada pela violência dos recrutadores: **"Quando eram necessários recrutas, o governo enviava um oficial das tropas pagas, para que, junto com o sargento-mor entrasse em entendimento com o capitão-mor para arregimentar homens ou prender os das listas já confeccionadas nos altos escalões do governo"** (Peregalli, 1986:77). Para evitar as deserções a coroa tomou medidas de repressão que atingiram não só a pessoa do recrutado, mas seus familiares: **"Os mais insubordinados eram acorrentados. A chantagem sobre as famílias foi o método mais eficaz para evitar-se as deserções. Os recrutas estavam cientes que deixavam bem nas mãos do governador seus pais, mães, parentes"** (Peregalli, 1986:139). Os castigos estavam na lei, um alvará de 6 de setembro de 1765 dizia que todo padre que desse auxílio a desertores ou convocados estava sujeito a ser degredado: **"40 léguas pela primeira vez, pela segunda 60 e pela terceira vez fora do reino"** (Peregalli, 1986:139). Estavam também sujeitos a essa pena padres que não expulsassem de dentro da igreja os que lá fossem se refugiar.

Aos desertores restavam os castigos humilhantes, como **"... ser açoitado publicamente, no pelourinho, por negros escravos, atingindo o corpo e a mente do recruta. Sem existir regulamento, a arbitrariedade era total - os desertores foram castigados `por**

muitos dias'. Com que instrumentos? com os mesmos com os quais se castigavam os negros escravos, com exceção de que não lhes era cortada a orelha" (Peregalli, 1986:135).

A arbitrariedade e o terror se instalaram, na verdade eram a essência dessa forma de recrutamento. Analisemos até que ponto chegou a premeditação e a prepotência do poder colonial com os desertores: **"Francisco Fernandes França e Bernardo Domingues[...] foram presos no dia 5 de fevereiro de 1777, não sem antes matar um capitão-do-mato. Os dois terminaram enforcados e ainda que não padeceram este castigo na frente do Regimento, lhes há de chegar a notícia e servirá de exemplo"** (Peregalli, 1986:134).

As resistências se organizaram e para quem já era castigado como um escravo, não seria nem um pouco degradante a utilização de uma forma de defesa característica dos negros escravos: na região de Mogi das Cruzes formaram-se vários quilombos de brancos (Peregalli, 1986:128).

Houve também enfrentamentos, a população reage com violência aos recrutamentos: **"Parnaíba foi a primeira a resistir violentamente às ordens de recrutamento. A 7 de dezembro de 1774, aproveitando a escuridão da noite, como lhes havia sido ordenado, e estando as famílias preparando a festa da Imaculada Conceição, as tropas começaram a fazer prisões nas próprias casas, um a um, conforme a lista enviada pelo Morgado de Mateus... Uma outra patrulha deslocou-se para o bairro de Japai,**

a fim de prender três moradores, e teve uma surpresa em seu retorno com os recrutas: na metade do caminho viram-se assaltados por um grupo de moradores que conseguiu resgatar os prisioneiros e colocar em fuga a patrulha" (Peregalli, 1986:129). Alguns senhores locais não ficaram alheios a essa resistência, chegando a dar proteção a desertores e recrutados insubmissos "... protegendo uma mão de obra sem a qual pouco significavam. Se no começo do período, os senhores trocavam homens por um oficialato, agora protegiam-nos, sabendo que entraram num 'mau negócio'" (Peregalli, 1986:77). Acabaram por ficar sem a mão-de-obra necessária para dar continuidade à produção.

Peregalli nos mostra de forma crua a situação da população paulista sujeita às penas do serviço militar, no período colonial. A visão tradicional, extremamente idealizadora do passado, mesmo não podendo fugir do caráter violento do recrutamento, tentou identificar um caráter seletivo na escolha dos soldados: "Vinham, depois, em escala descendente os servos e os escravos, em que se recrutariam os elementos marginais, como em parcelas da camada média, que vão constituir as sobras urbanas, a que o recrutamento, pelos processos brutais do tempo, vai dedicar as suas atenções. Porque é entre essa gente flutuante, que se aglomera nas áreas urbanas, sem se integrar nas atividades que definem tais áreas e lhe dão fisionomia

específica, que serão encontrados os que, arrebanhados como animais, e à força, na regra dos casos, constituirão as fileiras militares, em terra e no mar. Salvo evidentemente no que diz respeito a província de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde todos eram soldados natos, e as atividades das armas nas fileiras não envilecia, como nas outras áreas do Império."

(Sodré, 1965:70) Além da visão de que haveria uma seleção anterior ao recrutamento, em que só seriam recrutados os "elementos marginais", o autor cai numa armadilha ideológica quando afirma que no Rio Grande do Sul **"todos eram soldados natos, e as atividades das armas nas fileiras não envilecia como em outras áreas do Império"**. O que terá o Rio Grande do Sul de diferente dos outros estados da nação que possa explicar esta afirmação. Está claro que o Rio Grande do Sul é um estado forjado no enfrentamento armado, mas daí a afirmar que todo habitante do lugar é um guerreiro, capaz de transformar-se rapidamente num soldado, é pedir demais para a história.

O trabalho de Peregalli deixa bem claro o destino dos recrutados em São Paulo, e um desses destinos é o Rio Grande do Sul.

## 1.2 O Serviço Militar no Brasil-Império

Dando seqüência à nossa análise do serviço militar na história do Brasil, chegamos ao período delimitado pela Independência e pela Proclamação da República. No que diz respeito a recrutamento, veremos que, no primeiro momento, as formas de recrutamento tiveram mudanças significativas, com a criação da Guarda Nacional, tradicional rival do Exército na disputa pela hegemonia do uso das armas e na arregimentação de "voluntários", e com a contratação de regimentos de mercenários.

Nesse período, aconteceram vários movimentos armados, internos e externos, em que o Exército (ou proto-exército) estaria diretamente envolvido. Começaremos por uma análise da situação de nossas forças logo após a Independência.

### 1.2.1 A Independência

A construção do Estado Nacional na Argentina e no Brasil é tema de Héliog Trindade. Em sua análise assumem papel significativo as relações entre as elites civis e as forças armadas: **"Além do papel da elite política na formação do Estado seria importante analisar as relações entre este e as formas de organização da corporação militar durante o período de**

implantação de um poder político nacional[...]. Nos casos argentino e brasileiro trata-se de discutir não somente a questão da institucionalização de um Exército permanente após a independência, mas o surgimento de outras formas de organização militarizada, tais como milícias cívicas ou guardas nacionais."<sup>4</sup>.

O processo de independência, a centralização do Império, e o próprio regime imperial causam reações diversas no território nacional, uma delas é a Confederação do Equador (Recife 1824), que tem como principais motivos o pagamento de impostos e o envio de tropas para as guerras do sul<sup>5</sup>. Novamente o envio de tropas para o sul é motivo de revolta: "A União significava transferir para a Corte os já minguados capitais locais e enfraquecer a agricultura pelo envio de sua força de trabalho como soldados 'voluntários' para as guerras do sul. E Frei Caneca levantara mesmo a suspeita de que, enfraquecendo os meios de defesa da província pela transferência de suas tropas para outras áreas o imperador tornava-a presa fácil de uma esperada invasão recolonizadora... E o recrutamento suscitava descontentamento e resistência, prejudicando sobretudo os pequenos proprietários. Os que não puderam escapar, e foram feitos soldados, não só enfrentaram as dificuldades próprias de

---

<sup>4</sup>-TRINDADE, Hégio. A Construção do Estado Nacional na Argentina e no Brasil (1810-1900): Esboço de uma Análise Comparativa. Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol.28, n. 1, 1985, pp. 71-72.

**todas as guerras, como também a desorganização e a falta de direção competente...** " (Bernardes, 1983:32-34).

Para Trindade, a ausência de uma guerra de independência foi fator decisivo para a não-democratização das forças armadas no Brasil, o que não ocorreu no restante da América Latina, principalmente na Argentina, fruto de um envolvimento direto da população com o exército de independência (Trindade, 1983:72).

A situação precária das forças armadas é também apontada por Trindade como motivo da contratação de mercenários e de medidas de reorganização e aumento do efetivo do Exército: "...A fragilidade do treinamento e dos efetivos do exército era de tal ordem que, para enfrentar a Revolução Pernambucana de 1824 e a guerra com a Argentina pela posse da Província Cisplatina, entre 1825 e 1827, o imperador viu-se obrigado a contratar mercenários. O insucesso do exército imperial na Guerra do Prata (que viabiliza a independência uruguaia, em 1828) provoca a reorganização do exército cujos efetivos são fixados em 10 mil homens e o número médio de alistados entre 15 e 20 mil homens, salvo durante a Guerra do Paraguai, onde cresce de 35 mil em 1865 para 83 mil em 1869" (Trindade, 1985:74). Existiu uma grande indefinição na política com relação à constituição de um exército permanente e uma grande resistência por parte da população com relação às forças armadas desde os primeiros

---

<sup>5</sup>-BERNARDES, Denis. *Um Império Entre Repúblicas: Brasil Século XIX*. São Paulo, Global Ed., 1983.

momentos da Independência e durante todo o Império e parte do Período Republicano. A resistência popular tinha razões óbvias se levarmos em consideração que nas condições de recrutamento não houvera mudanças significativas: "... **A maneira de fazer este recrutamento fica clara em decreto de 1835 que manda, no caso de fracasso do recrutamento voluntário: `proceder-se-á recrutamento forçado e o recrutado servirá por seis anos, receberá somente soldo simples, será conduzido preso ao quartel e nele conservado em segurança até que a disciplina o constitua em estado de se lhe facultar maior liberdade. [...] Os voluntários eram obrigados a servir seis anos e os recrutados nove anos, mas as constantes deserções, as doenças, a incapacidade física e as mortes, desfalcavam o contingente em proporção calculada pelo ministro no relatório de 1862 em um terço anualmente**". (Carvalho, 1977:189-190).

É Sodré quem nos aponta a contratação de regimentos inteiros de mercenários que eram enquadrados no conjunto das tropas brasileiras (Sodré., 1965:92), inaugurando uma prática que perdurou até a guerra contra Rosas, em 1851, no que diz respeito a forças terrestres. A tônica do período foi a contratação de mercenários estrangeiros, principalmente alemães conhecidos como **Brummers**, da arma de artilharia. É Carvalho quem nos aponta a situação da Organização Militar no período: "**A organização militar fechava-se aos poucos sobre si mesma, gerando às vezes verdadeiras dinastias militares como a dos Lima**

e Silva no Império e dos Fonseca na República. A elite civil passou a preferir, para o serviço militar, a Guarda Nacional que exigia menor esforço e interferia pouco nas atividades particulares. Por outro lado, o próprio título de nobreza dos militares perdera quase totalmente seu conteúdo original" (Carvalho, 1977:187).

### 1.2.2 A Guarda Nacional

Agora nos deteremos na formação da Guarda Nacional, ainda dentro do contexto da Independência, organização que fizera frente ao Exército como detentor hegemônico do uso da força das armas. Geralmente a Guarda Nacional é analisada de forma genérica, sendo abordada por seu caráter último, que foi o de milícia das elites brasileiras. A Guarda Nacional deve ser estudada ao longo de sua duração histórica.

A Guarda Nacional foi criada quando o Pe. Diogo Feijó ocupava o Ministério da Justiça, no Império, em julho do ano de 1831, e a esse ministério estava subordinada. A Guarda Nacional tinha caráter eminentemente civil, com amplo recrutamento, dentro do espírito anti-exército da época, e se inspirava na reorganização da Guarda Nacional francesa (Trindade, 1985:75)

**"...As barreiras mentais entre a sociedade militar e o país, no**

período nativista regencial, mantiveram a situação de desfavor e desprestígio que acompanhavam o soldado de 1ª linha, condicionando a valorização do cidadão soldado que então surgia... A Guarda Nacional, como corporação paramilitar, atuou como reforço do poder civil, tornando-se sustentáculo do governo instaurado com o 7 de Abril".<sup>6</sup>

A criação da Guarda Nacional refletia a crise política e de mão-de-obra militar em que o país se encontrava. Na maioria das revoltas do Período Regencial uma das questões discutidas era a do recrutamento militar, que ainda não fugia à forma praticada no período colonial, ou seja, recrutamentos forçados, prisões de recrutas ou parentes etc... Era reflexo também da crise política que a situação das regências causou nas províncias mais distantes da capital. Ao poder central não restou alternativa para o controle dos poderes locais senão dividir parte do poder, concedendo a possibilidade de formação de exércitos locais. Com isso transferiu aos líderes provinciais a responsabilidade pelos recrutamentos e agiu no interesse das populações locais, que resolveriam os problemas oriundos dos recrutamentos diretamente com os líderes provinciais. Estaria tudo muito bem se esse poder local não fosse a oligarquia agrária que dominou nosso país por pelo menos quatro séculos, transformando, gradativamente, a Guarda em uma instituição

---

<sup>6</sup>-CASTRO, Jeanne Berrance de. A Guarda Nacional. In: FAUSTO, Boris. (ed.). -História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, DIFEL, 1974, vol. 4, p.275.

partidária e eleiçoeira:"...Tendo em vista as peculiaridades da sociedade que lhe deu origem - uma sociedade escravista, colonial e mercantil, a Guarda Nacional pode ser analisada como uma instituição que delimita o espaço possível da cidadania, corporificando os que nesta sociedade são considerados cidadãos e arregimentando esses mesmos cidadãos na defesa da hegemonia da classe senhorial".<sup>7</sup>

As diversas fases por que passou a Guarda são apontadas por Jeanne Berrance de Castro: "A primeira fase, grosso modo, a da Menoridade, vai de 1831 até a reforma da lei em 1850, quando a corporação, como força de grande contingente popular, atuou de forma direta e intensa na campanha da pacificação nacional. A segunda fase que abrangeu o Segundo Reinado, de 1850 a 1889, caracterizando-se pelo início da aristocratização de seus quadros dirigentes, transformando-se depois em milícia eleiçoeira - força de oficiais sem soldados. Finalmente, na terceira fase, a republicana, irá verificar-se a absorção da milícia cidadã pelo Exército, como força de segunda linha, assim conservando-se até seu total desaparecimento em 1922" (Castro, 1974:174).

Nos interessa perceber que a Guarda Nacional foi a principal força auxiliar durante a Menoridade e o Segundo

---

<sup>7</sup>-CAPELLA, Leila Maria Correa, *As Malhas de Aço no Tecido Social: A Revista "A Defesa Nacional" e o Serviço Militar Obrigatório*. Dissertação de Mestrado, datilografado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985, p. 100.

Reinado, tornando-se um elemento básico para a integridade nacional. Seus corpos foram utilizados na manutenção da ordem, mesmo quando milícias do Exército, **"penetradas de radicalismo democrático"** (Bernardes, 1983:36) participaram dos movimentos de resistência ao centralismo monárquico das Regências, ou seja, foram utilizadas para o serviço de policiamento intensivo.

Criada para ser uma força de cidadãos, no império a cidadania era definida pelo critério da renda anual, que deveria ser superior a 100\$000. Segundo Jeanne Berrance de Castro: **"A formação dos quadros apoiava-se num critério econômico , na base de 100\$000 rs. anuais, que todavia, não era demasiado restritivo, pois, o comum das rendas desse tempo oscilava dentro dessa média, inclusive os de parte das classes menos favorecidas..."** (Castro,1974:279-280). Indo ao encontro do anteriormente afirmado, Carvalho nos passa os dados sobre a **"Renda e Ocupação dos Membros do 3º da GN Ativa de Paranaguá, 1877"**, onde a renda anual dos praças chega a 300\$000. Dos 501 praças apresentados, um é alfaiate, outro sapateiro e os 409 restantes são lavradores (Carvalho, 1977:192)

Eram dispensados do serviço na Guarda **"...altas autoridades[...] como também aqueles que ocupavam cargos de importância na vida pública nacional, isto é, senadores, deputados, membros dos conselhos gerais e presidentes e conselheiros de Estado, além de magistrados, que eram**

dispensados mesmo depois de alistados, se o requeressem. Pelo Decreto de 1832, as autoridades acima discriminadas e mais ministros de Estado, vereadores, chefes de repartição, passaram a formar as listas de reserva. Quanto a estudantes, professores e profissionais liberais, eclesiásticos, oficiais militares, que formavam a classe socialmente favorecida, eram também incluídos na reserva. Além desses, os empregados de categoria média ou inferior, mas ocupantes de cargos de relevância, tais como empregados públicos, de hospitais, e casas de caridade, de arsenais e oficinas nacionais, dos correios, ficavam também excluídos do serviço ativo. Eram incluídos na reserva administradores de fábricas e fazendas rurais, com mais de 50 escravos e que substituíam os proprietários, assim como feitores e vaqueiros de fazendas de gado com mais de 50 crias anuais, enfim, todos aqueles que se achassem ligados a estabelecimentos de importância econômica apreciável" (Castro, 1974:281).

Notamos, ainda, que de todos os dispensados poucos são os ligados a atividades rurais. A reserva da guarda nacional passa a ser uma forma de escapar ao serviço no Exército de 1ª linha e também ao serviço na própria Guarda Nacional. Com tantas isenções e cláusulas de participação na reserva o serviço na Guarda vai atingir, como no Exército, também os menos favorecidos: "A predominância de indivíduos das classes mais modestas no alistamento e qualificação de guardas nacionais, não

**só como soldados, mas como oficiais, inclusive superiores, foi fato comum a várias regiões do Brasil...** " (Castro, 1974:281) Um dos fatores do enfrentamento entre o Exército e a Guarda Nacional foi, além da disputa pela hegemonia do uso da força das armas, a hegemonia sobre o recrutamento de pessoal. Pelo que podemos verificar nas duas citações anteriores, Exército e Guarda Nacional disputavam os mesmos recrutas, o que deixa o Exército em desvantagem, pois o serviço na Guarda não tinha o peso característico do serviço militar no Exército.

Outro ponto que trazia vantagem à Guarda Nacional era o fato de que ela não trazia consigo as despesas que o Exército de linha tinha para a sua manutenção. Na Guarda Nacional as despesas eram pagas pela tropa. E mais, a Guarda acaba transformando-se em fonte de renda para as províncias: **"Se o dispêndio financeiro governamental com a milícia cidadã foi o mínimo, com verbas sempre aquém das necessidades, a partir de certo momento a Guarda Nacional passou a significar uma fonte de renda para o governo provincial através do pagamento do imposto do selo e emolumentos das patentes de oficiais guardas nacionais, sem o qual não poderiam entrar em exercício[...] pela lei n.º 602, de 19 de setembro de 1850, a matéria foi regulamentada ficando estabelecido que todos os oficiais da Guarda Nacional tivessem patente e por ela pagassem ..."** (Castro, 1974:285). As poucas despesas que o governo tinha com a Guarda Nacional estavam relacionadas ao fornecimento de

armamentos, bandeiras, tambores, cornetas e trombetas, material de escritório e soldo para os instrutores. A elitização do serviço na Guarda fica clara após a apresentação desses dados. A implicação de custos ao reservista nos lembra que nos Tiros de Guerra havia a exigência de associação, pagamento de jóia e de mensalidades.

A semelhança existente entre o serviço na Guarda Nacional e o dos Tiros de Guerra pode ser medida, também, pelo tipo de serviço militar prestado. Klaus Becker que, como já dissemos, estudou o processo de recrutamento para a Guarda Nacional na região de São Leopoldo, para a Guerra do Paraguai, nos passa os dados da memória de reservistas da Guarda, que nos possibilitam conhecer o tipo de serviço militar prestado, que, pelo menos em tempo de paz, será uma forma de privilégio: **"Com 18 anos também prestei meu serviço militar. Naqueles tempos naturalmente estávamos mais à vontade do que hoje (início do século XX. Nota do tradutor) Quartel não existia, e mesmo durante a semana a maioria de nós não dispunha de tempo. Por isso nos reuníamos nos domingos. Cada domingo de manhã às 9 horas passávamos revista enfrente (sic) da casa do Capitão Joaquim de Paula Fogaça. Todos os arrolados deveriam estar presentes. Seguidamente, porém, faltavam muitos... Da revista dominical o Sr. Lang conta o seguinte: `Inicialmente tocava a banda de música. Depois era feita a chamada, e de vez em quando também fazíamos exercícios, porém nunca em demasia... naquele tempo ainda tínhamos fuzis de**

**pederneiras e de antecarga, mas quase nunca atiramos...''<sup>8</sup>**

Levando-se em consideração que o serviço prestado era gratuito, não é de se esperar grande disciplina por parte desses guardas nacionais.

Dentre as formas de prestação de serviço às armas, o serviço prestado à Guarda Nacional é o que tem maior semelhança com o prestado nos Tiros de Guerra, por seu caráter elitista. Klaus Becker, ao historiar o recrutamento de alemães e descendentes no Rio Grande do Sul para a luta contra o Paraguai, afirma: **"Em princípios do século passado, o serviço na Guarda Nacional ainda era mais folgado e cômodo do que aquele nos antigos 'Tiros de Guerra', de saudosa memória"** (Becker, 1968:12).<sup>9</sup>

Outra semelhança entre o trabalho de Klaus Becker e o nosso se relaciona com as implicações de caráter étnico, de nacionalidade e, também, com o aspecto das relações de produção dentro de uma sociedade que é alvo de recrutamento em massa. Vejamos o que aconteceu durante o recrutamento para a Guerra do Paraguai, dando ênfase ao recrutamento de imigrantes e descendentes destes na região de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Sabemos que na Guerra do Paraguai pela primeira vez a Guarda Nacional foi utilizada num combate internacional. A

---

<sup>8</sup> BECKER, Klaus. **Alemães e Descendentes - do Rio Grande do Sul - na Guerra do Paraguai**. editora Hilgert & Filhos Ltda., Canoas, 1986.

<sup>9</sup> -BECKER, Klaus. **Alemães e Descendentes - do Rio Grande do Sul - na Guerra do Paraguai**. Editora Hilgert & Filhos Ltda, Canoas, 1968.

mobilização aconteceu em todo o território nacional "Em janeiro de 1865 mandou o governo destacar 14.796 guardas nacionais para o serviço de guerra e determinou igualmente na mesma data a convocação de 6.000 guardas nacionais da província de Minas Gerais e 3.000 da província de São Paulo[...] Em outubro do ano seguinte foram destacados mais 10.000 homens para o serviço de guerra, incorporando-os às forças regulares. Em 1867 foram ainda chamados para o serviço de guerra 8.000 praças da Guarda Nacional do Município Neutro, das capitais de diversas províncias e seus municípios, num reforço de ação de guerra" (Castro, 1974:286). Esse reforço de ação de guerra mostrará as tensões existentes entre imigrantes e nacionais na sociedade riograndense que se manifestaram através da xenofobia: "Os jornais da época falam de 8 a 12.000 homens, dos quais, segundo o jornalista e político Carlos von Koseritz, 'alguns milhares' seriam brasileiros de origem alemã. Comenta Von Koseritz no jornal 'Deutsche Zeitung' de 18 de janeiro de 1865, em artigo de fundo: 'Estes conhecem muito bem os seus deveres de brasileiros natos e igualmente estão dispostos de defender sua Pátria. Acham-se, no entanto, numa situação constrangedora por serem considerados pela maioria dos oficiais e sargentos de origem lusa brasileiros [sic] como de segunda categoria. Eis a razão porque muitos se apresentam com muito desgosto, pois sabem de antemão do péssimo tratamento que recebem daqueles, começando

pelos apelidos de 'estrangeiro' e 'prussiano', até o 'alemão de merda' etc. Além disso tinham que fazer os serviços mais baixos, recebiam as piores armas e um tratamento inferior aos demais guardas nacionais" (Becker, 1969:13). A prestação do serviço militar se apresenta como um espaço privilegiado para as manifestações de xenofobia: "O Major Paula odiava e perseguia o elemento de origem alemã. Alistava os guardas nacionais à força, como o já citado Major Loureiro, mesmo aqueles isentos por lei do serviço militar, ao mesmo tempo que não recrutava brasileiros de descendência lusa que pela mesma lei deveriam servir[...]Uma das especialidades do Capitão Paula foi a de incorporar à sua seção menores de 15 e 16 anos de idade, e declará-los por 18, baseando-se na altura e aparência física destes jovens[...]" (Becker, 1968:27).

Outro aspecto que o serviço militar atinge e ao qual causa danos é o da produção. Como já pudemos ver com relação ao serviço militar no Brasil-Colônia o setor produtivo reclama a mão-de-obra que se perde com as convocações. No caso da Guarda Nacional, no Rio Grande do Sul, o fato de os imigrantes, por lei, não poderem possuir escravos, dentro de uma economia basicamente escravista, faz com que a cada convocado enviado à frente de batalha a produção familiar fique debilitada. Como se já não fosse o suficiente, a convocação ultrapassa as barreiras do legal: "**Embora o Presidente da Província houvesse dado ordens expressas a todos os comandantes de corpos da Guarda Nacional no**

sentido de que não convocassem pais de família, filhos únicos de viúvas e viúvos com filhos menores, nas picadas de São Leopoldo foram incorporados à força não só homens nestas condições, como também inválidos e outros, cujo estado de saúde não permitia a marcha para a campanha, enquanto os afilhados e outras pessoas de relação dos dois comandantes e oficiais amigos ficavam sossegados em casa, como se o País não estivesse em guerra[...]"

(Becker, 1968:31). Com relação ao serviço militar é um ato de extrema ingenuidade pensar que alguma lei pudesse ser obedecida à risca, principalmente se estivermos falando do período colonial ou do Império, no período republicano alguns aspectos começam a mudar, somente após intensa campanha feita pela Liga de Defesa Nacional. A exceção à regra logo vem à tona, pois **"o decreto nr. 3509 de 12 de setembro de 1865 regulamentou a matéria"** (Becker, 1968:24-25), a lei que parece ter sido regularmente cumprida, era a que permitia que o cidadão convocado para a Guarda Nacional apresentasse um substituto para servir em seu lugar (a lei também permitia que convocados ao Exército apresentassem substitutos). Klaus Becker fez o resgate de alguns dos contratos firmados entre convocados e substitutos, encontrados em um **"velho livro-cópia de uma antiga casa comercial"**, na Picada Quatorze, em São Leopoldo. A seguir transcrevemos um dos contratos de substituição que nos é apresentado por Becker: **"O Ten.te Corel Antonio José da Rocha Jr. Comm.e do 12 Corpo de Cav.a da G. N. de São Leopoldo Etc.**

Dispensa da Marcha e reunião do corpo durante a guerra actual com os Paraguayes [sic] o guarda Jacó Reinheimer da 2ª Comp.a por ter dado em seu lugar como seu substituto a J.e Hemsing, o qual o substituirá durante toda a guerra actual. Ficando portanto dispensado de todo o serviço e deve apresentar este a seu respectivo Comm. de companhia para nottar.

Quartel do Commando em Acampamento da Estancia Nova, 22 de setembro de 1865 (ass) Antonio José da Rocha Jr" (Becker, 1968:22). Está claro que o ato de substituição não era apenas prova de amizade, o substituto que estava indo à guerra correria o risco de perder a vida neste ato. O pagamento de substitutos cria um verdadeiro comércio, chegando a existir, em Porto Alegre, uma agência de substitutos, que intermediava a negociação e, mediante o pagamento de comissão, encontrava o substituto se o convocado pudesse pagar. Inicialmente os preços apresentados para o pagamento de substitutos variam de 300\$000 a 450\$000, mas como a procura foi sempre maior que a oferta com o decorrer da guerra o mercado inflacionou-se.

A lei, em seu artigo 1º, rezava que o substituto serviria por nove anos e, em caso de o substituto já ter servido o Exército, o prazo se reduziria para seis anos, ficando o substituído como fiador do substituto pelo período de um ano. Pagar para que um substituto prestasse o serviço, além de significar a liberdade do convocado, significava também que seu braço podia permanecer na produção, embora nem todos pudessem

pagar por sua substituição e acabavam tendo de enfrentar a guerra, ou a ilegalidade da deserção.

Klaus Becker segue seu trabalho falando da participação de alemães e descendentes na Guerra do Paraguai, detalhando batalhas em que corpos inteiros saídos do Rio Grande do Sul participaram. A nós interessa perceber a intensa propaganda que foi feita para a participação dos imigrantes ou descendentes destes na guerra, também as formas de recrutamento que ainda se caracterizam por relações violentas ou de cunho financeiro, privilegiando os que podiam pagar e penalizando os menos favorecidos. O papel da imprensa também deve ser ressaltado, pois o trabalho de Klaus Becker, em grande parte, só foi possível porque teve como fonte o jornal **Deutsche Zeitung** e os artigos escritos por Karl von Koseritz.

Voltaremos a falar sobre a Guarda, mas em outras circunstâncias, dentro do espaço republicano, tendo no Exército seu principal opositor.

### 1.2.3 O Exército e a Guerra do Paraguai

O retorno vitorioso do Exército Brasileiro da Guerra do Paraguai possibilitará um espaço de ação e propaganda para a oficialidade do Exército, que não tinha sido possível em todo o período que a precedeu. Anteriormente o Exército era considerado

uma força ligada ao Imperador: **"Receava-se que uma corporação militar profissional, ao contrário de forças milicianas de cidadãos, buscasse naturalmente, em caso de conflito irremediável entre poderes amplamente dispersos, recompor no Executivo, no Imperador, a unidade de comando a que estão habituados os militares[...] o certo é que a classe política do Império, sobretudo os liberais, jamais se acomodou com a existência de uma força militar permanente, disciplinada e profissional, ou seja, com a existência de um Exército nacional. A sua preferência sempre fora por uma milícia civil, uma força de cidadãos-soldados sob comando regional"**<sup>10</sup>. Agora, o Exército poderá sair de seu estado latente e agir, no sentido de opinar sobre os destinos políticos da Nação e até exigir uma fatia maior do orçamento para aplicação no Exército, pois seu orçamento ainda tinha de ser dividido com a Guarda Nacional. O estado de miséria em que o Exército vitorioso se encontrava e a falta de espaço para a opinião política foram parte dos principais motivos da "questão militar", fato que teve papel importante na queda do regime monárquico: **"Provavelmente a própria guerra, devido à participação considerável de corpos de voluntários, tenha despertado em muitos a certeza da inutilidade de um exército numeroso e permanente tanto quanto da inutilidade do serviço militar temporário para o cidadão, pois havia**

---

<sup>10</sup> -COELHO, Edmundo Campos. **Em Busca de Identidade: O Exército e a Política na sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1976, pp. 38-39.

demonstrado, no entender de um deputado da época, que são desnecessárias a teoria e a prática para que o cidadão possa ser soldado" (Coelho, 1976:43). O pensamento de que o Exército deveria ser minimizado repercutiu no próprio imperador, que reduziu os seus quadros logo após a guerra, e igualmente pode ser notado nas constantes leis de obrigatoriedade do serviço militar editadas a partir da década de 70 do século XIX, que permaneceram letra morta, como logo veremos.

O discurso que se origina com a questão militar é o do "soldado-cidadão", em oposição ao de "cidadão-soldado" dos primeiros tempos do Império, posto em prática com a fundação da Guarda Nacional. O "soldado-cidadão" carrega em si os valores do cidadão perfeito, patriota, digno e capaz de conduzir os desígnios da sociedade: "[...]tratava-se de criar não o cidadão-soldado mas o soldado-cidadão. Eram os beneficiários do monopólio de portar armas, componentes da burocracia estatal, que queriam para si a plenitude dos direitos de cidadania. Para isto só não renunciavam a condição de integrantes do estado como se utilizavam da força que esta condição lhes dava. Lutavam de dentro para fora, não eram parte de um movimento da sociedade. Poder-se-ia dizer que buscavam maior participação através do pertencimento ao Estado, isto é, não se tratava tanto de cidadania mas do que poderíamos chamar de estadania"<sup>11</sup>. Carvalho

---

<sup>11</sup>- CARVALHO, José Murillo de. República e Cidadania, Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 28, 1985, p. 150.

caracteriza e aprofunda seus estudos mostrando que a luta do Exército estava voltada para sua participação na estrutura do Estado, o que o Exército persegue é sua legitimação como instituição permanente.

### 1.3 O Serviço Militar na República

Voltando à questão das leis para a obrigatoriedade do serviço militar, ainda na **"década de 1870, a agitação republicana contra a Monarquia e a preocupação do Exército em relação ao seu status e a sua posição conduziram à aprovação, em 1874, da primeira lei do serviço militar obrigatório"**<sup>12</sup>, que estabelecia o alistamento universal e o sorteio e permitia a apresentação de substitutos, a que já nos referimos, e criava isenções especiais para bacharéis, padres, profissionais liberais, comerciários, etc... A segunda lei apareceu na primeira Constituição republicana, de 1891, que em seu artigo 86 **"Declarava que todo brasileiro é obrigado a prestar o serviço militar em defesa da Pátria e da Constituição, mas a lei necessária a sua aplicação, que exigia um ano de serviço com seleção por sorteio, não foi aprovada até 1908."** (McCann,

---

<sup>12</sup> -MCCANN, Frank D. *A Nação Armada: Ensaio Sobre a História do Exército Brasileiro*. Recife, 1982, p. 25.

1982:32) A permanência de isenções na lei de 1874 e a não-regulamentação do sorteio na de 1891 deixaram ao Exército somente a possibilidade de recrutar seus efetivos de soldados nas camadas baixas da sociedade, esta será a realidade dos recrutamentos até o sorteio instituído em 1916.

### 1.3.1 Os "Jovens Turcos" e a Afirmação do Exército na 1ª República

Na virada do século o Exército redireciona seu discurso, segundo Carvalho (Carvalho, 1977:210-215). Os militares justificam sua ação através da criação de três discursos: o primeiro, do **"soldado cidadão, ou a intervenção reformista"**, que já foi basicamente trabalhado aqui; o segundo, do **"soldado profissional, ou a não intervenção"**, que caracteriza a ação do Exército nos primeiros tempos da República, período em que ele está diretamente ligado ao poder e em que sua estrutura aumenta consideravelmente; e, o terceiro, do **"soldado corporação, ou a intervenção moderadora"**, assumida no pós-trinta e Estado Novo, quando o Exército dá respaldo ao poder civil. A pertinência desses discursos é posta em questão por Leila Maria Corrêa Capella em sua dissertação de mestrado: **As Malhas de Aço no Tecido Social: A Revista 'A Defesa Nacional' e o Serviço Militar**

**Obrigatório.** Suas conclusões vão além da seqüência de discursos mostrada por Carvalho, mostrando que a periodização proposta não se sustenta quando o conhecimento da história militar do período republicano é um pouco mais aprofundado: **"Embora ainda seja necessário estender as pesquisas sobre os `turcos' e os militares em geral, para se ter opiniões conclusivas, podemos, a partir do material trabalhado nesta pesquisa, perceber, em primeiro lugar, que a ideologia do soldado cidadão não dá conta, sozinha, da especificidade do conjunto ao qual foi atribuída como marca diferenciadora. Entre os fundadores da república, havia grupos tão diferentes como os discípulos de Benjamim Constant e os jacobinos; os tenentes, por sua vez, pertencem a outro momento histórico e não parecem ter muita coisa em comum com os bacharéis-fardados ou jacobinos. Para complicar mais um pouco, o conceito de soldado cidadão, que sintetizaria o pensamento desses grupos mencionados, também é encontrado no discurso dos `jovens turcos', os quais, na tipologia mencionada, estariam ligados a um outro patamar de idéias[...] podemos, desde já, questionar a concepção de soldado-profissional como sinônimo de não-intervenção. E, procurando um lugar ideológico para os `turcos', talvez eles se ajustem melhor à idéia de uma `intervenção corporativa' [...]"** (Capella, 1985:85).

Capella, mostrando a multiplicidade de discursos que compunham o Exército da recém proclamada República, expõe o

quanto são limitadas as tentativas de enquadramento das instituições. O fato de encontrarmos um discurso hegemônico, o dos 'jovens turcos', não quer dizer que tenhamos encontrado o Exército em sua plenitude. Se seguissemos a periodização dos discursos propostos por Carvalho para o Exército, o período e a ação que trabalhamos agora estariam relacionados com o "soldado profissional ou a não intervenção", dentro do espaço de tempo conhecido na história do Brasil como a Primeira República.

Mas, como bem nos alertou Capella, nesse período a ação e o discurso dos 'jovens turcos' é intervencionista e acreditamos que essa conclusão é pertinente. Nossa pesquisa também aponta nesse sentido, quando percebe o Exército atuando diretamente no processo de "nacionalização" da população de origem européia, no Rio Grande do Sul, principalmente a alemã. Estamos diante de um tipo de ação que caracteriza a intervenção do Exército na sociedade brasileira.

Hélgio Trindade diz que ao agir assim o Exército estará sendo um instrumento da consolidação do Estado nacional na 1ª República. Diz, também, que é nesse mesmo período que o Exército consegue afastar a Guarda Nacional, tornando-se força hegemônica na "penetração repressiva" do Estado, principalmente após a instituição do serviço militar obrigatório (Trindade, 1985:77). Neste momento poderíamos aplicar os estudos de Max Weber, conforme a leitura feita por René Dreifus: "[...] a estrutura militar, entendida como a força organizada enquanto meio de

*dominação pessoal* (sultânica, feudal, aristocrática, autocrática etc.), também é expropriada, concentrada e centralizada, até se fazer meio de *dominação política* (republicana, burguesa, democrática, pluralista etc.). Sendo parte do processo de institucionalização militar e de dominação estatal - já que o controle sobre as pessoas é primordialmente físico e portanto delimitado espacialmente - a força organizada como Exército tornou-se um foco excludente e exclusivista sobre um território dado (conquistado, comprado, ou 'natural' e historicamente ocupado)".<sup>13</sup>

Os autores com que trabalhamos até agora dão ao Exército o papel de braço armado do Estado, encarregado da "dominação pessoal", por meio da "intervenção corporativa", ou sendo o encarregado da "penetração repressiva", transformando-se num instrumento de consolidação do Estado.

Coelho em sua crítica à concepção instrumental aponta para o erro que cometem alguns autores ao tomar o Exército como instrumento de ação de uma classe social, transformando-o em uma de suas partes. Claramente atinge os que colocam o Exército como instrumento de ação da "classe média", o que é o caso da maioria dos trabalhos sobre o tenentismo (Coelho, 1985:6). Não queremos cair no mesmo erro apontado por Coelho, tomando os "turcos" como únicos representantes do Exército. O que queremos

---

<sup>13</sup>-DREIFUS, René Armand. *Política, Poder, Estado e Força: Uma Leitura de Weber*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1993, p. 26.

salientar é que eles são a vanguarda de um processo de modernização por que passa o Exército, alcançam a posição de discurso hegemônico e, junto com a bandeira da profissionalização dos militares permanentes, agitam a bandeira do serviço militar obrigatório, único meio capaz de transformar o povo brasileiro em verdadeiros cidadãos.

Os "jovens turcos", que fundam em 1913 a revista **A Defesa Nacional**, eram os principais defensores de um Exército moderno e profissional, que teria no serviço militar obrigatório o principal meio de difundir sua proposta de defesa nacional à população. Ao estudarmos sua ação não podemos deixar de ressaltar o caráter educativo e disciplinador que o Exército assume, como principal representante da cidadania, no discurso dessa corrente.

### 1.3.2 AS Missões e as Reformas Militares

A influência estrangeira na organização da força armada brasileira remonta à Colônia e tem seu princípio na organização do Exército português para a Guerra dos Sete Anos. Portugal tenta, já naquela época, aproveitar a experiência dos prussianos na arte da guerra, colocando como comandante em chefe de suas forças **"o príncipe Guilherme, conde reinante de Schumbourg-Lippe - o conde Lippe -**, acompanhado de vários oficiais prussianos, os

quais tentaram formar o exército português nos moldes dos europeus. Alguns destes oficiais foram enviados ao Brasil para **organizar o Exército colonial**" (Peregalli, 1986:42), experiência que também foi útil nos conflitos no Rio Grande do Sul, entre os tratados de "Madrid" e "Santo Ildefonso". O Exército Colonial no Brasil recebera oficiais dessa missão. Um dos generais do Conde Lippe chega ao Brasil em 1767: **"João Henrique Böhm[...] nomeado por Pombal como inspetor-geral do exército em todo o Brasil"**(Peregalli, 1986:42). Não custa lembrar que para combater nas guerras platinas, do século XIX, as forças brasileiras tiveram o reforço expressivo de mercenários alemães, os já citados **Brummers**, o que atesta boas relações militares entre o Brasil e a Alemanha.

Sem dúvida alguma as missões que construíram o Exército brasileiro moderno são: a dos "Jovens Turcos", a "Missão Indígena" e a "Missão Francesa". Nessa construção o Exército passa por reformas internas que visavam ao aperfeiçoamento profissional dos militares. O movimento de conscientização e modernização que é intensificado pelos "Jovens Turcos" no Exército brasileiro tem sua origem no ambiente da recém criada República. O Exército brasileiro desse período tinha aprendido com a Campanha de Canudos que necessitava de um preparo militar mais apurado, pois tinha deixado a desejar nas questões de disciplina e, principalmente, de tiro. Reformas militares são tentadas: **"As tentativas do General Mallet, em 1901, tentando**

reforçar o ensino prático, falham devido à política de contenção monetária de Campos Sales. Mas a adoção de novos princípios militares se faz, ainda que sumariamente nas Escolas Militares do Rio de Janeiro, enquanto que as do Rio Grande do Sul e Ceará continuam com métodos tradicionais".<sup>14</sup>

Na citação acima podemos perceber que a aplicação de recursos na instrução esbarra nas dificuldades financeiras por que passava a Nação e, um aspecto que é fundamental, percebe-se que não há no Exército uma unidade com respeito à instrução nas escolas militares e muito menos nas guarnições espalhadas por todo o país. No período aqui estudado existem, dentro do Exército, resistências e grupos de interesse dos mais diversos. Os que mais se destacam são: o dos "Tarimbeiros", profissionais formados na prática militar; os intelectuais, formados no Rio de Janeiro, positivistas seguidores de Auguste Comte; e os "Jovens Turcos" que com sua retórica do militar profissional e do serviço militar obrigatório dão um dos principais passos para a afirmação do Exército como a força representativa da Nação, expressão da nacionalidade brasileira.

O movimento dos "Jovens Turcos" - que é responsáveis pela difusão da noção moderna de Defesa Nacional, que abrangia todos os aspectos relevantes da vida do país, desde a preparação militar até o desenvolvimento de indústrias - tem seu começo com o envio de missões de oficiais brasileiros à Alemanha para

---

<sup>14</sup>-CARONE, Edgard. *A República Velha*. vol. 1, DIFEL, São Paulo, 1975, p. 351.

estágios. Apesar da espera de uma missão que atuaria em território brasileiro, três turmas foram enviadas, em 1906, 1908 e 1910. Da última turma que foi para a Alemanha participaram 22 oficiais. Alguns deles, em vista de não haver nenhum compromisso para aplicação dos conhecimentos aprendidos, ao regressarem, preferiram permanecer junto à tropa, atuando diretamente na instrução. Mas não se furtaram de fundar uma revista, **A Defesa Nacional**, onde puderam transmitir a dinâmica que pretendiam dar ao Exército e à Nação.

Suas propostas atingiam grande extensão e visavam a combater a "rotina" que entravava a modernização do Exército. Edmundo Campos Coelho mostra: a "[...] **constituição do Exército em unidades (divisão) desde tempos de paz, recrutamento mediante obrigatoriedade do serviço militar, instrução orientada para o combate, campos de instrução em todas as guarnições, armamento moderno, munição para os exercícios de tiro, fardamento e calçamento adequado, contrato de uma Missão Militar estrangeira para colaborar na remodelação e aperfeiçoamento profissional do Exército[...]**" (Coelho, 1976:79).

Houve ainda uma missão formada por oficiais brasileiros, dentre eles alguns "turcos", que se chamou de Missão Indígena, que funcionou na Escola do Realengo, no Rio de Janeiro, de 1919 a 1922, e que agiu no sentido de profissionalização dos militares.

Na Escola do Realengo começa a funcionar, em 1918, um Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de infantaria para a formação de sargentos instrutores dos Tiros de Guerra.

Não nos passa despercebido que a organização do modelo militar brasileiro tem grande influência germânica. A partir de 1912 gradativamente vão sendo traduzidos manuais do Exército alemão para a utilização na instrução de nosso Exército. Primeiramente foi traduzido o **Regulamento de Ginástica para Infantaria e Tropas a Pé**, logo depois alguns ex-estagiários do Exército alemão traduziram o **Guia para o Ensino da Tática** que era utilizado nas Escolas de Guerra prussianas e, também, o **Curso de Tiro para Infantaria** do general alemão H. Rohne, editado e distribuído aos assinantes pela revista **A Defesa Nacional**.<sup>15</sup> A organização da instrução na Escola do Realengo estava a cargo de dois "jovens turcos". Após a 1ª Guerra Mundial a linha predominante será a francesa, já que uma missão da França ficará no Brasil, orientando as ações do Exército.

É preciso ressaltar que, antes da 1ª Guerra, existiam pelo menos duas correntes de pensamento, entre os militares, sobre que influência seguir, a francesa ou a alemã. A 1ª Guerra veio definir esse assunto dando primazia aos franceses. A escolha de uma Missão Francesa para o Brasil, se vista na ótica de que estávamos recebendo a orientação direta de um país vencedor,

---

<sup>15</sup>-DENYS, Mal. Odylio. Renovação do Exército - Missão Indígena. Revista **A Defesa Nacional**. n.718, Rio de Janeiro, março/abril 1985, pp. 12-13.

pode parecer óbvia, mas não era assim no pré-guerra, quando por tradição - se contarmos as reformas do Conde Lippe e a vinda de mercenários para as Guerras Platinas - e por prática recente - a aplicação dos conhecimentos militares adquiridos pelos "jovens turcos" - a predominância de influência era germânica.

### 1.3.3 O Serviço Militar Obrigatório

Já referimos que as leis que tentaram organizar o serviço militar obrigatório, no Brasil-Colônia e no Brasil- Império, tornaram-se "letra morta". O país permanece nos princípios da República utilizando normas e regulamentos que foram organizados pela reforma do Conde Lippe. Apesar do crescimento verificado no Exército, logo após a Proclamação da República, os métodos utilizados para o recrutamento da tropa ainda guardam muita semelhança com os utilizados na Colônia ou no Império.

Para que se chegasse até o Serviço Militar Obrigatório foi preciso uma longa caminhada parlamentar que efetivamente começou no ano de 1874, foi secundada pela constituinte de 1891, que o transformou em lei estabelecida no artigo 86 da constituição, o qual dizia :"**todo o brasileiro é obrigado a prestar o Serviço Militar**". Em 1908 é votada e aprovada a lei de sorteio, que só veio a ser efetivada oito anos depois, em dezembro de 1916.

O debate entre os parlamentares na aprovação da lei de 4 de janeiro de 1908 nos coloca a par da preocupação com o saneamento dos antigos vícios incorporados ao serviço militar. O senador, pelo Centro Republicano Conservador, Lauro Sodré, manifesta-se assim, segundo o jornal **A Federação** de Porto Alegre: "O senador pelo Distrito Federal, como portador de uma representação contra o projeto, dirigida ao senado pelo Centro Republicano Conservador, e como signatário do parecer a respeito dele, emitido pela comissão de marinha e guerra, julgou dever externar a sua opinião na matéria.

S. Ex. considera de necessidade urgente a execução de parte do projeto relativa à organização do Exército, elaborada pelo distinto ministro da guerra, que com patriotismo e firmeza se consagrou à obra de higiene material e de saneamento moral de nosso Exército.

Quanto à parte relativa ao sorteio, acha que reclamava mais detido exame antes de ser posta em prática, não porque considere dispensável o sorteio para a constituição do Exército, mas por lhe parecer que, como está, a nova lei pode dar lugar a arbítrios e violências. Não compreende mesmo o clamor contra o sorteio em si, quando é certo que essa forma de constituição do exército já se acha prescrita em lei que está em vigor, a de 1874, e que só não teve execução pelas isenções odiosas que consagra.

**Escoimada de tal vício, não vê razão para se combater uma lei de sorteio, que acautele devidamente todos os direitos e não dê chances ao arbítrio e a opressão"** (A Federação, Porto Alegre, n. 6, 7 de janeiro de 1908). A preocupação do Senador Sodré estava diretamente ligada ao que ele mesmo chamou de "isenções odiosas". A lei de 1908 continuava permitindo isenções. Agora havia sido criada a figura do "voluntário especial", que estaria isento do serviço militar caso participasse das manobras anuais durante três meses. Essa era a alternativa oferecida aos estudantes, que para isso poderiam utilizar seu período de férias escolares. As condições para que um cidadão pudesse usufruir dessas "formas" estão, no período, ligadas à possibilidade de estar estudando, ou à de pagar a jóia e a mensalidade de uma Sociedade de Tiro, o que exclui grande parte da população brasileira. É bom lembrar que a Guarda Nacional ainda não havia sido extinta e, portanto, tínhamos mais uma forma que permitia a isenção de um serviço que poderia ocupar dois anos ininterruptos da vida do cidadão.

Como podemos ver na **Relação de Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul** (vide Anexos), o ano de 1908 é também o marco oficial dos Tiros de Guerra, pelo menos em Porto Alegre. Essa data marca a filiação dos Tiros de Guerra à Confederação dos Tiros de Guerra. Apontamos para isso para caracterizar que, com a votação e a aprovação de uma lei de serviço militar

obrigatório, concomitantemente tomam-se medidas que vão possibilitar formas diferenciadas de cumprir o serviço militar.

Mas, mesmo sendo aprovada, a lei não entrou em vigor. Havia resistências a serem vencidas e essas resistências estavam localizadas. Havia oposição dentro do próprio Exército, junto aos políticos, junto à população operária, junto às oligarquias estaduais, junto aos setores médios e altos da sociedade: "[...] **O auge da campanha antimilitarista foi em 1908, após a aprovação da lei do sorteio. Criou-se, no Rio, na sede da Federação Operária, uma Liga Antimilitarista Brasileira, que editou o jornal Não Matarás. O manifesto da Liga era um virulento libelo contra o militar em geral e contra o serviço militar em particular. Depois de dizer que o serviço no quartel corrompe o cidadão e destrói a família, terminava conclamando a todos a não se submeterem, a se negarem a qualquer tipo de recenseamento, inclusive o eleitoral (poderia ser utilizado para o sorteio), a emigrarem, a se naturalizarem cidadãos de outros países e, se afinal recrutados, a desertarem em massa. A pátria, segundo a Liga, era do interesse exclusivo da classe capitalista dominante**" (Carvalho, 1985:158-9).

Seguindo-se os caminhos trilhados pela resistência operária ao serviço militar obrigatório, encontraremos a crítica aguda e iconoclasta do movimento anarquista. No periódico anarquista **A Vida**, editado em 1914 e 1915, no Rio de Janeiro,

encontramos a imagem atribuída a todos os soldados e a todas as pátrias: "[...] Para impedir qualquer reclamação dos trabalhadores, eles seduzem outros trabalhadores ignorantes em cujos cérebros cultivam a idéia de pátria, dizendo-lhes que precisam defender as suas instituições, quer contra ataques externos, quer contra revoltas internas; dão-lhes uma farda e lhes chamam soldados.

Esses soldados submetem-se á disciplina, isto é, obrigam-se a não pensar, nem agir por si mesmos, mas sempre por ordem de seus superiores; de modo que, se lhes mandarem matar, são obrigados a matar, seja a quem for e sem saber porque transformando-se assim em homens máquinas de matar.

Esses homens são o instrumento da guerra.

Existem guerras porque há homens ignorantes e a tal ponto brutalizados, que aceitam como causa sagrada, o preconceito de pátria e se submetem cegamente às ordens de outros homens seus superiores."<sup>16</sup>

Na mesma revista, podemos ver que a resistência ao serviço militar não aconteceu somente na capital, Rio de Janeiro. Em uma matéria intitulada "Breve Notícia sobre o Movimento Anarquista em Porto Alegre", Polidoro Santos, escrevendo "pelos camaradas", nos dá o breve histórico do movimento em Porto Alegre. Ali, fora

---

<sup>16</sup>- A Vida, Publicação Mensal Anarquista. ano 1, nº1, Rio de Janeiro, Typ. Internacional, 30 de novembro de 1914, pp.13-14. (Edição fac-similar contendo 7 volumes da revista, organizada pelo CMS - Centro de Memória Social e pelo ASMOB - Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro - Milão/Itália, editora Ícone, São Paulo, 1988.)

criada uma Liga Antimilitarista: "Por iniciativa dos anarquistas foi aqui fundada a *Liga Anti-militarista*, que teve vida efêmera pois, poucos dias depois de instalada, foi assaltada por alunos da Escola Militar, sendo o material de sua sede completamente destruído no meio de tiros e reflex [sic]."<sup>17</sup> O confronto de idéias passa para confronto físico.

As resistências ao serviço militar obrigatório só permitiram a aprovação de uma lei de sorteio no ano de 1908. Mesmo assim, foi somente em 1916, após intensa campanha feita pelos "Jovens Turcos" e pela Liga de Defesa Nacional que a lei foi promulgada. É preciso também ressaltar o efeito moral causado pela 1ª Guerra Mundial e pelo fato de, pelo menos no sul, existirem núcleos de população "estrangeira" que precisavam ser nacionalizados: "A guerra funciona, no Brasil, como um agente catalisador das diferentes propostas elaboradas para a sociedade brasileira e que encontram, naquele momento, sua platéia e seu campo de combate. De um lado, estão as camadas privilegiadas, unidas a um grupo de militares; do outro, os operários sob a liderança anarco-sindicalista. Enquanto os dois primeiros grupos pretendem construir uma determinada nação brasileira, os últimos são internacionalistas e recusam essa proposta[...] Tendo como pano de fundo a tensão provocada pelo clima pré-guerra e pela própria guerra, desenvolve-se no Brasil uma luta ideológica, cujas armas

---

<sup>17</sup>- A Vida, ano 1, n.1, Breve Notícia Sobre o Movimento Anarquista em Porto Alegre, p.14.

são de fabricação européia - os conceitos de *nação, defesa, internacionalismo*, e empunhadas ao mesmo tempo que na Europa. Mais do que uma simples questão de mimetismo, esse processo, que guarda semelhança com o que acontecia na Europa, significa que o planeta se unificara, sob o signo da expansão capitalista, em que pesem as diferenças profundas existentes entre as diferentes **formações sociais**" (Capella, 1985:21-2). A resistência à promulgação da lei do serviço militar obrigatório é organizada por trabalhadores, ligados ao movimento anarquista, que não concebe a existência do conceito e de uma prática relativa à pátria. A Nação e as noções de defesa nacional serão defendidas pelo Exército, ou por parte dele, representado nos "Jovens Turcos" e na Liga de Defesa Nacional - fruto da união de interesses entre o Exército e a sociedade civil, principalmente a ligada ao comércio e à produção industrial,"[...]**criada em 1916. Entre seus membros estavam representantes de todas as classes produtoras e defensoras do país', e seus objetivos incluíam propagar a instrução primária, profissional, militar e cívica; defender, com a disciplina, o trabalho'**" (Carvalho, 1977:232).

Dentro da concepção de defesa nacional, defendida por esse movimento, a preparação militar e o desenvolvimento de indústrias são pontos primordiais; eis o fator que liga militares e industriais na Liga de Defesa Nacional. Capella nos apresenta uma relação de sócios beneméritos remidos ou

efetivos da Liga de Defesa Nacional, onde a presença de empresas é especialmente notada: "As adesões de sócios-beneméritos, remidos ou efetivos foram numerosas no mês de novembro; empresas, fábricas, clubes, associações e ainda políticos, militares e profissionais liberais, dando a impressão de que ninguém, pessoa física ou jurídica, queria ficar para trás. Entre as empresas estavam a Brazil Railway Company, a Cia de Transportes e Carruagens, a Cia Mogiana de Estrada de Ferro e Navegação, o Lloyd Brasileiro, a Cia Cruzeiro do Sul. Entre as fábricas, destacavam-se a Cia Souza Cruz, a Cia de Tecidos Confiança Industrial, a Cia de tecidos São João e a Cia Fiação de Tecidos Corcovado" (Capella, 1985:230).

Mas essa relação amistosa entre Exército e empresas civis pode não ser apenas a manifestação do patriotismo destas. A participação dessas empresas pode caracterizar a existência de um interesse maior entre o capital privado e o Exército. "A criação da Liga de Defesa Nacional significa a aproximação e o entendimento entre militares e as elites civis, tradicionalmente avessos uns aos outros, em torno de um objetivo comum: a defesa nacional. A Liga é a abertura, no mundo da política, da produção e da circulação de um canal para a difusão de um certo pensamento sobre a nação brasileira e sua defesa, elaborado por um grupo de militares, cujo núcleo eram os 'jovens turcos', mas

que contava com colaborações preciosas, como a do General Caetano de Faria, Ministro da Guerra" (Capella, 1985:233).

Apenas para caracterizar a possibilidade de que algum outro interesse pudesse estar envolvido na participação de empresas, na Liga de Defesa Nacional, queremos chamar a atenção para a participação da Brazil Railway Company, que teve seus interesses defendidos pelo Exército Nacional no caso do Contestado (1911-1916), em Santa Catarina.

Poderíamos aqui caracterizar uma contrapartida feita pelo capital internacional aos bons serviços prestados pelo Exército, quando verificamos que essa empresa, que fez parte da Liga de Defesa Nacional, teve seus interesses defendidos pelo próprio Exército.

A revista **A Defesa Nacional** classificou os caboclos do Contestado como inimigos internos, enquadrados como uma questão que afetava a defesa do país. Dentro da abrangência de seu conceito de defesa nacional os caboclos catarinenses deveriam ser combatidos.

Os resultados práticos da cruzada cívica encabeçada pela Liga logo se fazem sentir. Em dezembro de 1916, com a presença do Tiro N.º 7, foi realizado no Quartel General do Rio de Janeiro, o 1º Sorteio Militar. Como a situação exigia, foi realizada uma cerimônia especial prestigiada pela presença do presidente da República, Wenceslau Braz.

#### 1.3.4 A Insubmissão

No texto "As Forças Armadas na Primeira República", de José Murilo de Carvalho, percebemos a trajetória percorrida pelo Exército Nacional no sentido de aproximar-se da sociedade brasileira, modificando a imagem que trazia da Colônia e do Império, quando a legislação permitia até o recrutamento contra a vontade da pessoa, conforme decreto de 1835 (Carvalho, 1977:189).

Na República muitos foram ao serviço militar contrariados. Houve resistências em todos os períodos e a República não foi exceção. Nos primeiros tempos são constantes os pedidos de **habeas corpus** impetrados contra o serviço militar obrigatório, posto em prática a partir da introdução do sorteio no ano de 1916.

As resistências da população ao serviço militar foram constantes, manifestando-se principalmente na insubmissão e na deserção. Os números de insubmissos no Brasil, para os anos de 1918 e 1919, foram 14.393 e 23.993, respectivamente (**Correio Serrano**, 27 jun. 1919, p.1). As relações dos insubmissos eram enviadas ao chefe de Polícia, para captura: **"Os jornais começaram a publicar a relação nominal dos sorteados insubmissos deste ano. Atinge 2790 neste Estado, o número de maus patriotas, sujeitos às penas da lei. As autoridade policiais do estado já conseguiram capturar 53 que já foram entregues às autoridades**

**militares"** (**Correio Serrano**, 21 jul. 1919, p. 2.). Parece que não havia muito espaço para a luta pelo direito de não servir no Exército. Sujeito à busca policial o insubmisso se encontrava na mesma situação em que se encontravam os fugitivos do serviço militar, na Colônia e no Império, com o agravante de ver o seu nome na imprensa e, ainda, ser tachado de mau patriota e submetido a julgamento pelo Conselho de Guerra.

O jornal **Correio Serrano** divulga os nomes de onze dos 21 insubmissos de Ijuí e, coincidentemente, trata-se de onze descendentes de alemães (**Correio Serrano**, 1º de agosto 1919, p.2 e 5 setembro 1919, p.2). O jornal só não explica por que justamente foram escolhidos nomes de descendentes de alemães para serem publicados, dando a impressão de que essas pessoas eram conhecidas na comunidade e, por isso, o jornal estaria fazendo pressão, mostrando o mau exemplo. Outras listas de insubmissos vão ainda mais longe, colocando ao lado do nome do insubmisso o nome do pai ou do responsável, transferindo também para a família a responsabilidade social da insubmissão.

Aparecem notícias das mais variadas sobre insubmissão, algumas curiosas, como a do insubmisso que não sabia que havia sido convocado, pois não sabia ler, outras trágicas, como o suicídio de um jovem de 23 anos, em Santa Bárbara, por se achar insubmisso com o Exército (**Correio Serrano**, 9 agosto de 1922).

O tratamento dado aos que conseguiam liminares na Justiça não era dos melhores. Vejamos o que dizia o comandante do 5º

Regimento de Artilharia, de São Gabriel, ao ter de cumprir um mandado: "**Exclusão - Por lhes ter sido concedido habeas corpus pelo juiz federal de Porto Alegre, sejam excluídos do estado efetivo deste regimento, grupos e baterias, respectivas, os soldados** [seguem doze nomes] **Este comando se congratula com os que aqui ficam mourejando na labuta da aprendizagem do serviço das armas, em vista de uma eventual defesa desta Pátria, que é de todos nós e que esses fugitivos a um dever sagrado, tanto como aqueles que os encorajam e os animam a tal, consideram como objetivo de um mero gozo, sem direitos a outros de defensores que não sejam os oficiais graduados do Exército e os homens de condição humilde, porém cônscios de seus deveres cívicos. Sejam excluídos sem deixar saudades, neste meio onde continuarão a ser cultivados como brasileiros que se honram deste nome, o patriotismo e a fé na grandeza de nossa Pátria"** (Correio Serrano, 10 agosto de 1921, p. 2). Em Porto Alegre houve casos em que o **habeas corpus** não foi respeitado, exigindo ação enérgica do poder judiciário para o cumprimento imediato do mandado.

As matérias do jornal situam um período crítico para o serviço militar obrigatório, na década de 20. As resistências e os pedidos de **habeas corpus** aumentam, transformando-se em um ótimo espaço para a ação de advogados interessados em algum dinheiro e colocando em risco a obrigatoriedade do serviço

militar. Ação que é rechaçada pelo jornal **Correio Serrano**: "A propósito do sem número de isenções do serviço militar, 'O País' diz que, desgraçadamente, já se pode considerar malograda a tentativa, alviçareiramente recebida por todas as classes, de se promover, gradual e progressivamente, a educação militar da nacionalidade pela aplicação permanente da lei do serviço militar obrigatório. Cada vez aumenta mais o número de insubmissos, de criaturas tão refratárias à conscrição, que nem sequer se dão ao incômodo de legalizar a odiosa e revoltante esquiva dos mais nobres deveres de cidadão. É deveras revoltante o movimento de solidariedade das gerações novas, para se esquivarem do mais nobre dos tributos devido à Pátria. A lei do sorteio militar tende a ficar inaplicável por falta de patriotismo da mocidade brasileira" (**Correio Serrano**, 7 outubro de 1925, p. 2).

A situação do serviço militar obrigatório torna-se cada vez mais delicada, exigindo o pronunciamento de militares a seu respeito, principalmente através do Ministério da Guerra. Já no início da década de 20 o ministro Pandiá Calógeras propunha mudanças na lei, procurando adequar o rigor da lei antiga aos novos tempos vividos pelo país. Uma de suas proposições era a extinção do Conselho de Guerra (que era responsável pelo julgamento dos insubmissos). Aos insubmissos restaria como pena, o cumprimento em dobro do tempo de serviço militar, que na época era de um ano.

Neste capítulo de nossa dissertação mostramos a situação em que se encontrava o serviço militar frente à população, nos primeiros tempos da República, ressaltando os interesses do Exército em seu processo de ascensão ao poder e sua afirmação como instituição-símbolo da nacionalidade.

Mostramos, também, que a população pobre do Brasil sempre esteve sujeita ao serviço militar, em grande parte por questão de simples sobrevivência. O que estava em jogo no momento da afirmação do serviço militar obrigatório, o que foi negociado e estimulado pela campanha do serviço militar obrigatório, era o inadiável tributo que as classes médias deviam a esse serviço. Sinal disso é o fato de que Bilac começa a campanha junto aos jovens da Faculdade de Direito em São Paulo.

Agora, partiremos para o estudo da difusão do serviço militar pelos Tiros de Guerra, no Brasil e no Rio Grande do Sul. Neste momento inserimos no estudo a variável étnica que, acreditamos, nos ajudará a compreender um pouco mais as razões da difusão desse tipo de serviço militar.

## **2- Tiros de Guerra no Brasil**

São raros os autores ligados à história militar que citaram em seus escritos situações envolvendo os Tiros de Guerra ou o serviço militar obrigatório. Dentre esses poderíamos citar José Murilo de Carvalho, Klaus Becker, Frank D. McCann e Alain Rouquié. Não encontramos, porém, nenhuma bibliografia que tratasse exclusivamente de Tiros de Guerra, além de artigos e matérias em jornais e revistas.

Vendo a formação dos Tiros de Guerra como uma possibilidade de compreensão das relações entre o Exército e a população, percebemos que sua finalidade ultrapassa as questões relativas ao fornecimento de uma reserva militar preparada.

Como instrumento do movimento nacionalista os Tiros de Guerra trabalharam de forma ativa nas campanhas de nacionalização, como poderemos ver quando tratarmos dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul e, particularmente, em Ijuí.

A cruzada nacional pela formação de reservistas teve um órgão de divulgação específico, a revista **O Tiro de Guerra**.

Muito embora não tratasse somente dos assuntos relativos aos Tiros de Guerra, trazendo também artigos de fundo sobre a política militar do Brasil no período, estava voltada à instrução dos elementos que compunham as Sociedades de Tiro, fossem civis ou militares.

A revista **O Tiro de Guerra**, que utilizamos aqui como fonte para mostrar o universo que atingiram as Sociedades de Tiro, possuía vida anterior ao ano de 1918, tendo sido editada por iniciativa da extinta Federação dos Tiros de Guerra. Um anúncio do jornal **O Independente**, de Porto Alegre, do dia 5 de maio de 1916, nos dá conta do recebimento de um exemplar da revista **O Tiro** que estaria em seu número 84, anterior, portanto, aos números que dela encontramos. Os exemplares com que trabalhamos são resultado do processo de centralização feita pelo Ministério de Guerra, que toma para si a edição da revista, deixando-a sob a responsabilidade da Diretoria Geral do Tiro de Guerra, que começa uma nova série, com nova numeração. Os exemplares que trabalhamos foram encontrados no Arquivo Histórico da Biblioteca Central da Universidade de passo Fundo e trata-se dos números 1 a 12 do ano de 1918, considerado ano 1 da revista.

Na revista encontramos matérias que atestam a influência francesa, que passa a ser hegemônica a partir da participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial. Começam a ser editados artigos referentes à conduta do atirador, ou de teoria de guerra, traduzidos diretamente do francês para o português.

O trabalho com a revista **O Tiro de Guerra**, como fonte, não deixa de ser um resgate importante para a historiografia militar do Brasil, pois na bibliografia específica de história militar aqui trabalhada, em nenhum momento foi encontrada qualquer referência a essa fonte. A sua importância poderá ser constatada neste e no próximo capítulo.

## 2.1 Que Foi o Tiro de Guerra?

O Tiro de Guerra é uma invenção suíça que se disseminou pelo mundo. No final do século passado e início deste, vários países possuíam organizações com a mesma dinâmica. Assim como no Brasil, havia associações chamadas **Tiros de Guerra** na Espanha, havia **El Tiro Nacional de España**, na Argentina, o **Tiro Nacional Argentino** e, na França, a **Union des Sociétés de Tir de France**. Esse fenômeno nos possibilita perceber um movimento mundial de preparação de forças de reserva, dentro das camadas médias da população. No Brasil, inicialmente, foi também chamado de Tiro Nacional ou Tiro Brasileiro e, ainda, popularmente, de Linhas de Tiro.

O Tiro de Guerra foi considerado uma das idéias-força do patriótico movimento nacionalista das duas primeiras décadas do

nosso século: "As vertentes nacionalistas brasileiras do início do século XX se orientavam em função de diferentes idéias-forças da Defesa Nacional aos 'bilacs', do ABC aos Tiros de Guerra - embora, em geral acreditassem que a verdadeira cidadania implicava um período prévio de aprendizado na caserna. Nesse sentido convergiam com (e incorporavam) propostas do nacionalismo alemão da época. No entanto a xenofobia destas vertentes, no Rio de Janeiro era dirigida contra os portugueses, ao passo que, no Rio Grande do Sul, a grande preocupação era com o 'perigo alemão'." (SILVA JR, 1995:87-8).

Inspirados no conceito de "defesa nacional" difundido pelos "jovens turcos", os Tiros de Guerra eram centros de formação de reservistas de 2ª linha. Dedicavam-se ao ensino do manejo com armas de guerra e preocupavam-se com a formação ideológica do cidadão, com a criação de uma identidade nacional que valorizasse os momentos heróicos do Exército Nacional e seus principais heróis. Eram associações com o fim específico de formar atiradores e, com a participação pecuniária de seus sócios, reduziam o investimento do Estado nessa formação, como poderemos ver no próximo capítulo.

### 2.1.1 Alcançando as Camadas Médias da População

Segundo matéria da revista **O Tiro de Guerra**, já em 1875 o governo recebe um projeto, de um tenente de infantaria, que muito se assemelhava com os Tiros de Guerra. A ênfase era dada na instrução do tiro. Era a proposta de regulamento de uma Escola de Tiro Militar e Tiro Civil, que funcionaria na Escola do Realengo, no Rio de Janeiro. O Tiro Militar funcionaria durante os dias úteis da semana, nos domingos, dias santos e feriados a mesma linha de tiro atenderia à população civil. A proposta não foi colocada em prática.

A primeira sociedade de Tiro, O Tiro Brasileiro nº 1, foi fundada em 1902, na cidade de Rio Grande. **"Antônio Carlos Lopes, farmacêutico, entusiasta da 'Defesa Nacional' e da idéia do 'cidadão-soldado', com fuzil de guerra, organizou a primeira 'Sociedade de Tiro' e publicou o livro O Tiro Brasileiro".<sup>1</sup>**

Partindo da idéia de Lopes, o presidente Hermes da Fonseca reorganizou a Confederação do Tiro Brasileiro e a transformou em lei, em 5 de setembro de 1906, com o fim de aproximar do serviço militar os jovens das classes média e alta. Como nos mostra Carvalho, a idéia de uma Confederação de Sociedades de Tiro no

---

<sup>1</sup> BENTO, Cláudio Moreira. Serviço Militar Obrigatório no Brasil: Sua Implementação Através do 1º Sorteio Militar. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, 1987, n. 729, p. 138.

Brasil é um pouco mais antiga, vinda do ano de 1896 a primeira tentativa de formá-la (Carvalho, 1985:193).

Os Tiros de Guerra tinham como um de seus objetivos primordiais proporcionar um serviço militar especial a uma camada da população. Isso é apontado como uma das principais causas da difusão generalizada que acontece com os Tiros de Guerra a partir de 1916, até mais ou menos 1920, depois do primeiro sorteio que efetivamente instituiu o serviço militar obrigatório. No caso do Rio Grande do Sul, ainda neste capítulo poderemos perceber por meio de mapas a expansão dos Tiros de Guerra nos principais momentos da história política mundial, nacional e local.

Acreditamos que essa difusão dos Tiros de Guerra dá margem a uma interpretação que relativiza a afirmação de que o Serviço Militar Obrigatório, mediante sorteio, funcionou como fator de democratização das fileiras do Exército, colocando ricos e pobres em pé de igualdade para o Serviço Militar. Colocamos em questão a "democracia" do recrutamento universal, que historicamente tem fomentado privilégios de classe: **"Entretanto, o serviço está longe de ser universal e é obrigatório apenas para os que não têm como dele escapar. Esse sistema socialmente seletivo está dentro da lógica de suas funções morais e cívicas: são as classes desfavorecidas que precisam ser educadas, não os filhos dos ricos. O número de isentos é elevado em todos os países: um diploma daqui, um brevê de piloto dali, uma inscrição**

em uma sociedade de tiro ou de ginástica, são suficientes para isentar qualquer um de passar um ano nas casernas. Os estudantes, na maioria dos países, são incorporados apenas alguns meses em pelotões de Oficiais da Reserva. Portanto, as isenções são feitas em critérios sociais".<sup>2</sup>

Como bem disse Rouquié, os Tiros de Guerra proporcionam a isenção do serviço militar convencional, que levaria no mínimo um ano para ser cumprido.

Existe de fato uma aproximação entre o Exército e as elites civis, mas essa aproximação não pode ser caracterizada como democrática, pois permite isenções que são determinadas pelo status quo a que pertence o reservista: "Moços elegantes, filhos-famílias habituados ao conforto, trocam os fatos faceiros pelo kaki grosseiro do soldado e declinam nomes à lista do voluntariado especial, cômoda manifestação de civismo, por meio da qual, com alguns dias de exercícios e manobras pitorescas, se evitam os dois arrastados anos, monotonamente escorridos numa sucessão de guardas e paradas, da arregimentação pelo sorteio"<sup>3</sup>

Com a possibilidade de formação de grupos de reservistas voltados aos "moços elegantes", exclui-se a possibilidade de o serviço militar agir como um elemento de interação entre as

---

<sup>2</sup>-ROUQUIÉ, Alain. O Estado Militar na América Latina. São Paulo, Alfa-Ômega, 1984, p.119.

<sup>3</sup> COROACY, V. (Ivaldo). A Defesa Nacional, Revista da Escola Superior de Engenharia de Porto Alegre, Porto Alegre, set/out 1916, p. 58.

classes sociais, criando-se assim mais um espaço para o distanciamento e o privilégio dentro da sociedade.

### 2.1.2 A Difusão dos Tiros de Guerra no Brasil

Em 1908 é aprovada a lei de sorteio e também torna-se obrigatória a instrução militar em colégios secundários. **"Já no ano seguinte, 50 sociedades de tiro estavam organizadas, com um total de 13.511 membros"** (Carvalho, 1985:193).

No que se refere a números, diversos autores tentam mostrá-los, e apresentam quadros diferentes para o mesmo período: **"Em 1910, a Confederação do Tiro Brasileiro possuía 127 Sociedades de Tiro, com 20.000 sócios, e foi autorizada a organizar batalhões e companhias de infantaria"**<sup>4</sup> **"Em 1926 já há 226 estabelecimentos de ensino com instrução militar e 677 Sociedades de Tiro"** (Carvalho, 1977:194). Para 1918 nós encontramos o número de 633<sup>5</sup>, enquanto a revista **A Defesa Nacional** publicou: **"Foi o período áureo das Sociedades de Tiro, para o qual muito concorreu OLAVO BILAC, mui justamente escolhido Patrono do Serviço Militar. Em 1918, o número dessas atingia 572, com 55.000 associados"** (Neves, 1967:132). No n.2 da

---

<sup>4</sup>-NEVES, Almério de Castro. **Tiros de Guerra e Segurança Nacional, A Defesa Nacional**, n. 611, Rio de Janeiro, 1967, p. 131.

<sup>5</sup>- conforme listagem apresentada nos anexos desta dissertação, que tem como fonte os exemplares da Revista **O Tiro de Guerra**, para 1918.

revista **O Tiro de Guerra** aparece uma "Estatística das Sociedades de Tiro nos Estados" que diz: "**Segundo os assentamentos do Registro da Diretoria Geral do Tiro de Guerra, as sociedades de Tiro estão assim distribuídas pelos Estados:**

<b>Minas Gerais.....</b>	<b>110</b>
<b>Rio Grande do Sul.....</b>	<b>97</b>
<b>São Paulo.....</b>	<b>92</b>
<b>Pernambuco.....</b>	<b>92</b>
<b>Bahia.....</b>	<b>32</b>
<b>Ceará.....</b>	<b>28</b>
<b>Rio de Janeiro.....</b>	<b>28</b>
<b>Distrito Federal.....</b>	<b>24</b>
<b>Santa Catarina.....</b>	<b>19</b>
<b>Paraná.....</b>	<b>13</b>
<b>Paraíba.....</b>	<b>10</b>
<b>Rio Grande do Norte.....</b>	<b>7</b>
<b>Goiás.....</b>	<b>7</b>
<b>Alagoas.....</b>	<b>7</b>
<b>Pará.....</b>	<b>6</b>
<b>Sergipe.....</b>	<b>5</b>
<b>Piauí.....</b>	<b>4</b>
<b>Espirito Santo.....</b>	<b>4</b>
<b>Amazonas.....</b>	<b>3</b>
<b>Maranhão.....</b>	<b>3</b>

**Acre.....2**

**Mato Grosso.....2"**

(OTG, n. 2, 1918, p. 6).

Chegando ao número de 596, para o mês de fevereiro de 1918, e mostrando o Rio Grande do Sul como o segundo colocado no plano nacional, na sua frente Minas Gerais, terra do Presidente da República. Não nos deteremos em saber por que Minas estava à frente, é o Rio Grande do Sul que nos interessa. Encontramos vários indícios de que essas sociedades foram usadas, no Rio Grande do Sul, no processo de conversão à cidadania brasileira imposto à população de origem imigrante, como poderemos ver no ponto "Difusão dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul", logo à frente.

O primeiro sorteio do serviço militar obrigatório aconteceu solenemente na sede do Tiro nº 7, no Quartel General do Exército, com a presença do presidente da República, Wenceslau Braz, e das mais importantes autoridades militares e civis do Rio de Janeiro. O fato dessa solenidade ter acontecido dentro das instalações de um Tiro de Guerra, para nós está ligado à conjuntura vivida nos tempos da Primeira Guerra, período em que o país sofreu seu primeiro surto de patriotismo e de patriotadas.

Pode-se considerar o período entre a 1ª Guerra e a 2ª Guerra Mundial como um momento de emergência do Exército

Nacional, pelo aumento de guarnições federais e pela instituição do serviço militar obrigatório. Mas, apesar de ser o ponto de partida para a supremacia da força militar no país, essa caminhada que o Exército faz até o poder efetivo no Estado Novo será feita com dificuldades financeiras advindas do corte de verbas para os projetos militares. Eis o espaço para a ação dos Tiros de Guerra, que por sua estrutura eram completamente financiados pelos próprios reservistas.

O alcance da proposta militar de "defesa nacional" aumenta, atingindo grande parte da população jovem do país, nesse mesmo período, fruto da instituição do Serviço Militar Obrigatório, que após muita insistência foi sancionado em 1916.

Justamente em 1917, quando o Brasil declara Guerra à Alemanha, a revista **O Tiro de Guerra** traz, sob o título "O Brasil na Guerra", em seu primeiro número a mensagem à Nação feita pelo presidente, Wenceslau Braz: **"Impelido a reconhecer o estado de guerra, que não desejou e que foi obrigado aceitar, depois de uma neutralidade modelar, em vista dos crescentes e graves atentados à nossa bandeira, praticados pelo governo alemão, nele entrou o Brasil, para defender seus sagrados direitos, formando ao lado dos que há mais de três anos, se vêm batendo pelas conquistas da civilização e pelos direitos da humanidade, tendo já iniciado atos de franca beligerância, de acordo com a deliberação do Poder Legislativo"** (OTG, n.1, 1918).

Em um anúncio publicitário, da loja A La Ville de Paris, do Distrito Federal, aparecem os preços do fardamento, que trabalharemos no próximo capítulo. Agora nos interessa perceber que esse anúncio mostra a existência de um distintivo de lapela que identificava o atirador quando em traje civil. Isso nos mostra a possibilidade de o atirador ser sempre identificado. O mesmo anúncio nos lembra, mediante de desenho dos tipos de uniforme que vendia, a existência dos **Tiros Navais**, nos quais aqui não nos deteremos. Apenas queremos ressaltar que na cidade de Rio Grande, sede do Tiro de Guerra nº 1, houve também um Tiro Naval e este, é claro, tinha como finalidade formar reservas para a Marinha.

Carone, ao falar do surgimento do Tiros de Guerra, diz: "**O número de pessoas chamadas a prestar o serviço militar é tão grande, que, não sendo possível absorvê-los totalmente, criam-se os Tiros de Guerra**" (Carone, 1975:355). Embora estudar os Tiros de Guerra não seja a proposta de Carone, nos permitimos corrigi-lo, pois sua afirmativa sobre a criação dos Tiros de Guerra coloca-os como uma contingência da promulgação do Serviço Militar Obrigatório, mais especificamente o excesso de contingente oriundo da lei posta em prática em 1916. Neste trabalho nós percebemos que os Tiros de Guerra tiveram sua criação em processos anteriores à lei do sorteio e em nenhuma hipótese podem ser considerados fruto dessa mesma lei. Os Tiros de Guerra são mais antigos que o próprio movimento

nacionalizador da segunda década deste século. O que nos esforçamos por mostrar aqui é que os Tiros de Guerra são difundidos não somente para aproveitar contingentes, porque no período da 1ª Guerra Mundial houve pressões sociais para que isso acontecesse, seja pelo aspecto da participação dos jovens das camadas médias da população, seja pela campanha de nacionalização dirigida às populações imigrantes, que para nós foi em grande parte responsável pela difusão dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul.

## **2.2 Os Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul**

### **2.2.1 A Difusão dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul**

Para que possamos compreender melhor o processo de expansão dos Tiros no Rio Grande do Sul confeccionamos alguns mapas do estado, colocando neles os dados referentes aos Tiros de Guerra encontrados na "Relação do Tiros de Guerra com Data de Funcionamento"<sup>6</sup> (Anexo 1). Na relação constam os Tiros de Guerra

---

<sup>6</sup> - Relação dos Tiros de Guerra, com data de funcionamento Nesta Região, com discriminação do ano, local e sede, até a data de sua extinção. Ministério do Exército, III Exército, 3ª Região Militar, Quartel General, Ajudancia Geral - Arquivo Regional.

que funcionaram no Rio Grande do Sul de 1908 a 1945, quando foram extintos em nosso estado. O ano de 1908 é o marco inicial do registro de documentos oficiais da vida dos Tiros Guerra, é também a partir daí que se sanciona a lei do serviço militar obrigatório, que só foi posta em prática a partir de 1916, na conjuntura da 1ª Guerra Mundial. Portanto esse documento (relação) ignora a existência de Tiros de Guerra antes de 1908. Como vimos, o ano oficial de fundação do Tiro de Guerra n.1 é o de 1902, e 1906 é o ano da fundação da Confederação Brasileira de Tiros de Guerra, extinta nos final de 1917 e substituída pela Diretoria Geral dos Tiros de Guerra sob a coordenação direta do Ministério da Guerra.

Vamos aos dados. Verificando as datas de fundação da maioria dos TGs percebemos efetivamente o processo de expansão que sofre a agremiação durante esse espaço da história brasileira e gaúcha, que vai dos princípios do século até o final da 2ª Guerra Mundial.

Generalizando, pode-se dizer que os Tiros de Guerra estiveram presentes em todo o estado do Rio Grande do Sul. Mas uma análise dos números apresentados nos mostra que em algumas regiões eles estiveram muito mais presentes do que em outras, levando-se em consideração o número de anos que cada um funcionou.

Nossa definição de região está ligada às regiões de colonização apresentadas por Jean Roche<sup>7</sup>, que coloca as regiões Metropolitana, da Serra e Norte do estado, como regiões de colonização européia, com grande número de imigrantes alemães e italianos entre outros. As regiões mais próximas de Porto Alegre, como o Vale do Sinos e a Serra, são tratadas como Colônias Velhas, já a área mais próxima dos rios Ijuí e Uruguai, são tratadas como região das Colônias Novas. Essa denominação está diretamente ligada ao processo de ocupação destas terras. As Colônias Velhas tiveram sua ocupação no Período Imperial, já as Novas foram ocupadas a partir do Período Republicano.

Como já vimos, o Rio Grande do Sul é o segundo colocado em número de Tiros de Guerra no país, em 1918. Apesar de nossos dados, colhidos no Arquivo de Documentos do Quartel General, não chegarem ao número oferecido pela revista **O Tiro de Guerra**, é interessante perceber a ascensão do número de Tiros de Guerra no estado do Rio Grande do Sul após a instituição do serviço militar obrigatório. Seria essa expansão fruto do amor que a população gaúcha, tradicionalmente, têm pelas armas? Ou seria, também, um sinal de que essa mesma população não estava interessada em despendar muito seu tempo com essa obrigação patriótica? Nossa pergunta é: quais são as variáveis que compõem a larga aceitação do serviço militar nos Tiros de Guerra?

---

<sup>7</sup> -ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora Globo, 1969, p. 11, (vol. 1).

Acreditamos e afirmamos que, para o Rio Grande do Sul, o aspecto da "nacionalização" de imigrantes tem grande importância como uma das variáveis desse quadro.

Agora acompanharemos a análise de alguns mapas do estado, onde encontraremos alguns argumentos acompanhando geograficamente a expansão dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul.

No **mapa 1** notamos que no período de 1908-15 funcionaram somente dois Tiros de Guerra em Porto Alegre. De 1915 a 1917 começa uma lenta expansão que atinge a maioria dos municípios com ascendência luso-brasileira, como Pelotas, Rio Grande, Jaguarão, Cruz Alta e Santa Maria, e somente após o ano de 1917 começa uma expansão nas regiões coloniais, em plena 1ª Guerra Mundial, principalmente depois que o Brasil declarou guerra à Alemanha.

O **mapa 2** está ligado à conjuntura dos anos de 1917 e 1918, quando os Tiros de Guerra passam a ser dirigidos pela Diretoria Geral dos Tiros de Guerra, no Distrito Federal, ligada diretamente ao Ministério da Guerra. Acreditamos que o processo de crescimento por que passam as Sociedades de Tiro no Rio Grande do Sul, nesse caso, não é puramente fruto de uma mudança na direção da entidade, afinal o país estava em guerra, afinal havia no Rio Grande do Sul um grande número de pessoas a quem recaía a suspeita de simpatias com a Alemanha. Uma das possibilidades de se escapar da crítica da sociedade estava

diretamente ligada ao serviço militar, pois esse era o dever de todo cidadão brasileiro.

Seguindo a trajetória dos acontecimentos políticos, quando a participação simbólica ou efetiva era cobrada da maioria dos homens do país, chegamos ao **mapa 3**, relativo ao ano de 1929, quando, pela documentação consultada, o número de Tiros de Guerra chega ao seu máximo no Rio Grande do Sul, atingindo 71 associações. Veremos que 1929 é, também, o ano em que ingressou a maior turma de atiradores do Tiro de guerra 337.

No **mapa 4**, temos estampado o número de Tiros de Guerra no estado no, período da 2ª Guerra Mundial.

O cruzamento de dados feito no **mapa 5**, que mostra os municípios em que funcionaram os Tiros de Guerra juntamente com o período de tempo que eles funcionaram, nos mostra que existe uma relação entre zonas de colonização e serviço militar nos Tiros de Guerra. Isso fica claro quando verificamos que dos 33 Tiros de Guerra que funcionaram por mais de vinte anos, apenas oito não se situavam nas zonas tradicionais de colonização. Portanto, a frequência de funcionamento desse tipo de serviço militar foi muito maior nas regiões de colonização. Se não considerarmos a variável "tempo de funcionamento" chegaremos a 68% dos Tiros de Guerra nas regiões de colonização do Rio Grande do Sul, mas se considerarmos essa variável chegaremos aos 75%.

### 2.2.2 O Rei do Tiro

Veremos aqui uma possibilidade de aproveitamento de um traço cultural nos Tiros de Guerra. Falamos do hábito que alguns descendentes de imigrantes germânicos têm de organizarem-se em sociedades de tiro.

Segundo Lillian Argentina B. Marques, desde o século XIII realizava-se na Alemanha a festa do Tiro-Rei ou **Schützenfest**, registrando a existência de grupos de tiro desde o século XV: **"Os participantes destes grupos deveriam se ajudar mutuamente, como irmãos cristãos. Cada aldeia tinha um grupo de cidadãos, encarregado de sua defesa, em caso de ataque. Todos os anos [...] havia uma festa e era escolhido o melhor atirador do grupo de defensores da aldeia - o 'Schützenkönig'."**<sup>8</sup>

No Rio Grande do Sul essa festa acontece nas regiões de colonização alemã, onde ainda existiam sociedades de atiradores, os **Schützenvereine**. No interior de Ijuí, ainda existe uma dessas sociedades, a Sociedade de Atiradores Tell. Veremos, também, que em Ijuí, durante a passagem da Coluna Prestes pelo município, foram formadas várias **Ligas de Defesa Local**, nas linhas do interior e na própria sede do município. A Liga de Defesa da sede do município era comandada pelos principais elementos de

---

<sup>8</sup>- MARQUES, Lillian Argentina B. **Rio Grande do Sul: Aspectos do Folclore**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1989, pp. 117-118.

origem alemã, ligados ao comércio, sob a tutela do poder público e do Tiro de Guerra.

O baile, com a entrega do talabarte ao "Rei do Tiro," é uma homenagem aos melhores atiradores do lugar: **"Um cortejo, seguido pela banda, vai a casa do Rei, a fim de conduzi-lo ao salão de festas, onde o Rei e condes (ou Cavalheiros) do ano anterior o aguardam.**

O Novo rei recebe a faixa (ou talabarte com placas indicativas dos premiados em anos anteriores) das mãos do antecessor. Os cavalheiros recebem as suas medalhas.

O Rei abre o baile com a polonesa. Após, os participantes da festa formam a 'grantcia' (grande roda) ao centro da qual dançam os Reis, as rainhas e, em seguida, os Condes com suas Damas.

Finalmente, todos os participantes do baile confraternizam. O Rei do Tiro, tendo recebido certo número de fichas para cerveja, oferece aos amigos" (Marques, 1989:117). O **Correio Serrano** em seus primeiros tempos (1917) traz alguns anúncios de bailes do Rei do Tiro pelo interior de Ijuí.

Mazon, que foi um dos entusiastas dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul, nos descreve a primeira formatura do Tiro nº 4 de Porto Alegre: **"Foi no dia 21 de abril de 1909. Saímos da sede à rua Benjamin Constant esquina com S. Pedro e depois de percorre toda a rua da Floresta puxados pela banda do 25º de**

Infantaria, foi dado o toque de alto, na esquina da rua Barros Cassal. Veio a recomendação do comando: ` Vamos entrar na cidade. Agora toda elegância é pouca. Vamos imitar a Escola Militar. Tirar o pó das botinas...

(...) Regressamos ao quartel quase à noite e então começou o baile campestre com uma polonaise, que foi marcada pelo sargento João Antunes da Cunha" (Mazon, s/d:31). Vejamos de que forma a primeira turma de reservistas do Tiro nº 4, de Porto Alegre, comemora sua formatura: fazem um baile que principia com a dança "polonaise", dança típica, como pudemos ver no baile do Rei do Tiro. O curioso é que aqui essa dança será marcada por um nacional, pondo em evidência as trocas culturais no início do século.

O hábito de aprender a atirar e se aprimorar no tiro não é, como podemos ver, privilégio do Exército, já existindo entre a população imigrante do Rio Grande do Sul a tradição cultural do uso de armas. Aqui esse saber encontrava sua utilidade na caça, elemento vital nos primeiros tempos do assentamento dos colonos, na defesa local e em momentos simbólicos, estimulados pelas sociedades de tiro, como o baile do Rei do Tiro.

A propaganda da atividade de tiro será feita a todo instante. Dessa atividade dependerá, em última instância, a segurança do próprio lar **"BRASILEIROS, QUEREIS A TRANQUILIDADE DE VOSSOS LARES, APRENDEI A DEFENDER A PÁTRIA. TIRO DE GUERRA 337. CONCURSO DE TIRO `24 DE MAIO'.** Acham-se abertas as

inscrições para o concurso de tiro, em homenagem a Batalha de Tuyuty, de que trata o regulamento em vigor. poderão concorrer todos os sócios. Condições da prova de tiro regulamentar[...]" (**Correio Serrano**, n. 20, 18 de maio de 1917).

Desde os primeiros tempos dos Tiros de Guerra, as provas e os concursos de tiro eram incentivados. Os resultados das provas e os nomes dos atiradores que dela participaram, classificando-se nos melhores lugares, são facilmente encontrados nos jornais e revistas da época. Assim como na festa do "Rei do Tiro", o bom atirador tinha o reconhecimento de sua habilidade estampada nas folhas de um jornal. Um desses jornais, um dos mais atuantes na propaganda das "linhas de tiro" e suas atividades foi **A Federação**, órgão oficial de divulgação do Partido Republicano do Rio Grande do Sul. No jornal **Correio Serrano**, de Ijuí, também encontramos matérias com o mesmo caráter. Na Revista **O Tiro de Guerra**, "fundada para espalhar de mão cheia os conhecimentos sobre o emprego eficaz do tiro de fuzil e das armas auxiliares" (OTG, n.2 p. 7, 1918), revista oficial da Diretoria Geral do Tiro de Guerra, encontramos as matérias preocupadas em instruir a atividade de tiro. Em seu primeiro número aparece uma matéria intitulada "A Instrução de Pontaria", que faz observações sobre a atividade de instrução do tiro em situação idêntica à situação de guerra (OTG, n. 1, p. 22, 1918).

Dentro do mais profundo sentimento de patriotismo o capitão Félix Amélio nos mostra qual é a finalidade de tanta

instrução de tiro: **"Mas o morrer pela Pátria sendo assim a mais bela e invejável das mortes, exige de cada um de nós o dignificante esforço de estarmos sempre aptos para saber inteligentemente defendê-la."** Amélio alega que em situação de guerra deve-se levar em consideração os conhecimentos científicos que falam da "nervosidade" como um fato que influencia o soldado em momentos de enfrentamento com o inimigo, **"Nesse momento crítico de sua existência, o soldado sem que possa fugir as contingências do medo que é bem uma imposição da nervosidade, responderá, entretanto, as suas obrigações e deveres para com a Pátria - Por que de um lado é a disciplina que o retém no posto de sacrifício, de outro, é a confiança que o anima porque é senhor da justeza de seus tiros"** (OTG, n.2, p.9, 1918). Apesar do saber psicológico que começa a apontar nessa matéria, é a racionalidade que proporcionará a vida: a disciplina e a confiança que fazem do atirador o "senhor da justeza de seus tiros".

Uma das matéria que atestam a influência francesa na instrução militar de nosso Exército trata "Do Verdadeiro Atirador". Com frases curtas o "escritor militar francês" define as atitudes de um verdadeiro atirador: **"Ao inimigo, pois o tiro certo[...] É o fogo melhor, porque é o fogo terrível[...] A arma de infantaria é o homem. E o fuzil é o tiro[...] Porque o verdadeiro combatente é um caçador de inimigos. O que ele quer é vencer[...] Porque não se vai à guerra morrer pela Pátria: vai-**

se vencer[...] O regulador do combate moderno é o tiro de matar. A cada tiro, um inimigo a menos[...] O Projétil cheio, o projétil da infantaria, é a bala ajustada, é o tiro apontado, é o aviso terrível de um inimigo vigilante e invisível, é o mata ou morre. É a bala inteligente, é a bala de letreiro[...] que o homem desapareça e a máquina triunfe[...] Que o atirador saiba atirar e tenha fé no seu fuzil.

Não é querer o impossível.

É preciso sobretudo que o infante conheça minuciosamente todas as virtudes de sua arma. A questão está, pois, em achar pelo menos, os processos necessários para ferir o inimigo do mesmo modo que ele fere seu adversário.

Atiradores de elite providos de meios mais cômodos de ver ao longe, eis quase tudo.

Uma organização exclusivamente ofensiva da infantaria, eis o resto.

Habilidade no manejo da arma e habilidade no tiro.

O tiro de matar em suma, é o esporte mais útil à Pátria."

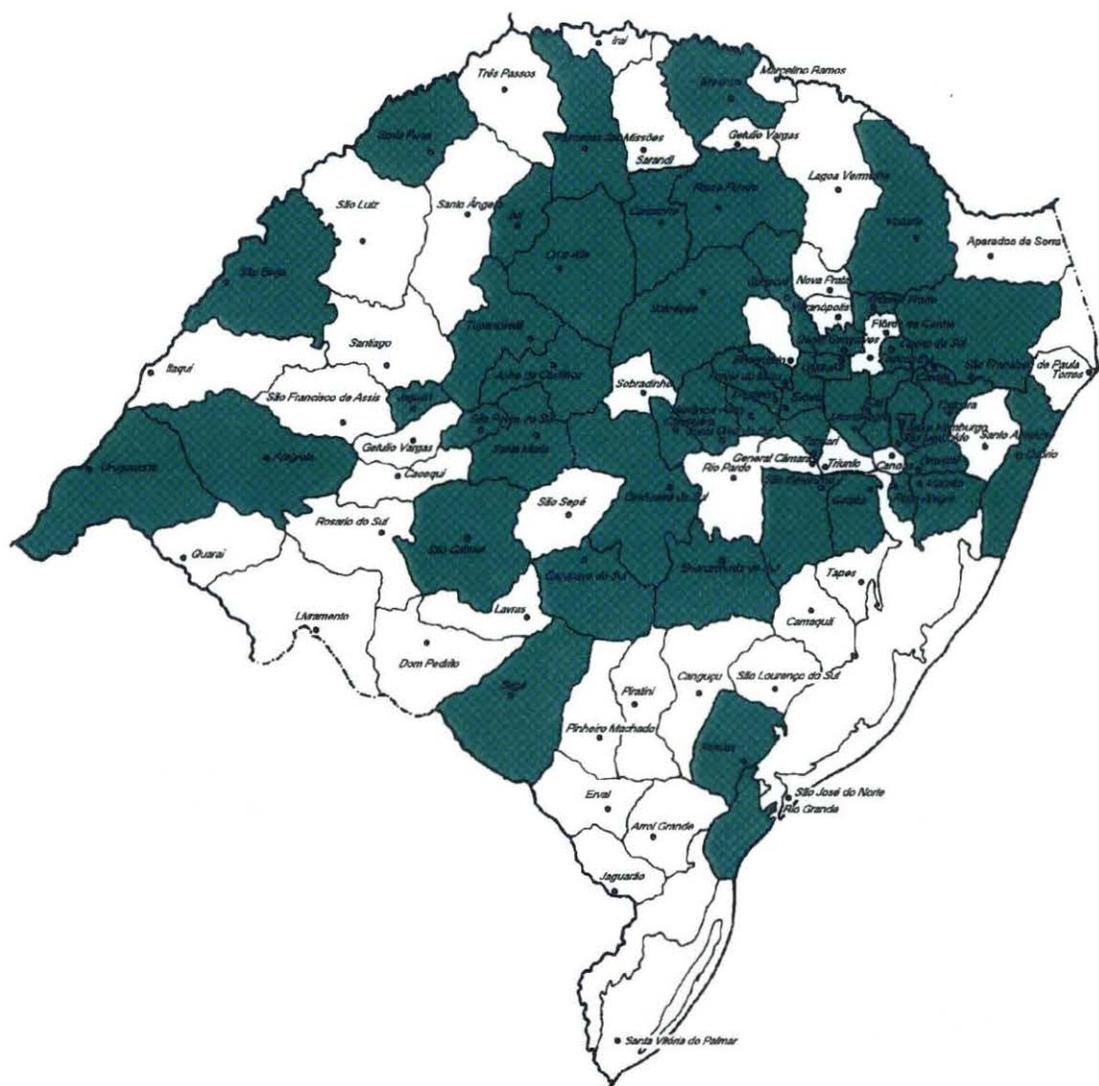
(OTG, n. 2, p.19, 1918).





### **MAPA 3**

## **ÁREA DE ABRANGÊNCIA DOS TIROS DE GUERRA NO RIO GRANDE DO SUL PARA O ANO DE 1929.**



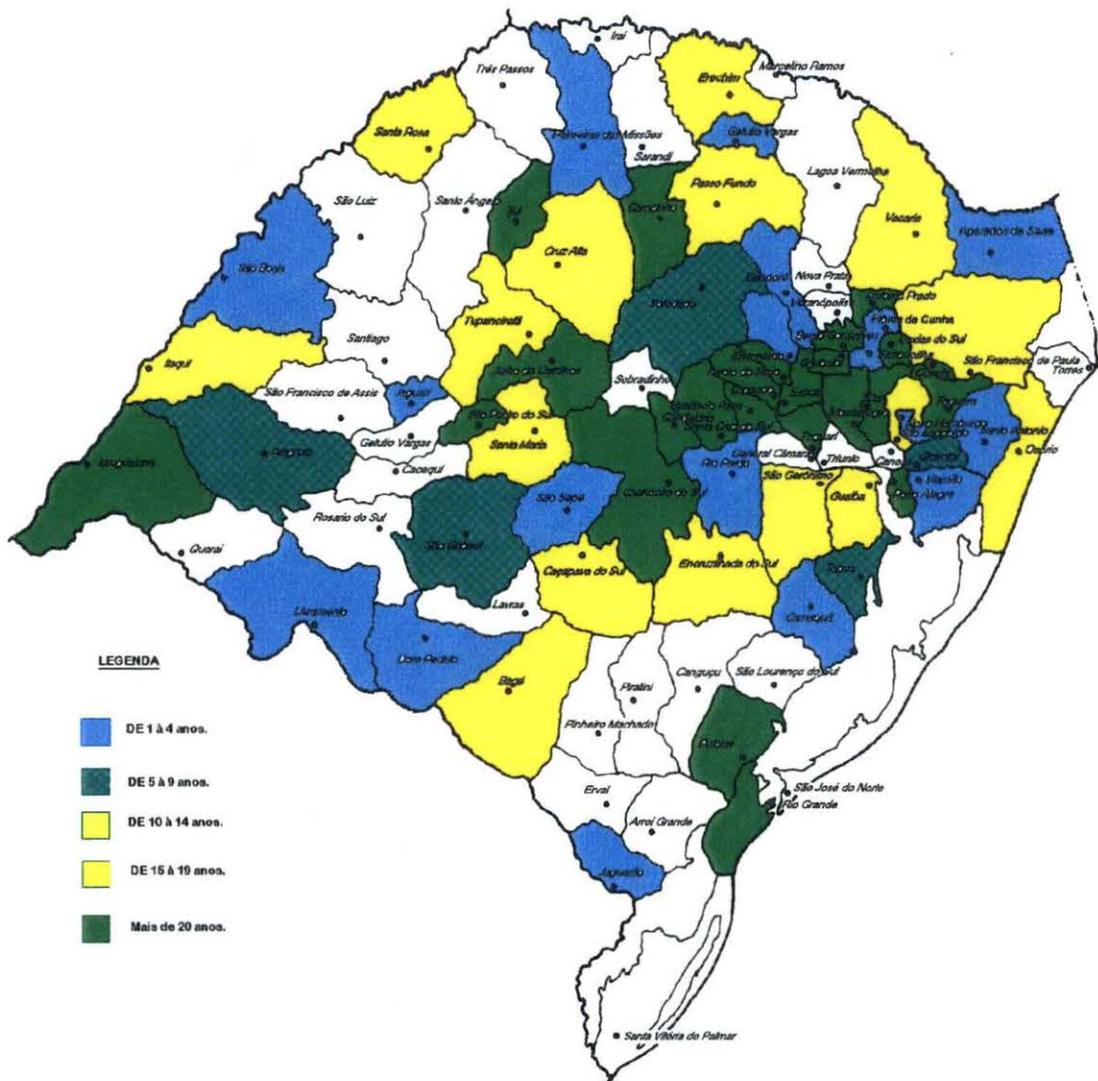
### **FONTE:**

**Relação dos Tiros de Guerra com data de funcionamento na 3ª Região Militar. Arquivo do III Exército, Quartel General, Porto Alegre - RS.**



## MAPA 5

### DISTRIBUIÇÃO DOS TIROS DE GUERRA NO RIO GRANDE DO SUL POR TEMPO DE FUNCIONAMENTO.



#### FONTE:

Relação dos Tiros de Guerra com data de funcionamento na 3ª Região Militar. Arquivo do III Exército, Quartel General, Porto Alegre - RS.

### **3 O Tiro de Guerra 337 de Ijuí**

#### **3.1 Ijuí: Econômico, Político e Étnico**

##### **3.1.1 Aspectos da História Econômica**

Em 1890 era fundado o núcleo da Colônia Ijuí Grande, pertencente ao município de Cruz Alta e sob a direção administrativa do engenheiro José Manoel da Siqueira Couto, chefe da Comissão de Terras em Silveira Martins e designado para Ijuí pela Delegacia de Terras e Colonização do governo republicano de Júlio de Castilhos.

A Comissão de Terras e Colonização tratava da colocação dos imigrantes europeus nas áreas destinadas à agricultura, na região de mata serrana da bacia do Rio Uruguai. Essa política tinha a finalidade de aproveitamento econômico dessas terras segundo o modelo capitalista, então sendo implantado no Estado do Rio Grande do Sul.

A região serrana foi das últimas a ser colonizada no Planalto Riograndense. Para ela afluíram, além de imigrantes vindos diretamente da Europa, colonos radicados nas chamadas "Colônias Velhas" (que desde 1824 recebiam imigrantes alemães e, a partir de 1875, italianos).

A ocupação da área de Ijuí, no entanto, é anterior a fundação do núcleo colonial por conta da abertura da Picada da Conceição entre os municípios de Cruz Alta e Santo Ângelo, próximo ao ano de 1856. A manutenção da Picada exigiu uma mão-de-obra que se instalou no local, entre Alto da União e o Rio Conceição, na terra que o engenheiro responsável ganhou. Estes trabalhadores, caboclos ou nacionais como eram chamados, praticavam a agricultura de subsistência e a extração da erva-mate.

Com a venda de lotes a imigrantes desde 1887, diversas famílias italianas e alemãs já estavam instaladas no local em 1890, além dos remanescentes "nacionais".

Em 1897, a Colônia de Ijuí tinha uma população de 6.068 habitantes, produzindo principalmente milho (59% da produção), outros cereais (13%) e feijão (7,3%), segundo dados apurados pelo professor Danilo Lazzarotto.<sup>1</sup>

O relatório da chefia da Comissão de Terras e Colonização, em 1899, mostra o aumento populacional (8.500 habitantes), a instalação de escolas, casas de negócios, oficinas e

---

<sup>1</sup>-LAZZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**, FIDENE, Ijuí, 1977, p.23.

estabelecimentos industriais. Calculava-se a produção em 2 mil contos de réis, com as culturas do milho, feijão, trigo, centeio, cevada, arroz, favas, lentilhas, ervilhas, alfafa, amendoim, batatas, cana, vinho e fumo.

A Colônia exportava banha (principal produto de exportação), fumo, aguardente, milho, farinhas, manteiga, etc.

Em 1912 a Colônia tornou-se Município. A população havia saltado para um mínimo de 25 mil pessoas, os estabelecimentos comerciais haviam proliferado e a produção era calculada em cinco mil contos. As exportações diversificavam-se, incluindo madeiras em tora e beneficiadas. A atividade fabril resume-se a uma indústria de beneficiamento de produtos agropecuários, com baixos níveis de tecnologia, capital reduzido e mão-de-obra geralmente familiar.

As unidades fabris constituíam-se em vários ramos: madeireiro (serrarias, marcenarias, carpintarias, fábricas de móveis e artefatos de madeira); da alimentação (frigoríficos, moinhos, engenho de erva-mate e arroz, fábricas de óleos vegetais, fumo, café, laticínios e bebidas - destilarias de cachaça, produção de vinho, cerveja, água mineral e gasosa); metalúrgico (funilarias, fundições, ferrarias, cutelaria e artefatos de ferro, implementos agrícolas); olarias (telhas e tijolos); couros (curtumes, selarias, sapatarias) etc.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>-WEBER, R. Regina. Nacionalidade com prefixos: Os teutos e o Estado Novo em Ijuí. in: **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (orgs), Canoas, Ed. ULBRA, 1994.

A administração de Augusto Pestana (nomeado diretor da Colônia, por Borges de Medeiros, em 1898) priorizou os investimentos em infra-estrutura, de acordo com as diretrizes do Partido Republicano Riograndense - PRR para o estado. O sistema de transporte foi incrementado, as estradas e os caminhos vicinais aumentaram em quilometragem, construíram-se pontes em todos os rios e arroios e a ligação ferroviária da Colônia com o município sede (Cruz Alta).

Em 1911, Augusto Pestana inaugura a estrada de ferro<sup>3</sup>, favorecendo enormemente o escoamento da produção colonial. O ramal ferroviário propiciou novos empreendimentos (entre eles a chegada do jornal **Correio Serrano**) e o aumento da produção como um todo. Evidentemente o setor mais favorecido foi o comércio, começando com o próprio traçado do ramal: **"o traçado original previa a passagem na linha 3 Oeste, mas acabou sendo implantado mais perto do centro pois seria melhor para a cidade (ou para os comerciantes?). Quem doou o terreno para a construção da Estação Ferroviária foi a firma Glitz, uma das mais importantes empresas comerciais de Ijuí, e cujos armazéns ficavam praticamente no pátio da estação".**<sup>4</sup>

Além disso, o fornecimento do material para a construção da estrada de ferro e a alimentação dos trabalhadores e oficiais

---

<sup>3</sup>- Cujos direitos de exploração pertenciam à empresa belga Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil, concessionária do transporte ferroviário estadual.

<sup>4</sup>-CALLAI, Jaeme. *A Agricultura na História de Ijuí*, UNIJUI, Ijuí, 1987, p. 13.

do 3º Batalhão de Engenharia do Exército que realizavam as obras era feito pela da Casa Salatiel (estabelecimento comercial pertencente ao coronel Dico e seu irmão, Salatiel Barros).

Antônio Soares de Barros, o coronel Dico, intermediava as compras da Comissão de Construção junto às empresas da capital, chegando mesmo a financiar diretamente parte da construção da ferrovia.

As atividades comerciais apresentavam uma crescente acumulação de capital, desde que se apropriavam da produção local para exportação, trocando por artigos manufaturados a produção colonial. As vendas ou os bolichos forneciam os produtos necessários ao colono, que pagava na safra com sua produção. O comerciante era quem fixava todos os preços e a diferença entre o preço pago ao produtor e o preço de venda no mercado regional ou nacional era por ele acumulada. Os comerciantes costumavam também financiar o plantio e receber dinheiro a juros dos colonos, fazendo as vezes de instituição bancária.

Os interesses comerciais e industriais passam a articular-se politicamente a partir de 1917, com a criação da Praça de Comércio de Ijuí, justamente em torno da questão do transporte (falta de vagões e manutenção da via férrea).

Novo impulso é dado ao progresso do município com a chegada da energia elétrica, com a instalação de uma pequena rede de iluminação pública e residencial. Ijuí já contava então

com serviços telegráficos, agência dos Correios e uma rede telefônica ligando o Município com Cruz Alta, Santo Ângelo e os principais distritos.<sup>5</sup>

Em 1922 Ijuí já contava com uma refinaria de banha, sendo esse produto o mais importante nas suas exportações. A produção de banha chegou a 2.982.917 Kg, sendo que o município contava com um rebanho suíno de 320 mil cabeças. Os demais produtos de exportação eram madeira, alfafa, milho, trigo, feijão, erva-mate, fumo em folha, arroz, mel, farinhas e couros.<sup>6</sup> Essa produção destinava-se a Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, às cidades da fronteira, Rio de Janeiro e São Paulo.

De acordo com os dados do **Álbum Comemorativo do Centenário da Independência do Brasil, Ijuí no Centenário**, além da refinaria de banha, achavam-se instalados serviços urbanos como bancos, hotéis e agências de seguros. As casas comerciais eram em número de 94, havia 22 armazéns, 30 açougues, 7 padarias, 12 alfaiatarias, 35 ferrarias, 12 curtumes, 23 olarias, 2 tipografias, 25 marcenarias, 14 engenhos hidráulicos e 34 a vapor, 1 fundição, 9 exportadores de madeira, fábricas de móveis, sabão, pentes, salame, queijos, cervejas e outras bebidas e caramelos (ACKER & SILVA, 1990:1).

---

<sup>5</sup>-ACKER, Celso H. e SILVA, Marilda, **Jornal da Manhã: Cadernos do Centenário**, Ijuí, 1990, n. 2, p. 1.

<sup>6</sup>-Relatório Anual da Intendência de Ijuí, 1922, MADP.

### 3.1.2 Aspectos da História Política

A colonização oficial de Ijuí iniciou-se em 1890, como foi visto, e a Comissão de Terras mudou-se imediatamente para a Colônia. A sede do Município era Cruz Alta, cuja distância de 53 Km parecia maior pela precariedade da estrada que fazia a ligação entre a sede e a Colônia de Ijuí. Os primeiros imigrantes encontraram inúmeras dificuldades de assentamento, pela falta de infra-estrutura e a rapidez com que tinham de ser alocados nas colônias, devido ao grande fluxo da Europa para o estado do Rio Grande do Sul<sup>7</sup>.

Além das dificuldades do início da colonização, a região sofreu conseqüências do conflito armado de 1893, que conturbou o estado e culminou com a consolidação do PRR.

O mais importante administrador da Colônia foi o engenheiro. Augusto Pestana, funcionário público e homem de confiança do presidente do estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros. O Diretor Pestana assume a Colônia em 1899, preparado para solucionar os problemas políticos e conduzir o satisfatório desenvolvimento da Colônia, de acordo com a política do PRR, influenciada pelo positivismo.

A habilidade de Pestana na condução dos assuntos políticos da Colônia mostra-se no acordo, por ele conduzido, que fazia

---

<sup>7</sup>- Segundo quadro sobre imigrantes oficiais elaborado por Jaeme Callai, em **Estudo da Dinâmica Populacional de Ijuí**, dos 92.350 imigrantes que entraram no Rio Grande do Sul de 1890 a 1911, 8.649 foram para Ijuí.

uma trégua entre republicanos e federalistas. Após dez anos de cooptação de lideranças da sede e dos núcleos coloniais, **"em 1909 ocorre o pacto político do 'Alto da União'"**, onde os maragatos (federalistas) comprometeram-se com permanecer dentro da ordem, sem manifestarem-se politicamente, para contribuir com **"o desenvolvimento e o progresso da Região"** (ACKER & SILVA, 1990:2-3).

A partir daí até 1923 a Colônia e posterior Município não enfrentou muitos problemas com a oposição federalista, que se mostrou combativa, mas com pouca força para enfrentar o aparato do PRR, como na maior parte do estado. Funcionou em conformidade e com estreitas ligações com o governo Borges de Medeiros, perfeitamente enquadrada na política coronelista.

No ano da emancipação da Colônia de Ijuí, 1912, o coronel Antônio Soares de Barros, o Coronel Dico - próspero comerciante local e aliado de Pestana - assume a Intendência do Município, primeiro provisoriamente, depois como intendente eleito, até 1938 com exceção do intervalo entre 1925 e 1928, eleição em que estava impugnado pelo acordo de Pedras Altas.

Num período em que a economia de Ijuí esteve sustentada pela atividade comercial (exportação de produtos coloniais e intermediação de importações), o coronel Dico, comerciante, torna-se pessoa de prestígio e posses.

A intermediação que exerce com o poder estadual segue os moldes característicos do PRR: em troca de votos dos colonos,

recebe autonomia administrativa e judiciária, que lhe permite realizar obras públicas e distribuir favores oficiais, controlando a segurança e impondo a ordem em consonância com seu delegado de polícia de confiança, o capitão Martin Leonardo.

No âmbito regional, Dico obedecia ao general. Firmino de Paula, coronel de Cruz Alta e poderoso subchefe de polícia da 2ª Região, sediada naquele município. Firmino de Paula manteve-se nesse cargo de 1904 até 1915, quando por discordância com Borges de Medeiros, afastou-se da subchefia - permanecendo, todavia, fiel às diretrizes republicanas do líder estadual.

Quanto às eleições em Ijuí, andaram sempre de conformidade com os preceitos do PRR. De acordo com a documentação disponível<sup>8</sup>, é possível perceber a unanimidade dos resultados sempre a favor do coronel e de seu partido. As atas apresentam flagrantes indícios de fraudes, como a mesma caligrafia assinando por todos os eleitores.

Evidentemente, **"o comparecimento do eleitor era importante para manter as aparências legais do pleito e o prestígio do coronel".<sup>9</sup> " As eleições em Ijuí pautaram por sempre mostrar uma grande unanimidade, o que valeu ao Coronel Dico um domínio incontestado, deixando-o imune a qualquer intervenção do governo**

---

<sup>8</sup>-Arquivo da Prefeitura Municipal de Ijuí, acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana, FIDENE, Ijuí.

<sup>9</sup>-AVANCINI, Elsa. 1200 Votos Contra O Coronel - A Eleição da Banha em Ijuí, 1934, Unijui, Ijuí, 1988, p. 19.

**estadual, conforme ocorria em outros municípios do estado onde havia rivalidades políticas entre os coronéis"** (Avancini, 1988:5-6).

De fato, o domínio do Coronel Dico não encontrava oposição em Ijuí, fato decorrente do antigo pacto do Alto da União celebrado por Augusto Pestana. Segundo o próprio Coronel, a oposição resumia-se a **"coisa do Lulu Ilgenfritz e de uma gurizada nova inconseqüente"** (AVANCINI, 1988:6), facilmente controláveis pela habilidade do Coronel.

Ao lado do carisma desse coronel e da sua eficaz cooptação das bases eleitorais do município, notadamente colonos imigrantes - dependentes e tutelados pelo poder instituído -, Dico assessorava-se na Guarda Municipal, a **"polícia do coronel"**, que servia para manter a ordem e ajudar nos procedimentos eleitorais.

Nos primórdios da instalação do município de Ijuí, o intendente, coronel Dico, solicita ao governo do estado informação sobre a quem recairia a responsabilidade pelo recrutamento militar no município. A resposta recebida designava o poder municipal como responsável pelo recrutamento, especificamente pelo aviso aos **"previamente sorteados"**.

O coronel Dico, como representante máximo do PRR no município, era responsável por um eleitorado nem sempre fiel ao Partido. Com o recrutamento militar em suas mãos, poderia instruir militarmente seus capangas, condenar alguém a esse

serviço, ou liberar o filho ou o protegido de algum correligionário.

Não há dúvidas de que o serviço militar propicia o conhecimento do uso das armas de fogo a grande parte da população e nem a historiografia brasileira deixa de mostrar o quanto o Brasil era instável nos anos da República Velha. Com relação ao Rio Grande do Sul, estará envolvido, só nesse período, em dois levantes armados, a Revolução de 1893 e a de 1923, quando se confrontam facções do poder local, e dois importantes acontecimentos de abrangência nacional, a Coluna Prestes e a Revolução de 1930. Para a estrutura de poder chamada de "coronelismo", a instrução de tiro assumiu caráter de grande importância, pois possibilitou a formação de seus pequenos exércitos locais. Ijuí não foi exceção.

Na região, o município vizinho, Santo Ângelo, será o ponto inicial da Coluna Prestes, que deixará sua marca em Ijuí, numa tentativa de ocupação da Intendência, em outubro de 1924. A Coluna Prestes, juntamente com a Revolução de 1930, podem ser consideradas os eventos que mais movimentaram a opinião pública de Ijuí. Mas o que realmente nos interessa aqui é que toda a vez que, em eventos de caráter político nacional, foi utilizada a força armada, Ijuí compareceu com seus voluntários, sejam eles de origem nacional ou estrangeira. Partindo-se disso verificaremos as formas de ação com relação à população julgada de origem estrangeira, nos momentos de conflito mundial em que

seus países de origem estejam envolvidos e em momentos de conflito local ou nacional.

Mesmo dentro das guerras mundiais podemos ver uma forma de comportamento antes da declaração de guerra à Alemanha e depois da declaração, passando de povo pacato, ordeiro e trabalhador para a posição estigmatizada do possível espião ou do agente avançado em busca de novos territórios para o seu império de origem.

### 3.1.3 Colônia Mista

Há cem anos o padre Antoni Cuber, pároco de Ijuí, chamava a Colônia de "A Babel do Novo Mundo", devido ao número de idiomas que se falava ali: **"Nossa comunidade recebeu prazerosamente representantes de pelo menos 19 nacionalidades, pois, é este o número de idiomas que se ouve por aqui..."**<sup>10</sup>

Registrando a existência oficial das **"...seguintes famílias: 500 polonesas , 30 lituanas, 20 rutenas, 10 tchecas, 200 alemãs, 100 austríacas, 50 suecas e várias finlandesas. Além destas famílias, moram portugueses, brasileiros e seus descendentes, espanhóis, franceses, árabes, gregos, mulatos e bugres. Surgiu por aqui, também, um representante de Israel, porém como não estivesse disposto a trabalhar duramente, atirou fora o machado**

**deixando suas plantações de milho aos cristãos"** (Cuber, 1975:30). Os números apresentados por Cuber esclarecem o universo étnico que habitava Ijuí nos seus primeiros tempos. Mas o que Cuber escreve vai além da mera exposição de números. Ele nos fornece sua interpretação para os acontecimentos da Colônia, transferindo para ela, como não poderia deixar de ser, os conflitos que envolviam os países de origem da maioria da população ali existente. Essa pode ser considerada a visão polonesa do processo de colonização de Ijuí.

Cuber nos relata a chegada em Ijuí, no ano de 1896, de um delegado da **Sociedade Comercial Geográfica** de Lwów (Lemberg)<sup>11</sup>, que ali fundou uma sociedade cultural chamada Kósciuszko. Essa sociedade, devido ao incentivo do padre e do chefe local, chegou a ter cerca de 150 sócios, que logo reduziram-se a cerca de cinqüenta. Cerca de cem, que não haviam entendido a proposta da sociedade, esperavam obter algum lucro provindo de Lwów e acabaram por abandonar a associação (Cuber, 1975:28).

Essa associação cultural tinha por fim o culto da Polônia mediante reuniões de caráter patriótico: **Todos estes são zelosos patriotas, não faltam a nenhuma reunião, lêem com atenção e ouvem com interesse as palavras sobre o glorioso passado da**

---

<sup>10</sup>-CUBER, Antoni. **Nas Margens do Uruguai**. (1896), FIDENE, Ijuí, 1975, p. 30.

<sup>11</sup>- "Capital da Galícia, antiga província do Império Austro-Húngaro. Na Idade Média constituiu um reino, antes de ser incorporada à Polónia e depois anexada a Áustria. Foi restituída inteiramente à Polónia pelo Tratado de Saint-Germain em 10/09/1919. A Galícia Oriental (Lwów) foi, porém, incorporada à Ucrânia, em 1945" (Cuber, 1975:26).

Polônia, sobre as atuais perseguições aos nossos irmãos na velha pátria, etc. Atualmente, junto às canções religiosas, ecoam em nossas florestas virgens, também canções patrióticas e cada polonês olha com respeito, confiança e esperança um melhor porvir para a nossa bandeira. A águia branca polonesa com as armas da Lituânia evoca-nos os nossos antepassados unidos através do poder e da glória. Os brasileiros comemoram no dia 7 de setembro o dia de sua independência. Neste dia nós poloneses, a quem esta data corresponde aos anseios de liberdade, hasteamos igualmente, a nossa bandeira junto da brasileira" (Cuber, 1975:28-29). Nos chama a atenção o sincretismo patriótico que acontece com a data máxima do Brasil, que passa a ser também oportunidade de culto ao país de origem, criando assim um espaço ideológico para a construção e a manutenção da memória dos poloneses locais.

Outro fator que nos é apresentado é o da religião. Cuber ressalta que os poloneses católicos, acostumados a associar o elemento alemão com o protestantismo, tiveram dificuldades em reconhecer a possibilidade de convívio com alemães católicos. A religiosidade do povo polonês é elogiada por Cuber, que diz até que pararam as bebedeiras usuais depois da chegada do padre à Colônia.

Cuber continua seu texto nos mostrando que, além dos enfrentamentos de cunho religioso entre católicos e protestantes, houve momentos em que as questões étnicas aparecem

claramente: "No encerramento da sessão solene, um dos membros proferiu algumas palavras, porém sinceras, a respeito da sublime idéia da libertação dos povos, dizendo que: 'nós poloneses - a quem os atuais usurpadores arrebataram a Pátria através da força e da astúcia - estamos em condições de sentir melhor o tesouro inestimável que acabamos de perder'.

Na oportunidade, um dos brasileiros que se encontrava presente, tomando a palavra, respondeu: 'se ainda existem verdadeiros filhos da Polônia, certamente, mais cedo ou mais tarde, irão retomar aquilo que lhes pertence'. Os alemães que se encontravam presentes, baixaram suas cabeças, enquanto os brasileiros e italianos batiam palmas" (Cuber, 1975:29-30).

Loiva Otero Félix identifica para nós as variáveis que devem ser levadas em consideração quando estivermos estudando fenômenos ligados às áreas de colonização "Consideramos a necessidade de observar variáveis intervenientes nas áreas coloniais que alteraram os padrões de comportamento destas em comparação com as demais do Rio Grande do Sul. Foram elas: poder e etnicidade ('germanidade' e 'italianidade') e poder e religiosidade (Igrejas católica e evangélica...)." <sup>12</sup> Este parece ser o caso em que essas duas variáveis devem ser consideradas,

---

<sup>12</sup>-FÉLIX, Loiva Otero. Religião e política: os teuto-brasileiros e o PRR. In: VASCONCELLOS, Naira (orgs), Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Canoas, Ed. ULBRA, 1994, p. 77.

mas, no decorrer do trabalho nos preocuparemos com a variável "poder e etnicidade".

Cuber foi um ferrenho lutador contra o domínio de comerciantes alemães na Colônia. Argumentava que os alemães exploravam os colonos poloneses com seus comércios, para ele era necessário que se estabelecesse na vila um comerciante polonês. E, pelo visto, não perdia oportunidade de criticar os alemães, direta e indiretamente, no comércio local e na ação alemã na Europa, respectivamente.

Cuber foi, ainda, um dos principais incentivadores da criação de um núcleo exclusivamente polonês na Colônia Guarani, para que tivessem um ponto comum para onde pudessem convergir todos os poloneses que estivessem em situação de exploração por outras etnias, desde o Paraná até o Rio Grande do Sul. E, mesmo quando fala da Colônia Guarani, não deixa de criticar a população germânica da região.

É nítido o constrangimento que sofre a população de origem alemã. Se observarmos os dados das citações de Cuber que aqui apresentamos, podemos perceber a existência de vias de pressão utilizadas para esse constrangimento praticado por meio das associações culturais, da religião e também da tribuna em momentos cívicos.

Mesmo que seja necessário relativizar-se as posições assumidas por Cuber com relação à população germânica, por se tratar de um documento voltado a uma população específica e com

caráter de propaganda, nos resta claro o conflito étnico. Outro dado importante é que os etnicamente alemães não eram maioria na população da Colônia, chegando a cerca de 20% da população de imigrantes.

Voltaremos a tratar desse mesmo assunto, nos pontos 3.2.4, 3.2.5 e 3.2.6 deste capítulo, quando nos preocuparemos em ver as questões étnicas caracterizadas em matérias do jornal **Correio Serrano**, de Ijuí.

## 3.2 O Serviço Militar em Ijuí

### 3.2.1 A Propaganda Local e a Participação Cívica

Um dos documentos mais interessantes sobre o serviço militar que aparece no jornal **Correio Serrano** foi escrito pelo então amanuense da delegacia de polícia, Antônio Setembrino Lopes, que também era o secretário do Tiro de Guerra 337.

Antônio Setembrino Lopes é um exemplo local de manifestação do nacionalismo de tipo ufanista caracterizado por

Antônio Cândido<sup>13</sup>. Seu nome aparece como assinante de várias matérias do jornal **Correio Serrano**, que nos serve de fonte. Vejamos agora uma carta que ele escreveu para um seu primo e que acaba sendo publicada no jornal em fevereiro de 1918: **"CARTA ao meu Primo Nino. Porto Alegre. Antes de tudo nossa idolatrada Pátria, pois o momento é chegado para que façamos dela como nas amizades de nosso coração, como ao pão que nos alimenta; ao fruto que desejamos, a flor que nos embalsama, a luz que nos deslumbra, querê-la sempre acima de tudo. Hoje, que envergastes esse uniforme honrado e pesado de responsabilidades pela época que atravessamos, o qual apesar da tenra idade, já te sentistes prepotente para ir buscá-lo espontaneamente; não posso deixar de saudar-te do íntimo d'alma pela excelsa idéia; convicto mesmo de que saberás compenetrar-te daquilo que couber-te. Como disse Érico Maciel, num seu discurso - Alevantai, irmãos a vossa frente, fitai, orgulhoso, a Bandeira divina do Brasil! Porque ser soldado é ser a perfeição! Bravura e piedade, ímpeto e calma, coragem e pendência, violência e precisão, arrojo e cordura, energia e brandura, ataque e defesa, inimigo e proteção, complexo estupendo de estupendos paradoxos, de extremos que se tocam e se confundem, intrincado de coisas maravilhosas, ou grandes ou fortes, que se sucedem, ou se revezam, ou se aliam: eis o soldado! atacar e proteger; ser**

---

<sup>13</sup> -CÂNDIDO, Antônio, Folha de São Paulo, Caderno Mais, p.13 27 de agosto de 1995.

arrojado e bravo ante o forte, brando e piedoso ante o vencido; ser meigo e protetor para os velhos e as crianças e mulheres e os fracos; nobre e altivo e cavalheiro e gentil; cultivar a moral e a honra; a virtude, a força e o direito; idólatra da dignidade, fetiche do dever; eis o que cumpre a quem é soldado, eis o que se fizeram soldados do Brasil; eis o que haveis de fazer! Pois assim é alma que descanta no peito do sertanejo como disse o Rev. J. Mozart de Mello em sua conferência, que é essa mesma alma que vibra na lira dum Golçalves Dias, que canta na musa dum Carlos Gomes, que relampeja na espada dum Caxias, que palpita no pincel dum Pedro Américo, encarna num cinzel dum Bernardelli, ala-se num engenho dum Santos Dumont, abraça num patriotismo dum Rio Branco, assombra num cérebro dum Ruy Barbosa, ribomba num trovão dum Silveira Martins e fulmina no raio dum Júlio de Castilhos. Salve! Maravilhoso Brasil. A. Setembrino Lopes. Ijuí 24.1.18" (Correio Serrano, 8 de fevereiro de 1918).

Antônio Setembrino Lopes, pelo que se pode perceber nos documentos, fazia parte da elite política local; pelo menos esteve sempre ligado ao poder político vigente. Na Revolução de 1923 ele era secretário interino do município, mas seu trabalho era o de coletor estadual, tendo também participado da Revolução como major do Corpo Provisório organizado na cidade. Na Revolução de 1930 foi major-fiscal, o segundo nome da

oficialidade de Ijuí que serviu sob as ordens do coronel. Victor Dumoncel. Já em 1939 o encontramos como vice-presidente da Associação Agrícola Pastoril de Ijuí.

Na posição assumida por Antônio Setembrino Lopes percebemos algo que é recorrente na história do município de Ijuí, a elite "brasileira", a que tem sobrenome de origem lusa, manifesta-se como que tomando para si os valores de brasilidade, de cidadania, mostrando-se conhecedora dos valores, símbolos e ídolos que precisavam ser cultuados para a efetiva nacionalização da população local. Em sua carta o soldado é o homem completo, íntegro, capaz de controlar os próprios sentimentos na busca da justiça: **"Ser soldado é ser perfeição"** e perfeição pode ser buscada nos exemplos deixados por figuras ilustres da história e da cultura brasileira, começando por Gonçalves Dias, Carlos Gomes, Duque de Caxias, Pedro Américo, passando por Santos Dumont e chegando até o exemplo máximo dos republicanos gaúchos que foi Júlio de Castilhos.

### 3.2.2- "O Tiro Brasileiro" - Serviço Militar Pago

Data de 12 de agosto de 1915 a correspondência recebida da 7ª Região Militar de Porto Alegre, pelo intendente municipal de Ijuí, coronel. Antônio Soares de Barros, em que aquele comando diz: **"Conheceis, por certo, ilustre patricio, a patriótica**

instituição Tiro Brasileiro, destinada a preparar os nossos concidadãos para a defesa da pátria quando esta reclamar que cada um abandone o seu lar, os seus haveres, tudo enfim, para correr fileiras em torno da bandeira nacional.

Temos um exército permanente de efetivo tão pequeno, que fora demiridade [sic] confiar só na sua força em grave emergência que, porventura, venha reclamar o uso das armas na defesa da integridade nacional.

Mesmo que o Poder Legislativo, numa previsão indispensável, eleve o efetivo do exército a 30.000 homens, máximo que poderemos aspirar no atual momento de crise financeira mundial, mesmo assim ainda é muito pequeno o número de soldados de que esta vasta pátria virá a dispor.

A todos os brasileiros, aos vossos munícipes, caberá pegar em armas na defesa do pavilhão jamais vencido, e improvisarem soldados, como tem acontecido em diversas fases da nossa história nacional.

Mas o soldado moderno não se improvisa. Ele necessita de preparo técnico especial, desde o perfeito manejo da arma até uma sólida instrução profissional.

Basta citar, como exemplo frisante do quanto vale o preparo lento e sistemático, o papel que a Alemanha está representando na grande guerra européia.

Nesse ponto, o Brasil tem sido de uma imprevidência sem par, desde o Paraguai até nossos dias.

Temos apenas o soldado de profissão, engajado e reengajado sucessivamente, conhecendo quase que na sua maioria os escaninhos para bem viver, sem incômodos e melhor modo possível.

O serviço militar obrigatório desenha-se no horizonte, ainda apagadamente esbatido [sic], sem forma clara definida.

As reservas não existem, a não ser nas forças públicas estaduais, de fracos efetivos, dado o seu destino.

Enquanto o serviço militar obrigatório não é instituído, enquanto persiste o sistema de voluntariado, dos engajamentos e reengajamentos, que ameaça perdurar ainda por algum tempo, urge que os nossos concidadãos se congreguem em sociedades de tiro e procurem instrução militar, não só para a defesa da Pátria, como deles próprios.

E se assim expresso é porque cada cidadão a quem for dada uma arma, cujo manejo não conhece, será um soldado de pouco rendimento e sua vida estará periclitando a todo o momento, sem resultado de maior.

Neste momento de transição do regime de voluntariado para o do serviço obrigatório da pessoa, ao Tiro Brasileiro cabe uma importante função, preparando os futuros soldados, sem grande sacrifício.

Ao Rio Grande do Sul, cujo povo não conhece o medo nem tem egoísmo, quando a pátria o reclama, ao Rio Grande do Sul que jamais repugnou o serviço militar devido pelo cidadão a sua nacionalidade.

A prova disso é o alistamento militar deste Estado, cuja cifra se elevou a 87.440 homens, quando todo o norte não deu senão 2.000, quando Minas Gerais e Rio de Janeiro apresentavam apenas 11.000.

Completamos essa obra de espontaneidade, com vosso valioso concurso, fundando nesse município uma sociedade de tiro, filiada a Confederação do Tiro Brasileiro. Por lei vós sois presidente honorário dessa sociedade, como preceitua o art. 21 do decreto n. 8083 de 25 de junho de 1910.

Escolhereis um conselho diretor composto dos cidadãos de maior prestígio social, e com eles prestareis esse serviço relevante e patriótico.

Os sócios, cuja jóia não poderá ser superior a 20\$000 e a mensalidade 5\$000, gozarão de vantagens especiais, como sejam: Dispensa de incorporação ao exército ativo, uma vez aprovados no exame, quando for estabelecido o sorteio.

As garantias da lei n.816 de 10 de julho para aquisição de terrenos para as suas linhas de tiro.

Receber gratuitamente munição. Receber armamento e equipamento por empréstimo. Ser indenizada metade das despesas feitas com a construção da linha de tiro.

Utilizar-se em seus exercícios da linha de tiro do governo.

Aguardo vossa resposta para enviar-vos o modelo de estatutos da sociedade, conforme o decreto já citado, e confio em vossa ação patriótica para que ao Rio Grande do Sul caiba dar mais um notabilizante exemplo.

Uma vez organizado o conselho e lançadas as bases da sociedade, providenciarei para que vá ao vosso município um oficial, que será vosso imediato auxiliar nesse elevado tentamen [sic].Saúde e Fraternidade" (AIPMI, MADP, correspondências recebidas).

O Comandante da 3ª Região Militar nesse momento era o general. Mesquita, incansável propagandista dos Tiros de Guerra, que não se limita a fazer somente a apologia desse tipo de associação civil/militar. Ele mostra a conveniência desse tipo de serviço militar pela crise que o país atravessa, pela falta de verbas militares, pela existência de um contingente de soldados acostumados aos "escaninhos para bem viver", que para o Brasil de hoje poderíamos traduzir como "jeitinho brasileiro". É importante percebermos que trata-se de um documento do ano de 1915, situando-se dentro da conjuntura da 1ª Guerra Mundial, mas sem problemas para citar a Alemanha como exemplo na Guerra por

já estar com seu serviço militar obrigatório instituído. Aliás, até aquele momento, o país mantinha-se "neutro" nas questões da 1ª Guerra Mundial.

A campanha pela fundação de uma sociedade de tiro em Ijuí volta à carga e se evidencia novamente mediante uma correspondência recebida no ano de 1917 pelo intendente municipal. Essa correspondência foi enviada pelo Tiro de Guerra nº 4 de Porto Alegre, o mais antigo da capital, que estava organizando uma parada geral das Linhas de Tiro Brasileiro em comemoração à Proclamação da República, no dia 15 de novembro do mesmo ano. Argumentando: **"se atualmente não tendes ventura de contar em vosso adiantado município com uma Sociedade de Tiro Brasileiro confederada a Confederação de Tiro Brasileiro, tereis uma boa ocasião para organizá-la e prestardes desta forma um elevado serviço a pátria... O município que não contar até a presente data com uma Sociedade de Tiro poderá neste espaço de tempo fundá-la e tratar imediatamente de confederá-la... Terá o município uma boa ocasião de enviar uma comissão para representá-lo nestes festejos, bem como presenciar o engrandecimento e o progresso da Linha de Tiro Brasileiro do Estado do Rio Grande do Sul."** (AIPMI, MADP, correspondências recebidas).

Coincidência ou não, é no ano de 1917 a fundação do Tiro de Guerra em Ijuí: **"Tendo sido fundada com a presença de 120 cidadãos dia 04 de março uma linha de tiro brasileiro cuja**

incorporação e pedido de nomeação de instrutor já foi remetida ao Ministro da Guerra cuja nomeação e incorporação tem alguma delonga. Venho na qualidade de chefe do Executivo Municipal e por lei presidente honorário, solicito-vos a nomeação de um inferior do Exército para provisoriamente servir de instrutor desta sociedade até ser definitivamente preenchidas as formalidades exigidas" (AIPMI, MADP, correspondências recebidas).

O Relatório Municipal de 1918 diz que a entidade ao ser fundada contara com 426 sócios, tendo esse número caído para uns setenta sócios devido a dificuldades encontradas pela diretoria da Associação.<sup>14</sup> Embora o relatório não especifique quais foram as dificuldades encontradas pela diretoria da associação para o ano de 1918, achamos que deve ser considerado aí o clima do pós-guerra, que proporcionou algum declínio no entusiasmo dos reservistas para com o serviço militar.

Segundo os regimentos do Exército: "Os Tiros de Guerra são associações organizadas por cidadãos brasileiros, com o fim único e exclusivo de se prepararem para a defesa da pátria, recebendo a instrução militar e praticando o tiro de guerra, que os tornarão aptos para o cumprimento deste dever.

Representam uma manifestação de alto patriotismo e, em caso de ameaça de guerra, podem ser chamados a desempenhar missões de mais alta relevância para a defesa do País; por

---

<sup>14</sup>-Relatório Municipal de Ijuí para o ano de 1918, MADP.

isso, são credores de todo o apoio e carinho das autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais.

Não são, porém, forças militares ou militarizadas previstas como tais; sua função é de escolas de preparação militar" (Acker & Silva, 1990:5).

Destacamos que para o cumprimento do serviço militar dentro de um Tiro de Guerra, era necessário que a pessoa se associasse a essa entidade, pagando mensalidades que enfim sustentavam a associação. Essa condição afastava os que não tivessem renda para tanto.

Podiam associar-se os maiores de dezesseis anos, permanecendo sócios até os 25 anos de idade. A turma que se matriculava para a escola de soldados participava das instruções poucas vezes por semana, fator que a diferenciava do serviço militar nos quartéis do Exército, que exigiam o ano inteiro de dedicação. O fato de ocuparem-se com o serviço militar obrigatório por pouco tempo transforma-se numa grande vantagem para os colonos locais, que não precisavam distanciar-se dos seus afazeres usuais, não causando prejuízo ao trabalho que necessitasse de seu braço.

Após um ano de instrução o aluno submetia-se a uma prova de tiro, que o deixava apto, ou não, à reserva, tendo assim cumprido com uma parte de seu dever, pois ainda tinha de freqüentar as linhas de tiro todos os meses, por dois anos, até completar 25 anos.

O Tiro de Guerra 337 funcionou em Ijuí de 1917 a 1944, tendo passado por suas fileiras 1.310 sócios, formando 25 turmas de reservistas, chegando a um total de 802 formados.

Uma possibilidade que o Tiro de Guerra oferecia era a formação de associações por categoria profissional, com o fim de atender a uma clientela específica. No Distrito Federal, sem dúvida, a agremiação que atingiu maior importância foi o Tiro Brasileiro de Imprensa - TG 525 -, que tinha como presidente o deputado e jornalista Félix Pacheco. Havia também o Tiro Telegráfico - TG 536 - e , em Porto Alegre, o Tiro de Guerra nº 4 caracterizava-se por uma clientela oriunda em sua maioria do comércio. O prédio da Associação dos Empregados do Comércio de Porto Alegre serviu por muitos anos de sede do Tiro de guerra Nº4<sup>15</sup>. No relato do anarquista Kniestedt podemos verificar que existiu uma política do poder público com o fim de incentivar a instalação de Tiros de Guerra em sindicatos e associações de trabalhadores: **"Em 18 de agosto de 1917 chegamos ao cais do porto de Porto Alegre. Deixamos as crianças e a bagagem no porto e fomos procurar uma moradia. Na Rua Visconde do Rio Branco encontramos nosso primeiro lar. O ocupamos ainda no mesmo dia. Dois dias depois comecei a trabalhar como pinceleiro, com um salário inicial de 8\$000.**

---

<sup>15</sup>-POLIANTÉIA Comemorativa do 50º Aniversário da Fundação das Associações dos Empregados no Comércio de Porto Alegre. Porto Alegre, s/ed, 1949, p. 24.

Na Federação Operária se discutia na época sobre a instalação de um Tiro de Guerra. Os trabalhadores dos sindicatos de Porto Alegre tinham começado ainda antes da guerra com a construção de uma sede na Várzea. O local tinha sido colocado à disposição pela administração municipal da época. Os diversos sindicatos contribuíram com dinheiro de sua caixa, fora criado um fundo para a construção e muitos trabalhadores, sobretudo da construção civil, trabalhavam gratuitamente. Em consequência da guerra também o Brasil entrou numa crise econômica, o fundo se esgotou e por isso os trabalhos tiveram de ser interrompidos em 1916. A construção fora interrompida com o primeiro andar concluído. Agora se pretendia iniciar com os trabalhos. A administração municipal queria dar a metade do dinheiro para a conclusão - mas sob que condições? Depois da conclusão da obra a parte inferior do prédio ficaria a disposição dos sindicatos, enquanto a parte superior seria ocupada por uma associação de formação militar de operários, um Tiro de Guerra para operários.

Quando ouvi os primeiros debates sobre este assunto, fiquei perplexo. Os líderes deste plano eram os linotipistas Macedo e Plínio de Freitas, o alfaiate Collin, e sobretudo Xavier da Costa, como intermediário (Collin e Xavier da Costa foram mais tarde designados vereadores pelo partido do governo). Os adversários do plano eram os linotipistas, Polydoro dos Santos, Nino e Orlando Martins, os delegados do sindicato dos

padeiros e os pedreiros. Todos os adversários eram anarquistas e membros da Liga Operária, a que também eu pertencia.

O plano caiu por terra, a oposição vencera, mas nós da Liga nos afastamos da Federação e juntamente com os padeiros, moageiros, pedreiros e um novo sindicato de diferentes profissões criamos uma União Geral dos Trabalhadores de Porto Alegre. A Federação era apagada, fiel ao governo, a União era anarco-sindicalista. Fui nomeado dirigente da União, auxiliado por um comitê composto de um delegado de cada sindicato. Nossas reuniões se realizavam na Rua Santana."<sup>16</sup>

É fácil de compreendermos a ação de propaganda que o Exército e o poder público fizeram no sentido de difundir o serviço militar junto aos trabalhadores médios dos setores urbanos e rurais. Esses, mal ou bem, possuíam recursos para enfrentar as despesas decorrentes da associação numa Linha de Tiro, que iam além da jóia e das mensalidades cobradas pela associação. Como podemos ver, a compra do uniforme trazia despesas adicionais.

Em anúncio publicitário da loja A La Ville de Paris, aparece o seguinte slogan: **"Alistai vos nas linhas de tiro e fardai vos em nossa casa"** (OTG, nº 2, Rio de Janeiro, 1918). E segue nos dando o preço do fardamento, feito com brim "kaki"

---

<sup>16</sup>-KNIESTEDT, Friedrich. *Memórias de um Imigrante Anarquista*, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, (René E. Gertz, Editor), Porto Alegre, 1989, pp.123-124.

inglês, que mantinha a cor inalterável, e que custava 45\$000 completo, ou seja, com **"dolman, calça e boné"**. Um boné avulso de primeira qualidade custava 12\$000, e um de Segunda, 10\$000. Na sua relação de acessórios para o fardamento aparece um distintivo de lapela para traje civil e um distintivo de classificação de tiro, custando 2\$000 e 1\$000 respectivamente. Some-se ainda o preço das perneiras de couro, que por questões de flutuação no mercado não foi fornecido antecipadamente, só podendo ser dado na hora da compra.

Para o Rio Grande do Sul, especificamente Porto Alegre, Mazon nos passa os custos de uma farda completa: **"A 3ª turma veio confirmar o lindo uniforme caqui, que a 2ª havia inaugurado em substituição ao de 'Baleiro Americano', que a 1ª tinha usado (esse uniforme era o seguinte: calça preta, blusa de brim pardo e boné branco, sendo nos dias de grandes formaturas a calça era branca). O nosso uniforme caqui estava assim organizado e direi também seu preço: Túnica e calça (20\$) - boné, tipo francês com pala preta de couro envernizado (5\$). Como naquele tempo todos usavam botinas pretas ou borzequins, essa peça não entrava no computo do preço total, que era de 25\$.**

**Para os dias feriados devíamos acrescentar luvas brancas (1\$500 o par) e polainas de linho branco (3\$)."**<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup>- MAZERON, Gaston Hasslocher. *Reminiscências de Porto Alegre*, Porto Alegre, Selbach, s/data, p. 31.

Somando os valores cobrados pelo fardamento de qualidade superior que aqui apresentamos, chegamos ao valor de 45\$000. Essa quantia, somada à possibilidade de pagamento de uma jóia de 20\$000 e uma mensalidade de 5\$000, totaliza 70\$000, valor que o atirador desembolsaria no primeiro mês de treinamento.

A Intendência de Guerra, através de sua Repartição de Costura, oferecia uniformes completos com o preço entre 24\$500 e 25\$600, chegando próximo aos valores fornecidos por Mazon. Se considerarmos a compra do uniforme fornecido pelo Exército teremos um valor que se aproxima de 50\$000.

Pagar uma jóia de até 20\$000 e uma mensalidade de 5\$000 era o máximo a que podia chegar a despesa com a associação. Algumas associações, este é o caso de Ijuí, cobravam uma jóia de 5\$000 e uma mensalidade de 2\$000. Se somarmos o valor de uma farda de menor qualidade, cerca de 25\$000, chegaríamos a um desembolso de 32\$000 no primeiro mês para ser sócio do Tiro de Guerra 337. Esse valor, segundo anúncio de preços de livros dados pela revista **O Tiro de Guerra**, daria para comprar, de uma só vez, cerca de quatorze livros de 2\$500, ou a assinatura da própria revista por um pouco mais de seis anos. Despesa que, certamente, grande parte da população de Ijuí não estaria em condições de assumir, restando-lhe, para cumprir com o serviço militar obrigatório, a alternativa de deslocar-se a um dos municípios vizinhos que tivessem guarnição federal.

É preciso que levemos em consideração que um reservista de Tiro de Guerra permanecia sócio pelo menos até os 25 anos, o que lhe aumentava os custos com mensalidades e fardas. Portanto, servir no Tiro de Guerra ia muito além das despesas iniciais.

Como já vimos, Ijuí é uma cidade de economia basicamente agropecuária, mas em seu núcleo urbano mantinha uma estrutura comercial e de serviços.

Para caracterizar as categorias profissionais dos reservistas do Tiro de Guerra 337, podemos utilizar a relação feita para o ano de 1929, onde figura o número de reservistas por profissão: *Tabela 1*

Tiro de Guerra 337	
Turma do Ano de 1929	
Profissão	Nº de Alunos
Agricultor	69
Comerciário	11
Funileiro	2
Curtidor	2
Maceneiro/Carpinteiro	3
Criador	2
Pedreiro	1

Tiro de Guerra 337	
Turma do Ano de 1929	
Profissão	Nº de Alunos
Alfaiate	1
Farmacêutico	1
Linotipista	1
Total	96

(Fonte: MADP-Organizações Civas 5.7.7)

Dentre as 25 turmas formadas pelo Tiro de Guerra 337, a turma de 1929 foi a que mais recebeu reservistas, chegando a 96.

Embora a diretoria do Tiro de Guerra 337 se esforçasse para mostrar que os custos para fazer o serviço militar no TG eram baixos, só mesmo pessoas com alguma ocupação, ou com famílias bem-situadas economicamente, poderiam pagar por esse serviço.

A seguir transcrevemos, na íntegra, uma carta recebida pelo diretor do Tiro de Guerra 337, onde a questão do pagamento das mensalidades é um dos assuntos tratados. Não só as mensalidades, como o caráter do tipo de serviço prestado pelo Tiro de Guerra, passam pela afiada crítica do engenheiro Afonso Muxfeldt:

**"Hidro-elétrica de Nonoai**

A. Muxfeldt

Nonoai 18 de dezembro de 1934

Ilmo Sr. Fermino Luchese, Ijuí, Amigo e Sr.

Com prazer informo ao amigo que estou de posse de sua cartinha do dia 25.11.34, referindo-se sobre meu atraso da mensalidade do Tiro de Guerra.

Tenho a informar o amigo que remeti 72\$000 no dia 12 do corrente para minha irmã Rosa que presentemente acha-se em Ijuí. Conforme prometi para o Sr. Piccoli que até o fim do ano efetivava esse pagamento. Essa importância será para 36 meses de mensalidade.

Sr. Fermino! queira desculparem umas palavras que dirigi particularmente ao amigo, com referência à sociedade; mas independente dela.

Quanto as ordens enérgicas da delegacia me determinam as letras do artigo 16 e 18 do RIM. Isso são partes com que menos me preocupo e sobre os incômodos que daí possam advir estarei sempre preparado para resisti-los.

Sr. Fermino isso são apenas dados para o sr. se basear no desempenho do cargo que lhe foi confiado. Hoje já compreendo qual o motivo desses desentendimentos. Podia lhe dar um esclarecimento em extensão o que se tornaria enjoativo, mesmo sei que com poucas palavras o amigo compreende meus dizeres.

Convite para matrícula do Tiro de Guerra, é semelhante ao convite para uma refeição e depois de a tomada nos é feita a cobrança.

Nós saímos reservistas nas escuras sobre o procedimento com a sociedade e depois somos levados aos estrambulhões até chegar num carreiro que nos dá o rumo que devemos tomar.

Não estou a par de seus esforços, mas reconheço o dos antecessores e verifiquei que muitos foram inúteis.

Nós precisamos de instruções claras, desembaraçadas e nítidas, então desaparecerá muitos desacordos.

Sem mais subscrevo-me

Alta estima e apreço seu amigo Afonso Muxfeld"<sup>18</sup>

Dizer que fazer o serviço militar no Tiro de Guerra é como ser convidado para uma refeição e depois ter de pagá-la é chegar ao fundo da questão sobre uma instância que é obrigatória a todos. Afinal, se todos deveriam servir o Exército, por que deveriam pagar? Nesse ponto entraríamos no fato de que o Exército brasileiro, que tomou para si o espaço da nacionalidade, não possuía recursos para a realização efetiva do trabalho de "educação" que o serviço militar deveria propiciar. Nesse ponto fica claro que os alunos da escola de soldados do Tiro de Guerra literalmente pagavam para não incorporarem como soldados de primeira linha.

---

<sup>18</sup>-Documento n. 153, cx. n.2, 5.7.7, MADP.

A crítica que o reservista Muxfeldt faz ao próprio Tiro de Guerra é uma amostra de que nem todos estavam satisfeitos em se tornarem reservistas apenas aprendendo a atirar. O Tiro de Guerra deveria formar as pessoas para enfrentar a vida em sociedade, para ajudá-las a resolver seus problemas.

### 3.2.3- Serviço Militar e Nacionalidade

Providencialmente, Rambo elabora para nós a questão da nacionalidade e da cidadania entre a tradição alemã e a tradição luso-brasileira e nos explica que **"O nacionalismo alemão como os demais nacionalismos que derivam e se orientam pela mesma raiz ideológica, conceberam a nacionalidade desvinculada da cidadania. A sociedade nacional não é referenciada por nenhum estado específico. O autodefinir-se como alemão não significa declarar-se comprometido com a Alemanha como Estado.**

**Não resta dúvida que fica muito complicado para uma pessoa com tradição luso-brasileira entender esta situação. O luso-brasileiro, partindo do princípio do jus soli como referencial identificador da brasilidade, terá muita dificuldade em entender que alguém possa exibir a nacionalidade alemã e, ao mesmo tempo declarar-se cidadão brasileiro. Se o nacionalismo alemão supõe compromisso étnico-cultural-lingüístico,**

nacionalismo para o luso-brasileiro supõe, em primeiro lugar, compromisso político com o Estado brasileiro. Nacionalidade, brasilidade, estado e cidadania confundem-se num conceito híbrido em que um determinado substrato étnico-cultural entra em associação ou em parceria indissolúvel com a cidadania, da qual resulta, como produto final, o nacionalismo brasileiro."<sup>19</sup>

Logo trabalharemos com matérias que mostram a ação do jornal **Correio Serrano** como difusor da legislação sobre a cidadania e nesses mesmos documentos percebemos a presença do serviço militar como uma das condições para a cidadania plena.

Agora pretendemos mostrar que por mais que legalmente fosse impossível negar-se aos teuto-brasileiros a condição de cidadãos brasileiros, de fato lhes era negada essa cidadania. Apesar de terem nascido em território brasileiro e como brasileiros terem sido registrados, lhes restava o tratamento dado a cidadãos de segunda categoria: **"Não há necessidade de nenhum malabarismo teórico para perceber que essa maneira de ver e proceder se aproximava perigosamente de uma discriminação de fato. E práticas discriminatórias em relação aos alemães e outras procedências não-lusas tornaram-se rotinas entre os anos de 1938 e 1945"** (Rambo, 1995:49). Nós queremos fazer retroceder um pouco as datas apresentadas por Rambo e, como já pudemos perceber, utilizar também suas afirmações para caracterizar o

---

<sup>19</sup>-RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e Cidadania. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira (orgs). **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas, Ed. ULBRA, 1984, p. 49.

período da Primeira Guerra Mundial, embora a discriminação do colono imigrante e seus descendentes não fosse, então, intensa como no Estado Novo. Efetivamente, a arregimentação militar discriminatória aconteceu até em períodos anteriores, como durante a Guerra do Paraguai.

Maurizzio Gnerre, em seu **Linguagem, Escrita e Poder**, nos fala que **"uma variedade lingüística 'vale' o que 'valem' na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que elas têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos 'internos', quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos 'externos' pelo prestígio das línguas no plano internacional".**<sup>20</sup>

Para o período da Segunda Guerra, segundo dados do censo de 1940, havia no país um número expressivo de brasileiros natos que utilizavam-se de outras línguas no dia-a-dia. Os dados mostram que 644.255 falavam a língua alemã, 458.093 falavam a língua italiana e ainda havia 178.007 cidadãos que falavam japonês.

No Rio Grande do Sul a língua alemã era falada por 393.934 habitantes e a italiana por 295.995.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup>-GNERRE, Maurizzio. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo, Martins Fontes, 1991, pp. 06-07.

<sup>21</sup>-FIORI, Neide Almeida. Rumos do Nacionalismo Brasileiro nos Tempos da Segunda Guerra Mundial: O 'Nacional' e as Minorias Étnicas Inimigas. **Cadernos de Sociologia/Programa de Pós-Graduação em Sociologia**. V. 4, número especial (1993). Porto Alegre : PPGS/UFRGS, 1993.

Muito esclarecedora a posição de Gnerre em relação à língua como elemento definidor da nacionalidade, pois o processo de legitimação de uma língua é de natureza política e resulta de determinada tradição cultural, da qual foi extraída uma variedade lingüística, usada por um grupo de poder. E tal variedade lingüística será algo central na identidade nacional e será a portadora das tradições da cultura (Gnerre, 1991:08-09).

Isso nos sugere que era uma questão de legitimação de poder a proibição do uso de outras línguas no Brasil, tanto no período da Primeira como no da Segunda Guerra Mundial e mesmo em períodos em que o uso da língua alemã não estava proibido. Sem o domínio da língua brasileira os teuto-brasileiros não seriam portadores da cultura e sem uma cultura comum a nacionalidade estaria ameaçada.

Paradoxo da afirmação capitalista moderna, as nações não são nem homogêneas nem iguais, pelo contrário, são altamente diversificadas e estratificadas, mas a natureza da nacionalidade exige processos sociais que levem à homogeneização e unificação.<sup>22</sup> Ruben ainda diz que para a ideologia nacionalista conservadora a nacionalidade não significa um campo de lutas e de pactos, ao contrário, todos os brasileiros, pertencem a um campo de fidelidade e união numa sociedade que não enxerga desigualdades. É um patrimônio e possibilita acesso a todos que dela precisarem **"A voz do nacionalismo é a voz da perpetuação**

---

<sup>22</sup>- RUBEN, Guilherme Raúl. *O que é Nacionalidade*, Brasiliense, São Paulo, 1984, p. 38.

das relações de poder e dominação. O nacionalismo não percebe outra democracia mais que o sentimento de posse comum de um documento de identidade, que torna o indivíduo cidadão e este, por sua vez, em trabalhador. A união fica selada definitivamente como uma relação natural ou dogmática. O nacionalismo é um instrumento político conservador e antidemocrático" (Ruben, 1984:77-78). Primeiro, temos de explicar o que Ruben quer dizer com nacionalidade "natural" e nacionalidade "dogmática" "A expressão 'natural de...' sintetiza - tomando uma frase de emprego comum - a idéia de nacionalidade como assunto natural. O território é indispensável para a construção da nacionalidade, e é a partir dele que emergem a história, as tradições, numa palavra: a sociedade...

Outra forma de definição que chamarei dogmática, recorta o conceito de nacionalidade fazendo referência ao tipo de pertinência. Neste caso, a idéia que predomina é a pertinência a um continente sentimental, onde se compartilham uma série de valores e tradições próprios. Nesta segunda forma de definição, esse continente sentimental é considerado como cultura e inclui a língua, um passado e uma origem remota comum, as vezes fundamentada numa história religiosa (no caso dos judeus, por exemplo) ou em campanhas histórico-militares" (Ruben, 1984:8).  
Notamos que as nacionalidades "natural" e "dogmática",-----

- mostradas por Ruben, obedecem, respectivamente, aos princípios de "jus soli" e "jus sanguinis".

Agora, podemos perceber as coincidências existentes entre o nacionalismo conservador e a ação do serviço militar nos Tiros de Guerra. Os Tiros de Guerra propiciavam a caderneta de reservista, sinal do tributo de sangue, como documento. Estavam destinados a algumas categorias de trabalhadores urbanos e também rurais, desde que dispusessem de capital para pagar a jóia e as mensalidades. E, quanto à democracia, podemos dizer que os Tiros de Guerra foram mais burocráticos do que democráticos (vide a citada carta de Muxfeldt).

Seguindo o modelo do nacionalismo conservador apresentado por Ruben, podemos afirmar que o Tiro de Guerra preenche todos os requisitos para ser um digno representante desse tipo de nacionalismo.

Como já vimos, Ijuí é uma cidade de grande complexidade étnica. Considerando o número de reservistas formados pelo Tiro de Guerra 337, em suas 25 turmas, chegaremos à cifra de 802; desses, apenas 94 eram de origem luso-brasileira ou "nacionais" e os 708 restantes dividem-se entre germânicos, italianos e poloneses, em sua maioria, todos sujeitos à ação nacionalizadora do Exército.

No **Correio Serrano** de 23 de novembro de 1917 aparecem intrusões a respeito do comportamento que a população em geral deveria ter em relação à população de origem alemã: **"DOS ESTADOS**

[...] PORTO ALEGRE. O Dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, recebeu do Dr. Hélio Lobo, secretário da Presidência da República, o seguinte telegrama: 'Em nome de sua Excia Sr. Presidente, rogo V. Excia. substituir dizeres cartaz seu telegrama de 29 próximo passado pelos seguintes: Apelo do governo a todos os brasileiros. Respeitai a pessoa e os bens dos alemães; só ao governo incumbe punir aqueles que atentarem contra a defesa nacional. Nenhum brasileiro deixará de cumprir o seu dever alistando-se nas linhas de tiro e reservas navais, trabalhando pela produção nos campos, velando contra a espionagem e estando alerta aos apelos da Nação. Atenciosas saudações" (Correio Serrano, 23 de novembro de 1917, p. 2). A preocupação é clara: em Porto Alegre já haviam acontecido "meetings" contra o patrimônio dos germânicos, dando razão à preocupação do governo para manter o controle da situação. Mais uma vez o serviço militar prestado nas linhas de tiro aparece como um elemento da ordem.

O Comandante da 10ª Brigada de Infantaria, Gen. Ildefonso Pires, faz circular ordem do dia conclamando os soldados recém incorporados para o culto da Pátria e da língua portuguesa dentro dos quartéis. Lamenta o fato de 428 sorteados e designados não terem atendido à convocação e, dando a entender de que são de origem alemã, afirma: **"Deixo aqui consignada a profunda repulsa que tal fato me merece e a afirmação de que dentro da lei e das minhas atribuições, serei inflexível na**

**repressão desse crime de lesa Pátria. Os delinqüentes sofrerão a justa punição de que se tornaram passíveis, tanto quanto em mim esteja"** (Correio Serrano, 22 de março de 1918, p. 2).

O jornal **O Independente** nos mostra que mesmo o fato de participar ativamente de um Tiro de Guerra não significa adesão à campanha de nacionalização imposta. No município de Estrela, em junho de 1917, acontece um comício popular de protesto pela não nacionalização da "Turnverein Estrela", pois dos sessenta sócios reunidos em assembléia, 52 votaram contra a nacionalização. Entre os contrários à nacionalização se encontrava Luiz Ignácio Müssnich, presidente do Tiro de Guerra n. 227 (O Independente, 6 de julho de 1917).

Pela revista **O Tiro de Guerra**, notamos que mesmo depois de votar contra a nacionalização do clube de que também fazia parte, o senhor Müssnich permanecera como presidente do Tiro estrelense (OTG, n. 1, 1918, p.31).

A mesma sorte faltou a um atirador do Tiro de Guerra 31, de Pelotas: **"Exclusão de atirador por falta de patriotismo: Segundo comunicação feita pelo inspetor de Tiro da 7ª Região, foi excluído da Sociedade de Tiro n. 31 o Capitão da Guarda Nacional, brasileiro naturalizado, Ricardo Beckmann, pela sua má conduta cívica, prestando culto de admiração e homenagem ao Imperador da Alemanha, por ocasião de um ato público, recentemente realizado em sua residência.**

**Realmente é para lamentar a falta de patriotismo e de civismo que vem de ser dado pelo atirador em questão" (OTG, n. 5, 1918, p. 13).** O atirador em questão conseguiu reunir algumas características nada abonadoras para o período que o país vivia. Prestou homenagens ao imperador alemão, depois que o país havia cortado relações diplomáticas com a Alemanha; era naturalizado; e, para completar, era, também, capitão da Guarda Nacional, tradicional rival do Exército, no Império e na República.

#### **3.2.4 A Questão Nacional na 1ª Guerra Mundial**

Durante sua história o Exército brasileiro assume funções que justificam sua existência perante a sociedade.

Desde o final da Guerra do Paraguai o Exército se bate com a Guarda Nacional e com o Legislativo, tentando alcançar a posição de único detentor do poder de fogo das armas. Mas não é só pelo poder das armas que tanto se luta. Luta-se, também, pela possibilidade de domínio de um espaço na educação da população. O país precisa ser reciclado, precisa pensar diferente, precisa ser transformado. Para isso precisa do Exército interferindo no processo de educação da população: a busca da "estadania", que aqui já comentamos. O instrumento que tornou possível essa

"estadania", ajudando a consolidá-la, foi o serviço militar obrigatório.

A cidadania estava delimitada pela passagem pela caserna. A prestação do serviço militar é que definia a cidadania. Para ser cidadão brasileiro havia que se passar por esse pré requisito.

Embora para o Brasil de ascendência lusa tenham acontecido momentos de pressão nacional ou nacionalista, essas pressões não tiveram a mesma força que nas regiões coloniais, habitadas por estrangeiros e seus descendentes, de maioria alemã e italiana. Diríamos que grande parte dessas pressões foram feitas no sentido de, propositadamente, forçar a mudança cultural dessas regiões e se fazem sentir muito antes do que no restante das regiões do país: **"Foi um tempo em que o patriotismo ficou propriamente nacionalista no sentido mais agressivo da palavra, gerando o sentimento (compensatório) de superioridade e o toque de xenofobia, que costumava acompanhá-lo, cobrindo uma certa belicosidade infusa"** (Antônio Cândido, **Folha de São Paulo**, caderno Mais, 27.8.1995.), é o que diz Antônio Cândido com relação às campanhas de nacionalização da primeira e da Segunda Guerra. Com isso detectado, pretendemos perceber o quanto o serviço militar foi utilizado como justificativa de cidadania nos principais momentos de perseguição por motivos étnicos nessas campanhas de nacionalização.

Referindo-se ao caso de Ijuí, Regina Weber faz a seguinte pergunta: "Por que, em certo momento, a existência de grupamentos étnicos numa cidade do interior do Rio Grande do Sul constituiu-se naquilo que pode ser denominado uma 'questão étnica'? Como pode ser visto pela história do município, Ijuí formou-se num contexto interétnico; entretanto, determinados grupos étnicos, os alemães especificamente, só aparecem como um problema, diagnosticado por autoridades públicas e debatido pela imprensa, quando algumas mudanças estão se processando no País. Nesse modo de ver, a questão étnica está estreitamente ligada à questão da nacionalidade, isto é, os imigrantes e seus descendentes nascidos no Brasil tornam-se um problema quando o que está em causa é a 'brasilidade'." (Weber, 1995:105).

Dentro da Primeira Guerra Mundial, em 5 de novembro de 1917, o jornal **Die Serra Post** passa a se chamar **Correio Serrano**. Por "força maior", o uso da língua alemã estava proibido: "AOS NOSSOS LEITORES. Nos tempos de guerra, uma palavra antes de tudo incomoda a gente, é a divisa 'força maior'. Foi 'força maior' que desde mais de três anos oprimiu o velho mundo e de pouco a pouco prolongou-se sobre todo o mundo. São poucos os países não atacados desta pressão, que afinal chegou até nós. Foi 'força maior' que obrigou-nos a trocar a língua desta folha e também, para evitar inconvenientes, mudar mesmo seu nome, o que aconteceu contra nossos desejos. Porém, estamos inteiramente

convencidos, que os nossos leitores não dão a culpa a nós e temos certeza que cada um conta com as circunstâncias, os plenipotenciários de tudo" (Correio Serrano, 5 de novembro de 1917). O jornal passa a preocupar-se com a grande maioria dos seus leitores e, mesmo em português, transmite informações que dizem respeito aos direitos do cidadão. No dia 16 de novembro são dados os primeiros esclarecimentos e eles tratam claramente e abertamente da "questão da nacionalidade": **"QUALIDADE DE CIDADÃO BRASILEIRO. Sendo a questão de nacionalidade de suma importância, para não poucos dos nossos leitores, em vista das medidas tomadas e a tomar, pelo governo federal, contra os súditos alemães, residentes no Brasil, damos, a seguir, para informação os artigos respectivos do decreto n° 6948 de 14 de maio de 1908, art.69, são cidadãos brasileiros: 1°, os nascidos no Brasil, ainda que de pai estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação; 2°, os filhos de pai brasileiro e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro, se estabelecerem domicílio na República; 3°, os filhos de pai brasileiro, que estiver em outro país ao serviço da República, embora nela não venham domiciliar-se; 4°, os estrangeiros, que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem dentro em seis meses, depois de entrar em vigor a constituição, o ânimo de conservar a nacionalidade de origem; 5°, os estrangeiros que possuírem bens imóveis no Brasil, e forem**

**casados com brasileiras ou tiverem filhos brasileiros, contanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de mudar de nacionalidade; 6º, os estrangeiros por outro modo naturalizados. Art. 86. Todo o brasileiro é obrigado ao serviço militar, em defesa da Pátria e da Constituição, na forma das leis federais."** (Correio Serrano, n.4, 16Nov917, p. 2)

Ressaltamos aqui o providencial recado dado pelo jornal, lembrando, com a publicação do artigo 86 de Constituição, que todo aquele que tivesse cumprido com seu dever perante as Forças Armadas estaria livre de ser tratado como estrangeiro, pelo menos legalmente.

A censura ao envio de correspondências e impressos em língua estrangeira é instaurada e o jornal, além de publicar as determinações oficiais para a censura, abre espaço para **"alguns conselhos nossos: Apesar de não haver obrigação determinada que as cartas devam ser entregues ao correio em envelope aberto, é de recomendar a fazê-lo, principalmente com a correspondência de escrita em alemão ou dirigida a firmas com nome alemão a fim de tirar de antemão todo o motivo para qualquer suspeita. Quem souber exprimir-se em português, faz bem escrever as suas cartas nessa língua, visto que assim provavelmente são despachadas mais ligeiras e não sujeitas a uma censura talvez demorada"** (Correio Serrano, 23 de novembro de 1917). De fato, não era o momento de firmar a defesa da germanidade. Logo notícias mais sérias com

relação ao uso da língua alemão são divulgadas: "**Pelo agente do Correio nesta vila fomos informados que é ordem superior o Correio somente aceitar correspondência escrita em português, francês, italiano e espanhol**" (**Correio Serrano**, 14 de dezembro de 1917). Um pequeno surto de perseguições começa a acontecer. De Taquara vem a notícia de que o delegado de Polícia intimou os professores alemães a não mais ensinarem nas suas escolas o idioma alemão, sob pena de serem punidos. Em Santa Maria, duas escolas que ensinavam em alemão deviam fechar. Em Santo Ângelo, foi exonerada do serviço público municipal a professora Anita Krüger, diretora do único colégio municipal ali existente (**Correio Serrano**, 3 de dezembro de 1917).

Todos estavam sob suspeita, principalmente se trabalhassem com armamentos. É o caso da casa comercial de Roberto Frey, em Cerro Azul (Cerro largo), que recebera de Porto Alegre quatro mil cartuchos de Winchester. A ordem partiu do próprio presidente do estado, Borges de Medeiros, determinando que os cartuchos fossem recolhidos à intendência, bem como quaisquer armas ou munições de guerra (**Correio Serrano**, 7 de dezembro de 1917).

Durante a Primeira Guerra, na campanha de nacionalização, houve resistências e protestos por parte de algumas sociedades germânicas no Rio Grande do Sul, como a do Turnverein Estrela, que há pouco citamos.

Os alemães e seus descendentes são, a priori, tratados como elementos perigosos, dignos da desconfiança popular. O **Correio Serrano**, de Ijuí, transcreve matéria do **Correio do Povo** de Porto Alegre, logo após a nomeação do tenente Adalberto Rocha Moreira como delegado policial militar para a cidade de São Leopoldo. Começam a aparecer denúncias contra a Sociedade de Tiro Alemã ali existente, acusando-a de possuir várias armas e até um canhão. "Em vista da procedência da denúncia o ten. Adalberto procurou o sr Alberto Panitz, presidente daquela associação que já há muito se achava fechada, dizendo-lhe que precisava fazer uma visita à sua sede. Momentos depois o ten., em companhia do sr. Panitz para ali se dirigiu, tendo aquele oficial, de fato, ali encontrado 30 carabinas e um pequeno canhão 'La Hite'. Tanto carabinas quanto esse canhão foram recolhidos ao edifício da Intendência Municipal, devendo, agora, ser transferido para o arsenal desta capital. Interrogado, o sr Panitz declarou que o pequeno canhão ali se achava desde o tempo da revolução, e que servia para dar salva em dias festivos. Que fora encontrado em péssimo estado nos arredores de S. Leopoldo, sendo então consertado e ali guardado. Quanto às carabinas, disse que sendo aquela uma sociedade de tiro, tinha forçosamente de ter algumas armas [...]. O 2º ten. [em Porto Alegre, narrou tudo] ao comando da Região." (Correio Serrano, 7 de janeiro de 1918).

Dentro desse clima de constante suspeita, a possibilidade de escapar da pressão nacionalista se apresentava aos jovens nos Tiros de Guerra. Associado em um Tiro de Guerra o cidadão estaria dando mostras explícitas de seu acordo com a situação vigente, mesmo que em seu íntimo não estivesse.

Em Joinvile, Santa Catarina, a ação do Tiro de Guerra 226 é apresentada como exemplo de comportamento nacionalizador durante a Primeira Guerra Mundial: **"Por ordem das autoridades militares da Região, o Tiro 226, vem, desde a decretação do estado de guerra com a Alemanha, prestando os mais relevantes serviços a manutenção da ordem em Joinvile. Deve-se a sua disciplina e compenetração de deveres cívicos não ter havido nenhum atentado a propriedades ou pessoas, naquela cidade.**

**Foram os atiradores do 226 que escoltaram a capital de Santa Catarina, muitos prisioneiros alemães" (OTG, n. 2, p. 24, fevereiro de 1918).**

Como veremos a campanha de nacionalização foi muito mais forte e profunda no período da Segunda Guerra Mundial. Talvez por isso, a historiografia relacionada a esse período seja mais difundida. Nesse caso, nossa posição é de que o período da Primeira Guerra Mundial deve ser melhor estudado, pois, embora os acontecimentos desse período não sejam tão bem documentados como os da Segunda Guerra, as matérias que conseguimos ler não perdem seu brilho, mostrando-nos a maioria dos elementos que aparecem na campanha de nacionalização de após 1942. Os

elementos de cena, que definem o enredo, abordam o serviço militar obrigatório, a Liga de Defesa Nacional, o combate ao estrangeiro, sua língua e sua cultura ou a sua conversão pela educação cívica.

Os atores pertencem a grupos distintos da população, que podem ser distinguidos partindo-se de análises feitas no âmbito do município, no nosso caso, o município de Ijuí, chegando-se ao âmbito estadual, na zona das colônias de imigração e, daí, às suas relações com a nação. No município encontramos o Tiro de Guerra 337 como responsável pela educação cívica da população, mediante o cumprimento do serviço militar obrigatório, primeira instituição de cunho nacionalista de Ijuí. No âmbito estadual verificamos a sua aceitação na zona colonial e as possibilidades de conversão pela educação, ou pela predisposição ao processo de nacionalização.

Percebe-se, nesses períodos, o questionamento feito pelos protestantes de origem germânica, quanto ao uso da língua alemã nos cultos religiosos, colocando ainda mais em evidência a afirmação de Loiva Otero Félix sobre o estudo da questão do poder nas zonas coloniais, mostrando-nos as variáveis que devem ser consideradas: **"poder e etnicidade e poder e religiosidade"**, como já foi visto.

Outro grupo que aparece é o dos "nacionais", fruto do cruzamento do luso com o negro e com o índio, como puros representantes da nacionalidade - aqui já citamos o nome de

Antônio Setembrino Lopes, como representante local desse grupo - em distinção ao germânico ou ao teuto-brasileiro, alvos constantes da repressão e das ações nacionalizadoras.

As restrições aplicadas aos germânicos, na Segunda Guerra, carregam em si muito do que já havia sido posto em prática no período da Primeira Guerra.

Quanto ao serviço militar, no período percebe-se certo relaxamento por parte dos reservistas, pois tornam-se correntes matérias deste tipo: **"TIRO DE GUERRA 337. Chama a atenção dos senhores associados à instrução militar para que compareçam aos exercícios regularmente sob pena de eliminação. O diretor de tiro Alberto H. Abreu."** (*Correio Serrano*, 28 de janeiro de 1918). Como já comentamos, o Coronel Dico, intendente municipal, em seu relatório para o ano de 1918, aponta dificuldades encontradas pela direção do Tiro de Guerra, que levaram a um esvaziamento do ânimo inicial dos reservistas, reduzindo drasticamente seus quadros. Segundo edital publicado no jornal *Correio Serrano*, o pagamento das mensalidades pode ser um dos motivos desse esvaziamento: **"EDITAL convocando associados do Tiro de Guerra 337 a atualizarem pagamento das mensalidades até 31 desse mês, conforme deliberação da assembléia do dia 4 último. Os que não regularizarem sua situação serão excluídos da sociedade e ficarão sujeitos a incorporação pelo Exército. A Assembléia fixou, também, o preço da jóia em 5\$000 e as**

**mensalidades em 1\$000. Assina o secretário Arthur Calgan"**  
(Correio Serrano, 19 de março de 1918).

### **3.2.5 A Questão Nacional no Entre-Guerras**

O uso corrente da língua alemã nas regiões coloniais foi alvo da ação nacionalizadora no período das duas grandes guerras, depois de certo relaxamento na ação nacionalista da década de 20, até o Estado Novo. É o que nos diz Gertz: **"Germanismo, nazismo, integralismo forneceram a justificativa para a ação estatal conhecida como `campanha de nacionalização'.** A idéia não era nova. Os germanistas, desde a década de vinte, e sobretudo a partir da Revolução de 1930, alertavam para a ascensão de tendências que se chamavam `nativistas' e que se voltavam contra tudo o que fosse `estrangeiro' e não se enquadrasse na tradição portuguesa ou luso-afro-indígena. Em Santa Catarina, essa pressão vinha de longa data e se tornara muito real após 1930. No Rio Grande do Sul, porém, o governo Flores da Cunha constituíra um forte entrave para o avanço das tendências `nacionalizadoras', e por isso a campanha irrompe quase abruptamente com o Estado Novo, quando se unem a novos detentores do poder estadual" (Gertz, 1991:63).

Mas o relaxamento da ação nacionalizadora não significa a inexistência do problema. A questão cultural é logo apontada como empecilho para o desenvolvimento da instrução militar. É o que nos atesta a "crítica" feita pela comissão de avaliação de reservistas do Tiro 471, de Nova Petrópolis, quando diz: **"Foi notado bom desempenho dado a sua missão pelo instrutor da sociedade, não sendo o resultado obtido melhor do que o foi pela falta de instrução primária e pela ignorância quase absoluta dos instruendos em falar o nosso idioma"** (A3<sup>a</sup>RM, TG471, ata de 22 de dezembro de 1919).

Sem a pressão característica do período da Primeira Guerra, a campanha de nacionalização continua. O ano de 1922, o do centenário da Independência, provocou o sentimento nacional. Iniciativas no sentido de resolver o problema da nacionalização da população são tomadas. Com freqüência são formados grupos, criados clubes, associações com o fim de nacionalizar. Em agosto de 1922 o **Correio Serrano** apresenta uma matéria de outro jornal local: **"CENTRO CÍVICO. Diz o nosso colega 'Ijuicense', que um grupo de cavalheiros desta vila cogita fundar aqui um centro nacionalista, já contando esta idéia com muitos aplausos. Terá por fim nacionalizar o nosso elemento por meio de propaganda cívica, comemoração festiva das datas nacionais e conferências sobre o mesmo assunto, na vila e em vários pontos do município (Correio Serrano, 9 de agosto de 1922).**

Durante a Revolução de 1923 os reservistas dos Tiros de Guerra tiveram a oportunidade de mostrar sua ação de soldados formados. O uso político da instituição fica mais uma vez patente. Encontramos um dado da biografia de Osvaldo Aranha que nos indica esse aproveitamento: **"Em 1917, com apenas 22 anos, Osvaldo Aranha instalou sua banca de advogado em Uruguaiana, mas com atuação em Itaqui, Alegrete, Livramento, São Borja e Quaraí. Em pouco tempo alcançou alto conceito profissional, chegando a receber consultas sobre assuntos jurídicos do também advogado Getúlio Vargas. Em 25 de janeiro de 1923, no momento em que Borges de Medeiros tomava posse do governo do Estado, uma série de levantes deu início a um movimento que duraria cerca de dez meses. Aranha, que desempenhava as funções de instrutor do Tiro de Guerra, encontrou facilidades no recrutamento de efetivos para os corpos provisórios legalistas."**<sup>23</sup> Podemos ver que, pelo ângulo da preparação de forças militares, não se pode dizer que o Exército não tenha contribuído com os legalistas durante a Revolução de 1923, pois, de fato, parte dos combatentes havia aprendido a lutar nas suas fileiras, relativizando, assim, a não-participação do Exército na Revolução de 1923. Em Ijuí, na zona colonial, também os reservistas dos Tiros de Guerra apresentaram-se como voluntários para os Corpos Provisórios do Governo, sem restrição de nacionalidade.

---

<sup>23</sup>- Zero Hora, **Ano Osvaldo Aranha**. 5 de março de 1994, p. 7.

A desconfiança em relação à zona colonial poderia ser apresentada no fato de o Exército ter recolhido peças dos fuzis dos Tiros de Guerra, impedindo o pleno funcionamento dos mesmos. Em 1922, o TG 337 havia recebido armamento novo, fuzis Mauser modelo 1908. E, em 1923, eles ficam sem seus ferrolhos, conjunto de peças que preenche a "alma" do fuzil, responsável pela entrada do cartucho na câmara, sua detonação e ejeção, portanto parte primordial para o funcionamento de um fuzil. Sua retirada não impede o treinamento da pontaria, da maneabilidade e da ordem unida, não impedindo o funcionamento da escola de soldados do Tiro de Guerra. A desconfiança aparece clara quando percebemos que num período de conflito armado no estado, em que o Exército deveria pelo menos recolher todo o armamento disperso e concentrá-lo em guarnições, apenas os deixa inutilizados.

Durante o levante da Coluna Prestes, a zona colonial preveniu-se formando ligas de defesa local. Também aí foi primordial a ação do Tiro de Guerra 337.

Ijuí havia sido alvo da ação de um grupo de quarenta homens armados, que, vindo de trem, de Santo Ângelo, tentou invadir a intendência do município, deixando de saldo três mortos e um ferido (**Correio Serrano**, 29 de outubro de 1924). A partir daí a zona urbana e a rural se organizam em ligas de defesa local, as quais, como foi visto, fazem parte das tradições culturais germânicas.

Na sede do município foi fundada a **"LIGA DE DEFESA DE IJUÍ**, Sob esta denominação foi fundada no dia 8 do corrente, uma associação composta de cidadãos do município sem distinção de nacionalidade ou cores políticas, para defender a laboriosa população deste município, contra assaltos de grupos armados ou indivíduos de instintos subversivos Liga de Defesa de Ijuí[...]

A diretoria da Liga resolveu mandar vir com a maior presteza de Porto Alegre armas de certos calibres que por parte serão propriedade da organização por parte serão vendidas aos sócios pelo preço de custo mediante o compromisso de não as venderem enquanto a Liga está em prontidão[...] Hoje hão de reunir-se os sócios da Liga as 8 horas da noite em frente ao edifício do Tiro Brasileiro onde receberão instruções a respeito do serviço de vigilância" (Correio Serrano, 12 de novembro de 1924). Em 14 de janeiro de 1925 a Liga é desfeita e seu armamento é passado para a Guarda Republicana, composta de civis, sob o comando do Coronel Alfredo Steglich (Correio Serrano, 14 de janeiro de 1925).

Nesse período o Tiro de Guerra 337 volta a manifestar-se quanto à freqüência dos alunos às instruções: **"TIRO DE GUERRA 337 CONVOCAÇÃO Afim de se tratar do interesse relativo a instrução militar desta sociedade, determino que todos os alunos da escola de soldados compareçam na sede social, sábado, 20 do corrente às 15 horas, devidamente fardados. Aos soldados que não**

cumprirem esta determinação, serão lhes aplicadas as respectivas penas regulamentares. Tiro de Guerra 337, em Ijuí, 13 de dezembro de 1924. João Dico de Barros, Vice Presidente em exercício" (**Correio Serrano**, 17 de dezembro de 1924). Novamente ressaltando a possibilidade do uso político da instituição Tiro de Guerra queremos lembrar que quem assina a matéria é o filho do coronel intendente do município. No ano de 1925 assume o cargo de tesoureiro, na diretoria do Tiro de Guerra, Ulrich Löw, filho de Roberto Löw, fundador e dono dos jornais **Correio Serrano** e **Die Serra Post**.

Chegando-se até a Revolução de 1930 percebe-se o uso corrente do prefixo "teuto" ou da designação "brasileiro de origem alemã", mesmo quando se trata de manifestos públicos pelo voluntariado para a revolução **"De todos os pontos afluem os voluntários, oferecendo a sua vida para o ideal de um Brasil livre e independente. Nós brasileiros de origem alemã, também não queremos ficar inativos, queremos, ao lado dos cidadãos brasileiros de outras origens, prestar nossos serviços a grande causa nacional"** (**Correio Serrano**, 16 de outubro de 1930). Outra notícia trata da formação de uma **"LEGIÃO TEUTO-BRASILEIRA Em Porto Alegre foi fundada uma 'Legião Teuto-brasileira' composta de mais de 200 homens, prontos para seguirem para o 'front'. É seu comandante o Major Theo Kleemann, levando como médico o Dr. S. Schulmann..."** (**Correio Serrano**, 16 de outubro de 1930). O

tributo oferecido pelos descendentes de germânicos é aceito de bom grado nas questões de política local ou nacional.

Dentro do ano de 1930 é transcrita no jornal a crítica dos recentes exames de 74 reservistas do Tiro de Guerra 337: **"embora tivesse havido exames brilhantes, notou-se um certo acanhamento atribuído a dificuldade de expressão de alguns candidatos"**

(**Correio Serrano**, 13 de fevereiro de 1930). Outra vez o conhecimento da língua é apresentado como dificuldade para o aprendizado do serviço militar. Mas isso não será levado em consideração no momento da convocação de reservas para participar da revolução: **"TIRO DE GUERRA 337 - IJUÍ - CONVOCAÇÃO**

**DE ordem do sr. Inspetor do Tiros de Guerra convoco todos os reservistas desta sociedade, a virem com a máxima urgência inscrever-se, aguardando a chamada. A inscrição deverá ser feita com o encarregado deste serviço Sr. Ulrich Löw, na Livraria Serrana. Ijuí, 11 de outubro de 1930. Firmino Lucchese, Presidente"** (**Correio Serrano**, 16 de outubro de 1930). O nome de

Ulrich Löw será o primeiro da lista de voluntários e passará a ser lido no jornal ligado ao nome de instituições, como Presidente da Associação Comercial e Industrial, como membro do Grêmio Ijuicense de Letras etc. Ressaltamos isso agora, para balizarmos um acontecimento que se deu na campanha de nacionalização, em pleno Estado Novo, e que resultou na concentração, no prédio do Tiro de Guerra 337, de mais duas

instituições voltadas à defesa da nacionalidade: a Liga de Defesa Nacional e o G. I. L. (Grêmio Ijuicense de Letras).

Ainda sobre a Revolução de 1930, o Tiro de Guerra fez parte de todas as festividades oficiais realizadas no município, chegando a participar, no mesmo dia, da alvorada festiva às 6h30min, do hasteamento da Bandeira Nacional na Praça da República, de uma missa campal, de uma formatura na frente da intendência, de uma passeata cívica puxada por sua banda de tambores e, finalmente, às 18 horas, do arriamento da bandeira. Tudo isso sob o comando do **"ilustre Ten. Manoel Martins Gomes, delegado do serviço de recrutamento e autoridade mais graduada do exército nacional, entre nós"** (Correio Serrano, 20 de novembro de 1930).

Logo após a festa da vitória, aparece estampada no jornal a fotografia, com registro da participação, dos reservistas do Tiro de Guerra 337. São baixadas determinações para a retomada das instruções: **"Tiros de Guerra. O Inspetor Regional dos Tiros de Guerra neste Estado, determinou a todas as corporações, que reiniciem a instrução regulamentar dos candidatos a reservistas. Tendo sido recolhido antes do início da revolução todo o armamento confiado aos Tiros, a instrução provisoriamente será sem armas. O Tiro n° 337, apesar de achar-se sem o seu instrutor, sargento Manoel Pereira da Silva, que marchou para o front e hoje acha-se comissionado em 2° Tenente, tem com toda regularidade feito sua instrução sob o comando de dois reservistas que patrioticamente se tem prestado, e são os**

**Srs. João Leite e Alberto Hickenbick**" (**Correio Serrano**, 11 de dezembro de 1930). Nesse documento aparece a posição do Exército com relação ao armamento dos Tiros de Guerra na Revolução de 1930. Ela foi completamente diferente da posição assumida na Revolução de 1923. Destaquem-se, nesse ponto, as medidas tomadas pelo Exército em cada um dos eventos, um de caráter extremamente regional, envolvendo milícias locais, outro de caráter nacional, tendo o Exército como centro do movimento.

Outro destaque a ser dado na matéria é o da participação de reservistas como instrutores ad hoc do Tiro de Guerra, quando da ausência de seu instrutor titular.

Em abril de 1931, o instrutor do Tiro de Guerra 337 publica o seguinte chamamento: **"O TIRO DE GUERRA 337. Todos conhecem de sobejo as vantagens que o Tiro de Guerra oferece a mocidade brasileira, prodigalizando-lhe um preparo militar eficiente, sem ser necessário, aos jovens atiradores, afastarem-se de seus lares. Com despesas relativamente exíguas de tempo e de dinheiro, pode um jovem candidato conquistar a sua caderneta de reservista, sem prejuízo para seus afazeres particulares, por isso que a instrução é ministrada, quase sempre, a noite e o pagamento da mensalidade de 5\$ está ao alcance de qualquer um. A Nação também tem seu lucro com o T.G., pois esta patriótica entidade apresenta, todos os anos, crescido número de reservistas, sem carecer do auxílio material do Governo - o que redunda numa dupla utilidade - a mocidade e a Pátria. Isso tudo,**

porém, não impede que algumas pessoas que se julgam entendidas, lhe façam guerra aberta, como se quisessem ver fechadas para sempre as portas de uma instituição que com tanto patriotismo e abnegação de seus dirigentes, coopera, não só para o bem estar da mocidade como também para a economia nacional. Houve até quem disse que o T.G. ia ser abolido, o que não deixa de ter conseqüências desagradáveis. Por isso concito, por meio deste, a mocidade Ijuicense a voltar seus olhos para estas vantagens que esta sociedade oferece, em detrimento desses boatos que não são mais do que inescrupulosas expansões lingüísticas de gente pouco conhecedora do assunto. Felizmente - sem ser necessário falar nos dirigentes da Nação - contamos com o apoio prestimoso e patriótico das autoridades locais, dos homens de bom senso e de quase toda a população desta vila, o que é prova da exuberante utilidade da citada Sociedade. A demais a própria municipalidade tem suas vantagens, visto como os jovens que estiveram no T.G., no geral agricultores, não se afastarão de suas colônias cujas produções, por este lado, nada sofrerão. Quanto a parte relativa a instrução militar e sua eficiência neste C.I.M, julgo desnecessário frisar e deixo a mercê dos julgadores imparciais, acrescentando, porém, que não houve uma só reprovação nos exames depois que assumi as funções de instrutor aqui e no Cadeado, contando já com 142 reservistas por mim instruídos no espaço de dois anos. Atualmente acha-se aberta a matrícula para o corrente

ano, devendo encerrar em 1º de maio p.v. Já é regular o número dos novos matriculados, o que me leva a crer que terei uma numerosa turma a instruir neste ano. Assim irá o T.G. dilatando, pouco a pouco mais incoercivelmente o campo da reserva militar brasileira, embora marchando através da neblina crassa e virulenta das invencionices desairosas. O INSTRUTOR DO TIRO DE GUERRA 337" (Correio Serrano, 9 de abril de 1931).

Destacamos aqui que muitas das vantagens apresentadas pelo instrutor do T.G. são as que correntemente se abordam. Nosso trabalho concorda com algumas delas, discordando, como já vimos, da questão dos custos desse tipo de serviço. Estranhamos que nesse documento não apareça a função nacionalizadora da entidade, que aparece geralmente quando se trata de um dos problemas dos reservistas da área colonial: a questão do domínio da língua nacional.

A questão da nacionalidade terá um hiato no jornal **Correio Serrano** até 3 de setembro de 1937, quando a Federação 25 de Julho manifesta seu repúdio a notícias veiculadas no **Times**, jornal de Londres (Inglaterra), mostrando que a questão da nacionalidade é mais ampla configurando uma questão internacional. A Federação 25 de Julho acusa o Komintern da difusão de boatos a respeito do sentimento dos brasileiros de ascendência germânica com relação à pátria brasileira. Acusados de nutrirem infidelidade à nação, defendem-se dizendo que nunca professaram ideologias exóticas.

A existência da Federação e a inegável ampliação do movimento germanista, entre 1933 e 1937, ao não ser questionada pelas autoridades, mostra que a questão da nacionalidade não era vista como ameaça.

A partir de novembro de 1937, com a instalação do Estado Novo, a questão da nacionalidade toma nova dinâmica. Até o final da Segunda Guerra Mundial acontece uma série de criações de entidades com o fim de expandir a nacionalização, bem como de reprimir manifestações étnicas.

A Liga de Defesa Nacional é criada em Ijuí no ano de 1938, nas comemorações do primeiro ano do novo regime, e divide com o Tiro de Guerra 337 a presença na maioria das solenidades. Em 1939 entra no cenário municipal o **"Grêmio dos Reservistas do Exército em Ijuí"** (**Correio Serrano** 10 de junho de 1939), com o fim de reunir os reservistas do Exército do município, mantendo seu adestramento com as armas. O referido centro tem como um de seus principais mentores o tenente Benício de Oliveira Cardoso, delegado da Junta de Alistamento local: **"JUNTA DE ALISTAMENTO MILITAR. Honra nossas colunas a fotografia do incansável e benemérito oficial do nosso glorioso Exército Nacional, Tenente Benício de Oliveira Cardoso, D.D. Delegado da 6ª Circunscrição de Alistamento Militar, neste município. No curto espaço de tempo que aqui se encontra, esse distinto oficial tem se imposto a consideração de nossos co-municipes, não só no desempenho de sua nobre missão de militar, como também de cidadão, sendo hoje,**

um dos maiores propulsores do desenvolvimento e progresso de nosso meio social, quer civil, quer militar. [...] Independente desse patriótico e valioso serviço prestado por S. S. temos a criação do Grêmio de Reservistas de Ijuí, patriótica agremiação que conta com uma falange de filhos desta terra, prontos a defender nossa Pátria, assim tornando-se necessário, sendo ele um de seus fundadores. O Ten. Benício, ainda sempre pronto a prestar seus inestimáveis serviços a benefício da coletividade. Cumprimos o grato dever de homenageá-lo por esta folha, como um preito de amizade e muita admiração a S. S." (Correio Serrano, 13 de agosto de 1939).

As autoridades militares ocupam lugares de evidência no município. Não há solenidade cívica em que não estejam presentes o Tiro de Guerra 337, com seu instrutor (sargentos, nos primeiros tempos, alguns tenentes, no Estado Novo) e o Destacamento da Brigada Militar, com seu comandante. Com frequência, também compareciam militares, oficiais, inspetores dos Tiros de Guerra e comandantes das guarnições de Cruz Alta ou Santo Ângelo, mostrando o interesse dessas instituições militarizadas pelo município.

A campanha de nacionalização segue seu caminho ainda de forma branda, no ano de 1939. Aristeu Pereira, sócio do Grêmio Ijuicense de Letras, escreve matéria sobre a instituição do Dia do Colono, com o título: **"O Colono e a Campanha de Nacionalização"**: **"Aqui, na Serra, nesta maravilhosa região em**

que vivemos, os colonos, invadindo as matas com roçados imensos e enfeitando as canhadas com as mais variadas plantações, construíram o celeiro do Rio Grande, o que serve de honra para nós, de engrandecimento para o nosso Estado e orgulho para a nossa Pátria. Numa percentagem elevada de estrangeiros e, na sua maioria, descendentes de outras nacionalidades, esses heróis do trabalho, posto que anonimamente, confundem-se conosco no mesmo anseio de progresso, de civilização e de patriotismo." (Correio Serrano, 22 de julho de 1939).

### 3.2.6 A Questão Nacional na Segunda Guerra

Em 1941 é instituído o Dia do Reservista e o Grêmio Ijuicense de Letras promove a semana de Olavo Bilac: **"GRÊMIO IJUICENSE DE LETRAS CONVITE. Convidamos as dignas autoridades civis, militares, eclesiásticas e população para assistirem a 1ª palestra na próxima 3ª feira, 16 do corrente, dedicada aos Reservistas do Glorioso Exército e homenageando a memória de Olavo Bilac, iniciando assim a semana dedicada por este Grêmio ao grande Príncipe dos Poetas. Será iniciado as 20 horas, no salão da Biblioteca Municipal.**

Ijuí, 13 /XII/941. A DIRETORIA" (Correio Serrano, 13 de dezembro de 1941).

As palestras versaram sobre assuntos de interesse patriótico. Joaquim Mendez palestrou sobre "Educação"; Luiz Guterres, repórter do **Correio Serrano** e sócio do GIL, dedicou aos estudantes a palestra **"As Bandeiras do Brasil - Seu Histórico"** (**Correio Serrano**, 13 de dezembro de 1941); Antônio Setembrino Lopes começa sua palestra sobre a vida do poeta, cronista e orador, com a epígrafe **"QUANTO MAIS CONHEÇO OUTROS PAÍSES, TANTO MAIS QUERO BEM AO MEU BRASIL' -BILAC-"** (**Correio Serrano**, 17 de dezembro de 1941); e, ao Sr. Ulrich Löw, coube palestrar sobre a atuação de Bilac na imprensa. A apologia que Löw faz de Bilac e sua relação com a instituição do Dia do Reservista, data cívica criada pelo Estado Novo, aparece no editorial do **Correio Serrano**, no mesmo dia em que é publicada a palestra (20 de dezembro de 1941): **"A CIDADE. 'Editorial'.** **Estamos vivendo a semana de Bilac, em boa hora instituída pelo benemérito governo da República, a fim de manter viva na lembrança de nosso povo a memória daquele que, em vida, foi um dos mais denodados batalhadores pela grandeza do Brasil. Numa época, em que o sentimento patriótico estava passando pela maior crise com que jamais se debateu, Olavo Bilac empreendeu a ingente tarefa de despertar a consciência nacional, vendo coroado de mais pleno êxito a sua campanha com a instituição do serviço militar obrigatório. É por isto que reconhecendo os méritos desse grande patriota, o Governo Getúlio Vargas,**

declarou a data de seu aniversário, 16 de dezembro, como dia do Reservista. Inicia-se, nesse dia, a apresentação dos reservistas aos quartéis do exército ou as juntas de alistamento, restabelecendo, assim, o contato entre a tropa ativa e a sua reserva, cuja homogeneidade, por conseqüência está sendo cimentada cada vez mais. Ijuí assistiu, no Dia do Reservista, a este espetáculo grandioso, da apresentação dos reservistas, se bem que a comemoração não pudesse alcançar a imponência que teve nos quartéis, nem por isso foi menos dignificante a afluência em massa dos reservistas que se vieram apresentar. Somente no dia 16, para mais de 800 reservistas foram registrados na J.A.M., continuando todos os dias a fluência daqueles que no primeiro dia não puderam cumprir o seu dever. Mas não se limitaram a essa apresentação as comemorações promovidas nesta cidade. Homenageando a semana de Bilac, O Grêmio Ijuicense de Letras, trouxe seu contingente de são patriotismo para maior brilho da semana em curso, Embora seja de 'Letras', o Grêmio entre as suas finalidades se propõe promover palestras e conferências, contribuindo assim, para maior brilhantismo das festividades ou grandes datas da nacionalidade, que forem objeto de comemoração pública. Com a sua primeira série de palestras, realizada terça feira na Biblioteca, em comemoração a Semana de Bilac, o Grêmio Ijuicense de Letras, deu a prova de seu valor cultural e cívico, mostrando ser uma entidade de que ainda muito se pode esperar

para o incentivamento do sentimento de civismo de nossa população" (Correio Serrano, 20 de dezembro de 1941).

Até agora apresentamos fatos ligados exclusivamente ao processo de educação cívica posto em prática pela campanha de nacionalização. Como veremos, a pressão violenta contra descendentes de outras nacionalidades se tornará mais forte a partir da entrada do Brasil na Guerra. Porém, mesmo antes dessa declaração, em Ijuí existe uma "velada campanha" que se dá pelo caminho da "consulta", que poderíamos chamar de denúncia, como podemos ver neste fonograma emitido pelo prefeito (interventor) Martins Bühner, ao ministro da Justiça, Francisco Campos, no Rio de Janeiro: "Inspirado interesse nacional permito-me consultar V. Excia. se está em vigor artigo dezoito do decreto-lei mil cento e sessenta e quatro de dezoito de março de mil novecentos e trinta e nove. É que, neste município, compreendido na faixa Federal cento e cinquenta quilômetros, é impresso o jornal 'Die Serra Post' em língua alemã, com grande tiragem e vasta circulação Estados do Sul, bem como países seguintes: Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, estados Unidos, Checo-Eslovaquia [sic], Áustria, Alemanha, Romênia, Suíça e África Oriental. Referido jornal é nitidamente pernicioso boa marcha nacionalismo este município, procurando disseminar disfarçadamente, intermédio clichês, espírito colonos esta zona e outras, idéia grandiosidade máquina guerra Europa. Considero tal publicação

muralha obstrutora sentimento brasilidade principalmente crianças se educam escolas municipais." (AIPMI, MADP, sem data, provavelmente o ano seja 1940).

Em maio de 1940, o **Die Serra Post** é suspenso: "AVISO SUSPENSÃO DO 'DIE SERRA POST'. O DELEGADO DE POLÍCIA DESTA MUNICÍPIO, SR. CYRANO TELLES PINHO, ESTEVE TERÇA-FEIRA NA REDAÇÃO DO JORNAL 'DIE SERRA POST', COMUNICANDO QUE, POR ORDEM DO SR. MAJOR CHEFE DE POLÍCIA FICAVA PROIBIDA, ATÉ SEGUNDA ORDEM, A PUBLICAÇÃO DESSA FOLHA. DIANTE DOS TERMOS DA ORDEM DADA PELA CHEFIA DE POLÍCIA, FICAMOS AGUARDANDO A SOLUÇÃO DEFINITIVA DESSA AUTORIDADE PARA ENTÃO VOLTAR A PRESENÇA DOS NOSSOS LEITORES. IJUÍ, 29 DE MAIO DE 1940. ULRICH LÖW" (**Correio Serrano**, 31 de maio de 1940). O que fica em evidência é um possível atrito entre a empresa editora dos jornais **Die Serra Post** e **Correio Serrano** e o poder público municipal. Queremos salientar aqui a posição que ocupava o diretor dos jornais, Ulrich Löw, como nacionalista. É o que salta aos olhos quando acompanhamos as matérias por ele assinadas e sua atuação na sociedade ijuiense, desde 1925 quando assume a tesouraria do Tiro de Guerra 337.

Simultânea à censura ao **Die Serra Post** é a fundação de um novo jornal em Ijuí, "O NACIONALISTA, ÓRGÃO DE DIFUSÃO E DEFESA DO REGIME": "Como contribuição à campanha de nacionalização, hoje mais necessária que nunca, será editado

nesta cidade, por todo o corrente mês entrante, nordeado e servido por uma plêiade de intelectuais patricios, O NACIONALISTA, semanário de feição moderna que, como indica seu nome, se dedicará ao serviço de propagação da doutrina do regime de 10 de Novembro e, mui especialmente, a edificação do espírito de brasilidade na alma de nossa gente laboriosa e boa. Assinar O NACIONALISTA será, pois, imperioso a todo bom brasileiro" (Correio Serrano, 31 de maio de 1940). Infelizmente, não encontramos nenhum exemplar desse jornal nos arquivos de Ijuí.

É numa festa feita em homenagem a Ulrich Löw que o Tiro de Guerra 337 se apresenta como aglutinador do pensamento nacionalista no município, pelo menos de uma parte dele. Com a presença de sócios do G.I.L e altas personalidades da sociedade local, Álvaro de Carvalho Nicofé, presidente do TG 337, oferece as instalações daquela associação, como sede, do G.I.L., o que é aceito pelos gremistas. A transferência da sede do G.I.L. para o prédio do TG 337 coloca três entidades funcionando no mesmo prédio: o TG 337, o G.I.L. e a Liga de Defesa Nacional, que também passará a ser presidida pelo Sr. Álvaro de Carvalho Nicofé (Correio Serrano, 5 de agosto de 1942 e 3 de abril de 1943).

Outras entidades nacionalistas serão fundadas em Ijuí, como o Departamento Municipal de Propaganda e Educação Cívica:

**"ORGANIZADO O DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE PROPAGANDA E EDUCAÇÃO CÍVICA Pelo Sr. doutor Prefeito Municipal, em data de 15 do**

corrente, foram nomeados os senhores Dr. Solon Gonçalves da Silva, Mário Garcia e José Urbano Pereira para desempenharem, respectivamente, os cargos de Diretor, Sub-diretor e secretário do Departamento Municipal de Propaganda e Educação Cívica. O Departamento Municipal, cujas elevadas finalidades já são bem conhecidas, foi investido recentemente da representação do Departamento de Imprensa e Propaganda nesta comuna." (Correio Serrano, 22 de julho de 1942). Isso põe em evidência a necessidade de controle sobre a campanha de nacionalização.

É em 1942, quando o país entra na guerra, que um surto de brasilidade reforça alguns dos discursos utilizados já no período da Primeira Guerra, na campanha do Serviço Militar Obrigatório. O discurso de Olavo Bilac, sua memória, aspectos da vida do "poeta-soldado" continuaram a ser trabalhados em sempre "magníficas" reuniões cívicas.<sup>24</sup> Essas reuniões contam, via de regra, com os mesmos participantes, sempre incluindo o Tiro de Guerra 337.

Com as atenções voltadas para si, Ijuí se movimenta. O patriotismo da população se manifesta mediante o apelo do que poderíamos chamar de patriotismo formal ou patriotismo burocrático, na maioria das vezes exercido por funcionários públicos, ou por pessoas intimamente ligadas ao poder local, e publicamente documentado em matérias de jornal. A criação do curso de enfermagem de guerra, no hospital da cidade, foi

---

<sup>24</sup> Assim parecem ser, nas descrições feitas pelo jornal (veja em anexos).

devidamente informada ao Comando Militar da Região, que prometeu comunicar ao Ministro da Guerra. As ações cívicas invariavelmente são alardeadas na imprensa. A criação da Cruz Vermelha no município virou boa matéria de jornal. O patriotismo dos professores estaduais se comprova na campanha por eles iniciada em que todo funcionário público deveria doar em dinheiro o valor de um dia de trabalho,, conforme seu salário, para a compra de avião para a Força Aérea Nacional. Obviamente a idéia dos professores locais foi participada, por meio de um telegrama, ao secretário de educação do estado, Coelho de Souza, e publicada no jornal.

Em 29 de agosto de 1942, publica-se a seguinte notícia:

**"IJUI DÁ UM EXEMPLO DE CIVISMO! Logo após a decretação do estado de beligerância do Brasil aos países do 'Eixo' - Alemanha e Itália -, as autoridades, classes e associações locais, numa eloqüente afirmação de exata compreensão do momento histórico da nacionalidade, dirigiram ao Exmo. Sr. Dr. Prefeito Municipal o significativo documento que transcrevemos a seguir: 'Exmo. Sr. Dr. Emílio Martins Bühner, M. D. Prefeito Municipal de Ijuí - Nesta Cidade - Nesta hora crucial para os destinos da Pátria Brasileira, as autoridades locais, entidades de classes e associações, pensamento e coração voltados para as autoridades constituídas, cujas decisões e determinações respeitarão e cumprirão indefectivelmente, vêm trazer ao patriótico e benemérito Governo do Estado, na pessoa de seu legítimo e**

acatado representante neste município, a segurança de seus propósitos de trabalho e cooperação em qualquer setor de atividade em que, na atual emergência, venham a ser reclamados pelo Poder Público. Outrossim, reafirmam a V. Excia. a sua impostergável fé e confiança na vitória final da Causa Democrática, que é a causa do Brasil. Respeitosas saudações.

(assinados): Antônio Setembrino Lopes; Joaquim Jardim, Delegado de Polícia; Mário Garcia, Coletor Federal; Solon Gonçalves da Silva, Médico Chefe; Rui Gertum Carneiro, Promotor Público Substituto; João Darci Muniz, 2º Ten. Delegado do Serv. Rec. Militar; Júlio de Campos, Agente Postal e Telegráfico; Aristeu Pereira, Advogado e Presidente do Grêmio Ijuicense de Letras, Jorgelina Tricot, Diretora do G. E. 'Rui Barbosa'; Guilherme Klemente Köhler, Diretor do Instituto Comercial 'Ijuí'; Herbert Uhlmann, Diretor do Colégio Sinodal; João Vargas de Souza, Notário; Dr. Umberto Braga, Presidente da Liga Ijuicense de Futebol; Waldemar Müller, Presidente do Grêmio Literário e Esportivo; Paulo Kleemann, Presid. da Associação Industrial, Comercial e Agrícola; Juvenal Leonardo, Presidente do Aeroclube de Ijuí; Padre Pio José Buzanello, Vigário; Ernesto Helmuth Jost, Pastor; João Agostini, Presidente do Circulo Operário de Ijuí e do Sindicato de Operários Metalúrgicos; Leão Querino Bonotto, Presidente da Associação de trabalhadores em couros; Paulo Olschowsky, Presidente do Sindicato do Empregados do

**Comércio, Evandro dos Santos, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Madeiras e seus Artefatos; Benno Schardong, Vice-presidente em exercício do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Conservas e Produtos de Origem Animal.**" De posse do documento o prefeito (interventor) Martins Bühner tratou logo de informar o governo do estado, transmitindo na íntegra o texto elaborado pelos líderes das principais agremiações e também por cidadãos de Ijuí. Disse o prefeito, nessa correspondência:

**"Exmo. General Cordeiro de Farias - Palácio do Governo - Porto Alegre - Tenho satisfação levar conhecimento V. Excia. seguinte ofício acabo receber assinado classes e valores representativos de Ijuí: [segue-se o documento acima transcrito]. Desincumbindo-me honrosa missão levo a V. Excia conhecimento esta patriótica manifestação povo ijuiense que, conforme referida moção cívica, bem compreende hora grave estamos vivendo. Reiterando protestos irrestrita solidariedade coloco-me, pessoa e cargo, a disposição e ao serviço das ordens de V. Excia. para qualquer emergência e pela causa da Pátria. Respeitosas Saudações.**

No período da 2ª Guerra Mundial a cidade de Ijuí se torna alvo de acusações de germanismo, de perseguições, de suspeita de simpatia para com o Eixo ou de resistência à nacionalização. Como estamos vendo a imprensa não deixa de manifestar-se, publicando matérias que procuram enaltecer o patriotismo local. É nítida nessas matérias a intenção de atingir uma população que precisava ser convencida de que Ijuí,

a estas alturas, já não precisava mais ser tutelada nas questões nacionais. Sua população dava o exemplo de como devia se portar o cidadão brasileiro (vide anexos). Tranqüilizando os outros pelas posturas tomadas pela população de Ijuí e, também, tranqüilizando a própria população local, pois saindo na imprensa, de um jeito ou de outro a notícia atingiria as esferas das autoridades, quando não fosse telegrafada diretamente para o interventor do estado. O fim certamente é expor um Ijuí de acordo com as determinações do Estado Novo, que respeita as leis, que se mantém na mais perfeita ordem, que cultua os mesmos símbolos, que idolatra os mesmos ídolos... ou seja: nacionalizado.

Nas comemorações da Semana da Pátria de 1942, o fogo simbólico, a pira da pátria, vinda por Cruz, Alta vinda originalmente de Minas Gerais, tendo ultrapassado vários estados em mãos de atletas, chega a Ijuí. As comemorações das datas nacionais, transformam-se em momentos para a manifestação dos "sentimentos cívicos profundos de amor à Pátria". Após a chegada a Ijuí, o fogo simbólico deveria seguir viagem, indo para Santo Ângelo: **"Em seguida, o archote que continha o fogo sagrado foi entregue a 34 alunos do Tiro de Guerra 337 que, sob ordens de seu dedicado Instrutor, Sargento Odorico Castro e acompanhado da mencionada caravana de honra, prosseguiram para Catuípe, conduzindo o fogo simbólico. O entusiasmo pelo tocante espetáculo da corrida do fogo contagiou os componentes da**

comissão de honra que a acompanhava, ao ponto dos Srs. Álvaro de C. Nicofé, Juvenal Leonardo, Joaquim Jardim e A. Setembrino Lopes, não se poderem conter e tomarem parte ativa na corrida, fazendo um trajeto cada um, conduzindo a tocha sob os aplausos dos atletas que executavam o raide." (Correio serrano, 2 de setembro de 1942).

Pessoas e Instituições tomam para si a bandeira do nacionalismo, dos atos patrióticos, das manifestações de civismo, que via de regra transformam-se em peças de oratória com linguajar rebuscado característico das manifestações ufanistas e logo são publicadas no jornal.

Há pouco falamos no lugar ocupado pelas autoridades militares em Ijuí. Esse espaço será ampliado, dinamizado e consolidado, a partir de fevereiro de 1943, quando Ijuí passa a sediar uma Guarnição Federal. Não custa lembrar que a outra tentativa de instalação militar em Ijuí se deu no ano de 1917 na conjuntura da 1ª Guerra, em meio a uma campanha de nacionalização.

Justamente em 1943 o Tiro de Guerra 337 não teve turma de reservistas, certamente por que suas instalações estavam sendo ocupadas pelo comando do II/4º RADC: "... Com a simplicidade própria dos militares realizou-se na manhã de sábado, 13 do corrente, a solene instalação do Segundo Grupo do 4º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria, que ficou sediado em Ijuí, por ordem do benemérito governo Federal. (...)

O Grupo acha-se provisoriamente instalado nos seguintes edifícios: Tiro de Guerra 337, Clube Comercial, depósito dos Frigoríficos Nacionais Sulbrasileiros e antigo Colégio das Freiras, este último cedido pela Prefeitura..." (Correio Serrano, 17 de fevereiro de 1943).

Já para o ano de 1944 o Tiro de Guerra 337 funcionou com sua 25ª turma, a última, pois em novembro de 1945 foram extintos todos os Tiros de Guerra do Rio Grande do Sul, ficando a instrução militar da população a cargo da Guarnição local.

O patrimônio conseguido pelo Tiro de Guerra 337 passa a ser administrado por uma Associação de Reservistas do TG 337, que foi extinta em 29 de junho de 1993 numa reunião dos seus seis últimos sócios:"...reunião de extinção da Associação de Reservistas do TG 337 fundada em janeiro de 1946. Compareceram: Raymundo Adolfo Schulz, Ulrich Löw, Walter Meller, João Evaldo Kirst, Arno Kirst e Wandoaldo Vieira Kopf" (Jornal Cidade, 1º de julho de 1993).

## Conclusão

Neste trabalho acompanhamos a transformação ocorrida no Exército como corporação desde o Brasil-Colônia até o Brasil-República. O centro de nossa abordagem foi o serviço militar obrigatório, desde as levas de homens "obrigados" ao serviço no período colonial, até a arregimentação pela circunscrição no período republicano.

Verificamos que, apesar de algumas mudanças no caráter do serviço - a Guarda Nacional no Império, por exemplo - até os princípios da República a forma de recrutamento foi muito semelhante a do passado colonial.

Acompanhando as mudanças ocorridas no serviço militar verificamos o rompimento com as relações do passado, substituindo o caráter violento da arregimentação "voluntária", pela educação da população para a arregimentação obrigatória. Essa substituição está ligada a transformações que perpassam a própria instituição militar na sua caminhada para a "estadania",

e está ideologicamente fundada na ação dos "jovens Turcos", comentada no corpo da dissertação.

Nossa posição é a de que com o serviço militar obrigatório modifica-se a estrutura do Exército, pois o "grosso da tropa" será temporário, deixando espaço para a profissionalização de praças e oficiais somente, acabando com os engajamentos viciosos do passado. O Exército neste período justifica sua existência e ação através do emblema da "Defesa Nacional". Havia que se educar a população para a defesa da pátria. Indo no sentido oposto ao passado, que era difícil de ser justificado perante a população, pois sua ação e pensamento voltavam-se à corporação quase que exclusivamente.

Mesmo com a obrigatoriedade do serviço para toda a população masculina houve um espaço para o privilégio das camadas média e alta da sociedade, que podiam servir como voluntários especiais, - principalmente os estudantes - como alunos das Escolas de Instrução Militar, ou como alunos dos Tiros de Guerra.

Não foi só o privilégio de algumas camadas da sociedade o nosso interesse. Para nós o Tiro de Guerra teve várias utilidades dentro da sociedade. Verificamos algumas destas utilidades quando da análise da questão da nacionalidade nas regiões povoadas por imigrantes, ou descendentes destes, no Rio Grande do Sul, principalmente os de origem germânica.

Em Ijuí o Tiro de Guerra teve função de representação militar no município e serviu como elemento aglutinador das forças nacionalistas sendo presença constante em todas as solenidades cívicas. Além disso formou atiradores, elementos de grande importância nos conflitos locais e nacionais, caracterizando o uso político da instituição.

## **Fontes**

### **a) Documentos de Arquivo**

- **Documentos do Tiro de Guerra 337**, AIPMI, Museu Antropológico Diretor Pestana, FIDENE, Ijuí.
  
- **Relação dos tiros de Guerra com data de funcionamento Nesta Região, com descrição do ano, local e sede, até a data de sua extinção**. Ministério do exército, III Exército 3 Região Militar, Quartel General, Ajudância Geral - Arquivo Regional.
  
- **Relatório Anual da Intendência de Ijuí**, anos de 1918 e 1922, Museu Antropológico Diretor Pestana, FIDENE, Ijuí.

## b) Periódicos

- **Jornal o Correio Serrano**, anos 1917 à 1945, Museu Antropológico Diretor Pestana, FIDENE, Ijuí.
  
- **Dados** - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 28, n.1, 1995.
  
- **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 611, 1967.
  
- **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 729, 1987
  
- **Jornal A Federação**, coleção do ano 1908, Fundação Maurício Sirotski Sobrinho, Porto Alegre.
  
- **Jornal O Independente**, 6 de julho de 1917, Museu da Imagem e do Som, José Hipólito da Costa, Porto Alegre.
  
- **Jornal Zero Hora**, 5 de março de 1994.
  
- Poliantéia Comemorativa do 50 Aniversário da Fundação das Associações dos Empregados no Comércio de Porto Alegre, s/ed., 1949.
  
- **Revista da Escola Superior de Engenharia** de Porto Alegre, Porto Alegre, set /out 1916.
  
- **O Tiro de Guerra**, Rio de Janeiro, n. 1-12, 1918.
  
- **A Vida**, Publicação Mensal Anarquista, Rio de Janeiro, n. 1-7, 1914.

### c) Bibliografia

- ACKER, Celso H. e SILVA, Marilda, **Jornal da Manhã: Cadernos do Centenário**, Ijuí, 1990.
- AVANCINI, Elsa. **1200 Votos Contra O Coronel - A Eleição da Banha em Ijuí, 1934**, Unijuí, Ijuí, 1988.
- BERNARDES, Denis. **Um Império Entre Repúblicas: Brasil Século XIX**. São Paulo, Global Ed., 1983.
- BECKER, Klaus. **Alemães e Descendentes -do Rio Grande do Sul- Na Guerra do Paraguai**. Editora Hilgert & Filhos Ltda. Canoas, 1968.
- CALLAI, Jaeme. **A Agricultura na História de Ijuí**. UNIJUI, Ijuí, 1987.
- CAPELLA, Leila Maria Corrêa. **As Malhas de Aço no Tecido Social: A Revista "A Defesa Nacional" e o Serviço Militar Obrigatório**. Dissertação de Mestrado, datilografado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.
- CARONE, Edgard. **A República Velha**. vol. 1, DIFEL, São Paulo, 1975.
- CARVALHO, José Murillo. **As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador**. In: FAUSTO, Boris, (ed). **-História Geral da Civilização Brasileira**.

São Paulo, DIFEL, 1977, t.3: O Brasil Republicano; v.2: Sociedade e instituições (1889-1930).

-CARVALHO, José Murilo. **República e Cidanias**. dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 28, n.º 2, 1985.

-COELHO, Edmundo Campos. **Em Busca de Identidade: O Exército e a Política na sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1976.

-COELHO, Edmundo Campos. A Instituição Militar no Brasil: Um Ensaio Bibliográfico, Revista **BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**. n. 19, ANPOCS, Rio de Janeiro, 1985.

-CUBER, Antoni. **Nas Margens do Uruguai**. FIDENE, Ijuí, (1896), 1975.

-DENYS, Mal. Odylio. Renovação do Exército - Missão Indígena. Revista **A Defesa Nacional**. n.718, Rio de Janeiro, março/abril 1985, pp. 12-13.

-DREIFUS, René Armand. **Política, Poder, Estado e Força: Uma Leitura de Weber**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1993.

- Estado Maior do Exército - Ministério do Exército - **História do Exército Brasileiro; perfil militar de um povo**. Ministério do exército, Brasília, DF, 1972, 3 v. ilustr. consulta v. 2.

-FÉLIX, Loiva Otero. Religião e Política: Os Teuto-Brasileiros e o PRR. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira (orgs), **Os**

**Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** Canoas, Ed. ULBRA, 1994.

-GERTZ, René E. **O Perigo Alemão**, Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

-GERTZ. René E. A Construção de uma Nova Cidadania, in:  
MAUCH, Cláudia & VASCONCELOS, Naira. **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

-GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder.** São Paulo, Martins Fontes, 1991.

-KNIESTEDT, Friedrich. **Memórias de um Imigrante Anarquista**, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, (René E. Gertz, Editor), Porto Alegre, 1989.

-LAZZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**, FIDENE, Ijuí, 1977.

-LAZZAROTTO, Danilo. **Alto da União e Sua História**, UNIJUI, Ijuí, 1986.

-LUHMANN, Niklas. **Poder**, Brasília, ed. da Universidade de Brasília, 1992.

-MAZERON, Gaston Hasslocher. **Reminiscências de Porto Alegre.** POA: Selbach, s/d.

- MCCANN, Frank D. **A Nação Armada: Ensaio Sobre a História do Exército Brasileiro.** Recife, Guararapes 1982.

- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Questão Nacional na Primeira República.** São Paulo, Brasiliense, 1990.
- PEREGALLI, Enrique. **Recrutamento Militar no Brasil Colônia,** Capinas, Editora da UNICAMP, 1986.
- RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e Cidadania. in: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (orgs). **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** Canoas, Ed. ULBRA, 1984.
- ROUQUIÉ, Alain. **O Estado Militar na América Latina.** Alfa-Ômega, São Paulo, 1984.
- RUBEN, Guilherme Raúl. **O Que é Nacionalidade,** Brasiliense, São Paulo, 1987.
- SEYFERTH, Giralda. A Identidade Teuto-Brasileira numa Perspectiva Histórica. in: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira (orgs) **Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** Canoas, Ed. ULBRA, 1994.
- SILVA JR. Adhemar Lourenço da. O povo X der Pöbel. in: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira (orgs) **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** Canoas, Ed. ULBRA, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil,** Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
- TRINDADE, Héglio. **A Construção do Estado Nacional na Argentina e no Brasil (1810-1900): Esboço de uma Análise**

**Comparativa.** Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol.28, nº1, 1985, pp.71-71.

-WEBER, R. Regina. Nacionalidade com prefixos: Os teutos e o Estado Novo em Ijuí. in: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS (orgs), Naira. **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** Canoas, Ed. ULBRA, 1994.

-WEBER, R. Regina. **Os Inícios da Industrialização em Ijuí,** UNIJUI, Ijuí, 1987.

## Anexos

### -Anexo 1

"Relação dos Tiros de Guerra com data de Funcionamento nesta Região, com discriminação do ano, local e sede, até a data de sua extinção 1945 (port. 8747, de 31 out 45) B. Ex. n°45 de 10.11.45"<sup>1</sup>

Ano de  
funcionamento

1908	TG 004 Porto Alegre TG 318 Porto Alegre
1911	TG 004 Porto Alegre
1913	TG 004 Porto Alegre
1914	TG 004 Porto Alegre
1915	TG 004 Porto Alegre TG 159 Taquari - Rio Pardo TG 208 Bom Retiro
1916	TG 001 Rio Grande TG 004 Porto Alegre TG 221 Taquara
1917	TG 004 Porto Alegre TG 031 Pelotas

---

<sup>1</sup> -Relação encontrada nos arquivos do 3º Exército, em Porto Alegre RS.

- 1917 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 103 Cruz Alta  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 219 Guaporé  
TG 221 Taquara  
TG 227 Estrela  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
TG 259 Bagé  
TG 264 Livramento  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre
- 1918 TG 001 Rio Grande  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Cruz Alta  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 254 Cachoeira  
TG 257 São Sebastião do Caí  
TG 259 Bagé  
TG 263 Alegrete  
TG 264 Livramento  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
**TG 337 Ijuí**  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 413 São José do campo Bom  
TG 526 Caçapava
- 1919 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre  
TG 009 Uruguaiana  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 227 Estrela  
TG 230 General Osório  
TG 233 Gravataí  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 248 Caxias do Sul
- 1920 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre

TG 009 Uruguaiana  
 TG 025 Santa Rosa  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 153 Itaqui  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 230 General Osório  
 TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 316 Rolante - S. Antônio  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
 TG 332 Feliz - São Sebastião do Caí  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 369 V. Bom Jesus  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 398 Belém Novo - Porto Alegre  
 TG 404 Vacaria  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 495 V. Dores de Camaquã  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 526 Caçapava  
 TG 633 Colônia Jaguari  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela

1921 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 025 Santa Rosa  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 153 Itaqui  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 219 Guaporé  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 233 Gravataí

TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
 TG 247 São Gabriel  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 259 Bagé  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 316 Rolante - S. Antônio  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
 TG 332 Feliz - São Sebastião do Caí  
 TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 398 Belém Novo - Porto Alegre  
 TG 404 Vacaria  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 436 São Sepé  
 TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 503 Palmeira  
 TG 526 Caçapava  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 649 Mundo Novo - Taquara  
 TG 652 Nova Vicenza  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires

1922 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 031 Pelotas  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 219 Guaporé  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 233 Gravataí  
 TG 236 Lageado

TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
 TG 247 São Gabriel  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 260 São Borja  
 TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 316 Rolante - S. Antônio  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
 TG 332 Feliz - São Sebastião do Caí  
 TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 398 Belém Novo - Porto Alegre  
 TG 404 Vacaria  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 503 Palmeira  
 TG 526 Caçapava  
 TG 621 Canguçu  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 649 Mundo Novo - Taquara  
 TG 652 Nova Vicenza

1923 TG 004 Porto Alegre  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 230 General Osório  
 TG 233 Gravataí  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
 Tg 276 Venâncio Aires  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi

TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 375 Encantado  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 526 Caçapava  
 TG 621 Canguçu  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho

1924 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
 Tg 276 Venâncio Aires  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
 TG 332 Feliz - São Sebastião do Caí  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 375 Encantado  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 649 Mundo Novo - Taquara  
 TG 652 Nova Vicenza  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 671 Colônia Dona Francisca

1925 TG 001 Rio Grande  
 TG 031 Pelotas

TG 004 Porto Alegre  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 181 Santa Maria  
 TG 219 Guaporé  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 233 Gravataí  
 TG 236 Lageado  
 TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 259 Bagé  
 TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 526 Caçapava  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 649 Mundo Novo - Taquara  
 TG 652 Nova Vicenza  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 671 Colônia Dona Francisca  
 TG 672 Colônia Dom Feliciano

1926 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 031 Pelotas  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 219 Guaporé

TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 230 General Osório  
 TG 233 Gravataí  
 TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 259 Bagé  
 TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
 Tg 276 Venâncio Aires  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 526 Caçapava  
 TG 621 Canguçu  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 649 Mundo Novo - Taquara  
 TG 652 Nova Vicenza  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
 TG 667 José Bonifácio - Erechim  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 671 Colônia Dona Francisca  
 TG 672 Colônia Dom Feliciano  
 TG 678 Agudo - Cachoeira  
 TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta  
 TG 682 Nova Trento

1927 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 103 Cruz Alta

TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 208 Bom Retiro  
TG 219 Guaporé  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 225 Passo Fundo  
TG 227 Estrela  
TG 230 General Osório  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 254 Cachoeira  
TG 259 Bagé  
TG 263 Alegrete  
TG 264 Júlio de Castilhos  
TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 277 Espumoso - Soledade  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 298 Corvo - Canela  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 332 Feliz - São Sebastião do Caí  
TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 375 Encantado  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
TG 468 "Tupa Círetan" C. Toropí  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
TG 503 Palmeira  
TG 526 Caçapava  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 649 Mundo Novo - Taquara  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 669 Arroio do meio  
TG 671 Colônia Dona Francisca

- TG 672 Colônia Dom Feliciano  
 TG 678 Agudo - Cachoeira  
 TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta  
 TG 682 Nova Trento
- 1928 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 025 Santa Rosa  
           TG 031 Pelotas  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 103 Cruz Alta  
 TG 208 Bom Retiro  
 TG 219 Guaporé  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 236 Lageado  
 TG 238 Soledade  
 TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
 TG 247 São Gabriel  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 259 Bagé  
 TG 260 São Borja  
 TG 263 Alegrete  
 TG 264 Júlio de Castilhos  
 TG 269 S José do Patrocínio - Encruzilhada  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 277 Espumoso - Soledade  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 332 Feliz - São Sebastião do Caí  
 TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
 TG 441 Anta Gorda

- TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi
  - TG 471 São Sebastião do Caí
  - TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre
  - TG 526 Caçapava
  - TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)
  - TG 633 Colônia Jaguari
  - TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho
  - TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz
  - TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela
  - TG 649 Mundo Novo - Taquara
  - TG 652 Nova Vicenza
  - TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires
  - TG 669 Arroio do meio
  - TG 671 Colônia Dona Francisca
  - TG 672 Colônia Dom Feliciano
  - TG 678 Agudo - Cachoeira
  - TG 682 Nova Trento
- 1929
- TG 001 Rio Grande
  - TG 004 Porto Alegre
  - TG 009 Uruguaiana
  - TG 025 Santa Rosa
  - TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul
  - TG 087 São João de Montenegro
  - TG 208 Bom Retiro
  - TG 219 Guaporé
  - TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria
  - TG 225 Passo Fundo
  - TG 227 Estrela
  - TG 230 General Osório
  - TG 233 Gravataí
  - TG 236 Lageado
  - TG 238 Soledade
  - TG 239 Santa Clara - Lageado
  - TG 244 L. Grande - São Leopoldo
  - TG 247 São Gabriel
  - TG 248 Caxias do Sul
  - TG 251 Novo Hamburgo
  - TG 254 Cachoeira
  - TG 259 Bagé
  - TG 260 São Borja
  - TG 263 Alegrete
  - TG 264 Júlio de Castilhos
  - TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada
  - TG 276 Venâncio Aires
  - TG 277 Espumoso - Soledade
  - TG 289 Santa Cruz do Sul
  - TG 298 Corvo - Canela
  - TG 311 Garibaldi
  - TG 318 Porto Alegre

TG 332 Feliz - São Sebastião do Cai  
TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 364 Júlio de Castilhos  
TG 375 Encantado  
TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 404 Vacaria  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
TG 441 Anta Gorda  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
TG 471 São Sebastião do Cai  
TG 483 V. de Jacuí  
TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
TG 503 Palmeira  
TG 526 Caçapava  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 633 Colônia Jaguari  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 649 Mundo Novo - Taquara  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 669 Arroio do meio  
TG 671 Colônia Dona Francisca  
TG 678 Agudo - Cachoeira  
TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta  
TG 682 Nova Trento

1930 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre  
TG 009 Uruguaiana  
TG 025 Santa Rosa  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Cruz Alta  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 208 Bom Retiro  
TG 219 Guaporé  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria

TG 227 Estrela  
TG 230 General Osório  
TG 233 Gravataí  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
TG 247 São Gabriel  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 254 Cachoeira  
TG 259 Bagé  
TG 260 São Borja  
TG 263 Alegrete  
TG 264 Júlio de Castilhos  
TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 277 Espumoso - Soledade  
TG 286 Dom Pedrito  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 298 Corvo - Canela  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 375 Encantado  
TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 404 Vacaria  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
TG 441 Anta Gorda  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 526 Caçapava  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 633 Colônia Jaguari  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 649 Mundo Novo - Taquara  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 669 Arroio do meio  
TG 671 Colônia Dona Francisca  
TG 678 Agudo - Cachoeira

- TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta
- 1931 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre  
TG 025 Santa Rosa  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Cruz Alta  
TG 153 Itaqui  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 208 Bom Retiro  
TG 219 Guaporé  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 227 Estrela  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 254 Cachoeira  
TG 259 Bagé  
TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 277 Espumoso - Soledade  
TG 288 Rolante - S. Antônio  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 298 Corvo - Canela  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
TG 471 São Sebastião do Cai  
TG 526 Caçapava  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 649 Mundo Novo - Taquara  
TG 652 Nova Vicenza

- TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 669 Arroio do meio  
TG 671 Colônia Dona Francisca  
TG 672 Colônia Dom Feliciano  
TG 678 Agudo - Cachoeira  
TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta  
TG 682 Nova Trento
- 1932 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre  
TG 009 Uruguaiana  
TG 025 Santa Rosa  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Cruz Alta  
TG 153 Itaqui  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 208 Bom Retiro  
TG 219 Guaporé  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 227 Estrela  
TG 236 Lageado  
TG 238 Soledade  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 L. Grande - São Leopoldo  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 254 Cachoeira  
TG 259 Bagé  
TG 263 Alegrete  
TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 277 Espumoso - Soledade  
TG 288 Rolante - S. Antônio  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 298 Corvo - Canela  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 322 A. Chaves - Santa Maria  
TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 375 Encantado  
TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba

- TG 412 Gramado - Tapera
  - TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos
  - TG 449 Conceição do Arroio - Osório
  - TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi
  - TG 471 São Sebastião do Cai
  - TG 526 Caçapava
  - TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)
  - TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho
  - TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz
  - TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela
  - TG 649 Mundo Novo - Taquara
  - TG 652 Nova Vicenza
  - TG 654 Santa Cruz
  - TG 667 José Bonifácio - Erechim
  - TG 669 Arroio do meio
  - TG 671 Colônia Dona Francisca
  - TG 672 Colônia Dom Feliciano
  - TG 678 Agudo - Cachoeira
  - TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta
  - TG 682 Nova Trento
  - TG S/N Glorinha - Gravatai
- 
- 1933 TG 001 Rio Grande
  - TG 004 Porto Alegre
  - TG 009 Uruguaiana
  - TG 031 Pelotas
  - TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul
  - TG 087 São João de Montenegro
  - TG 089 São Leopoldo
  - TG 103 Cruz Alta
  - TG 153 Itaqui
  - TG 159 Taquari - Rio Pardo
  - TG 208 Bom Retiro
  - TG 221 Taquara
  - TG 227 Estrela
  - TG 236 Lageado
  - TG 238 Soledade
  - TG 239 Santa Clara - Lageado
  - TG 248 Caxias do Sul
  - TG 251 Novo Hamburgo
  - TG 254 Cachoeira
  - TG 259 Bagé
  - TG 263 Alegrete
  - TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada
  - TG 276 Venâncio Aires
  - TG 277 Espumoso - Soledade
  - TG 288 Rolante - S. Antônio
  - TG 289 Santa Cruz do Sul
  - TG 298 Corvo - Canela
  - TG 300 Roca Sales - Estrela

TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 375 Encantado  
TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 404 Vacaria  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
TG 526 Caçapava  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 649 Mundo Novo - Taquara  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Santa Cruz  
TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 672 Colônia Dom Feliciano  
TG 678 Agudo - Cachoeira  
TG 682 Nova Trento  
TG S/N Glorinha - Gravataí

1934 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre  
TG 009 Uruguaiana  
TG 025 Santa Rosa  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Cruz Alta  
TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
TG 153 Itaqui  
TG 208 Bom Retiro  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 227 Estrela  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 248 Caxias do Sul

TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 259 Bagé  
 TG 263 Alegrete  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 288 Rolante - S. Antônio  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 334 São Francisco de Paula  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
 TG 388 Candelária  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
 TG 404 Vacaria  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
 TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 649 Mundo Novo - Taquara  
 TG 652 Nova Vicenza  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
 TG 654 Santa Clara  
 TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
 TG 667 José Bonifácio - Erechim  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 678 Agudo - Cachoeira  
 TG S/N Glorinha - Gravataí

1935 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 025 Santa Rosa  
 TG 030 Jaguarão - São Lourenço  
 TG 031 Pelotas  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 103 Cruz Alta

TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
TG 153 Itaqui  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 208 Bom Retiro  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 227 Estrela  
TG 233 Gravataí  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 254 Cachoeira  
TG 259 Bagé  
TG 263 Alegrete  
TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 288 Rolante - S. Antônio  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 298 Corvo - Canela  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 388 Candelária  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 669 Arroio do meio  
TG 678 Agudo - Cachoeira  
TG S/N Glorinha - Gravataí

1936 TG 001 Rio Grande

TG 004 Porto Alegre  
TG 009 Uruguaiana  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 084 Tapes  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Cruz Alta  
TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
TG 153 Itaqui  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 208 Bom Retiro  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 225 Passo Fundo  
TG 227 Estrela  
TG 233 Gravataí  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 Sapiranga  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 254 Cachoeira  
TG 259 Bagé  
TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 298 Corvo - Canela  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 388 Candelária  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 647 Monte Alverne - Santa Cruz  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi

- TG 667 José Bonifácio - Erechim  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 678 Agudo - Cachoeira  
 TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta  
 TG S/N Glorinha - Gravatai
- 1937 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 025 Santa Rosa  
 TG 030 Jaguarão - São Lourenço  
       TG 031 Pelotas  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 103 Cruz Alta  
 TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
 TG 153 Itaqui  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 208 Bom Retiro  
 TG 221 Taquara  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 Sapiranga  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 264 Júlio de Castilhos  
 TG 269 S. José do Patrocínio - Encruzilhada  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 288 Rolante - S. Antônio  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 298 Corvo - Canela  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria
- TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
 TG 388 Candelária  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
 TG 404 Vacaria  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 416 S. Gerônimo - Arroio dos Ratos

- TG 449 Conceição do Arroio - Osório
  - TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula
  - TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi
  - TG 471 São Sebastião do Caí
  - TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre
  - TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)
  - TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho
  - TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela
  - TG 649 Mundo Novo - Taquara
  - TG 652 Nova Vicenza
  - TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires
  - TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi
  - TG 667 José Bonifácio - Erechim
  - TG 669 Arroio do meio
  - TG 678 Agudo - Cachoeira
  - TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta
  - TG S/N Glorinha - Gravatai
- 
- 1938 TG 001 Rio Grande
  - TG 004 Porto Alegre
  - TG 009 Uruguaiana
  - TG 025 Santa Rosa
  - TG 030 Jaguarão - São Lourenço
  - TG 031 Pelotas
  - TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul
  - TG 084 Tapes
  - TG 087 São João de Montenegro
  - TG 097 Santa Maria
- TG 144 B. Vista do Fão - Lageado
  - TG 159 Taquari - Rio Pardo
  - TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria
  - TG 221 Taquara
  - TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria
  - TG 225 Passo Fundo
  - TG 227 Estrela
  - TG 236 Lageado
  - TG 239 Santa Clara - Lageado
  - TG 244 Sapiranga
  - TG 247 São Gabriel
  - TG 248 Caxias do Sul
  - TG 251 Novo Hamburgo
  - TG 254 Cachoeira
  - TG 276 Venâncio Aires
  - TG 288 Rolante - S. Antônio
  - TG 289 Santa Cruz do Sul
  - TG 298 Corvo - Canela
  - TG 300 Roca Sales - Estrela
  - TG 311 Garibaldi
  - TG 318 Porto Alegre
  - TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria

**TG 337 Ijuí**

TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 375 Encantado  
TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
TG 388 Candelária  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 404 Vacaria  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 649 Mundo Novo - Taquara  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 669 Arroio do meio  
TG 678 Agudo - Cachoeira  
TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta

1939 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre  
TG 009 Uruguaiana  
TG 025 Santa Rosa  
TG 030 Jaguarão - São Lourenço  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 084 Tapes  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 225 Passo Fundo  
TG 227 Estrela  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 Sapiranga  
TG 247 Getúlio Vargas  
TG 248 Caxias do Sul

TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 288 Rolante - S. Antônio  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 386 Dr. Pestana - **Ijuí**  
 TG 388 Candelária  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
 TG 404 Vacaria  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
 TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 526 Caçapava  
 TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 652 Nova Vicenza  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
 TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
 TG 667 José Bonifácio - Erechim  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 678 Agudo - Cachoeira  
 TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta  
 TG S/N Rio Pardo

1940 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 025 Santa Rosa  
 TG 030 Jaguarão - São Lourenço  
 TG 031 Pelotas  
 TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
 TG 084 Tapes  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo

TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria  
 TG 221 Taquara  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 Sapiranga  
 TG 247 Getúlio Vargas  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 288 Rolante - S. Antônio  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 388 Candelária  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
 TG 404 Vacaria  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
 TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
 TG 468 "Tupa Ciretan" C. Toropi  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 498 Pedras Brancas - Guaíba - P. Alegre  
 TG 526 Caçapava  
 TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 652 Nova Vicenza  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
 TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
 TG 667 José Bonifácio - Erechim  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 678 Agudo - Cachoeira  
 TG 680 Neu Wurttemberg (Panambi) - Cruz Alta

1941 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana

TG 025 Santa Rosa  
TG 030 Jaguarão - São Lourenço  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 159 Taquari - Rio Pardo  
TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 225 Passo Fundo  
TG 227 Estrela  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 244 Sapiranga  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 254 Cachoeira  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 288 Rolante - S. Antônio  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 311 Garibaldi  
TG 318 Porto Alegre  
TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
TG 321 Taquara  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 375 Encantado  
TG 388 Candelária  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 404 Vacaria  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 644 Selbach  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
TG 667 José Bonifácio - Erechim  
TG 669 Arroio do meio  
TG 678 Agudo - Cachoeira

1942 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre

TG 009 Uruguaiana  
 TG 025 Santa Rosa  
 TG 030 Jaguarão - São Lourenço  
 TG 031 Pelotas  
 TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
 TG 153 Alegrete  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo  
 TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria  
 TG 221 Taquara  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 244 Sapiranga  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 388 Candelária  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 644 Selbach  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
 TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
 TG 667 José Bonifácio - Erechim  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 678 Agudo - Cachoeira

1943 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 031 Pelotas

- TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 084 Santa Vitória do Palmar  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Sananduva  
TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria  
TG 221 Taquara  
TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
TG 225 Passo Fundo  
TG 227 Estrela  
TG 236 Lageado  
TG 239 Santa Clara - Lageado  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 251 Novo Hamburgo  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 300 Roca Sales - Estrela  
TG 318 Porto Alegre  
TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 375 Encantado  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 412 Gramado - Tapera  
TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
TG 460 V. Alegre - São Francisco de Paula  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 526 Caçapava  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
TG 652 Nova Vicenza  
TG 654 Picada Terezinha - Venâncio Aires  
TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
TG 669 Arroio do meio  
TG 678 Agudo - Cachoeira
- 1944 TG 001 Rio Grande  
TG 004 Porto Alegre  
TG 009 Uruguaiana  
TG 031 Pelotas  
TG 036 Santa Maria - São Pedro do Sul  
TG 084 Santa Vitória do Palmar  
TG 087 São João de Montenegro  
TG 103 Sananduva  
TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
TG 153 Alegrete  
TG 159 Taquari - Rio Pardo

TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria  
 TG 221 Taquara  
 TG 223 Alfredo Chaves - Santa Maria  
 TG 225 Passo Fundo  
 TG 227 Estrela  
 TG 236 Lageado  
 TG 239 Santa Clara - Lageado  
 TG 248 Caxias do Sul  
 TG 251 Novo Hamburgo  
 TG 254 Cachoeira  
 TG 276 Venâncio Aires  
 TG 289 Santa Cruz do Sul  
 TG 300 Roca Sales - Estrela  
 TG 311 Garibaldi  
 TG 318 Porto Alegre  
 TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
**TG 337 Ijuí**  
 TG 346 Viamão  
 TG 355 Antônio Prado  
 TG 357 Bento Gonçalves  
 TG 375 Encantado  
 TG 388 Candelária  
 TG 395 Carlos Barbosa  
 TG 397 Nova Palma - Júlio de Castilhos  
 TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
 TG 412 Gramado - Tapera  
 TG 449 Conceição do Arroio - Osório  
 TG 471 São Sebastião do Caí  
 TG 526 Caçapava  
 TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
 TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
 TG 644 Selbach  
 TG 648 Boa Vista - Teotônia - Estrela  
 TG 654 Vila Farroupilha  
 TG 659 Floriano Peixoto - Garibaldi  
 TG 667 José Bonifácio - Erechim  
 TG 669 Arroio do meio  
 TG 678 Agudo - Cachoeira  
 TG S/N São Francisco de Paula  
 TG S/N Canela

1945 TG 001 Rio Grande  
 TG 004 Porto Alegre  
 TG 009 Uruguaiana  
 TG 031 Pelotas  
 TG 030 Canela  
 TG 087 São João de Montenegro  
 TG 144 B. Vista do Fão - Lageado  
 TG 153 Alegrete  
 TG 159 Taquari - Rio Pardo

TG 177 Prata - A. Chaves - S. Maria  
TG 208 Santa Maria  
TG 221 Taquara  
TG 236 Lageado  
TG 239 Porto Alegre  
TG 248 Caxias do Sul  
TG 254 Cachoeira  
TG 276 Venâncio Aires  
TG 289 Santa Cruz do Sul  
TG 318 Porto Alegre  
TG 320 M. Vêneto - A. Chaves - Santa Maria  
TG 346 Viamão  
TG 355 Antônio Prado  
TG 357 Bento Gonçalves  
TG 395 Carlos Barbosa  
TG 399 Barra do Ribeiro - Guaíba  
TG 412 São Sebastião do caí  
TG 471 São Sebastião do Caí  
TG 529 Erechim ( José Bonifácio - Viadutos)  
TG 644 Monte Alverne - Tapera - Carazinho  
TG 644 Selbach  
TG 678 Agudo - Cachoeira  
TG S/N Aparados da Serra  
TG S/N Canela

## -Anexo 2

## DIRECTORIA GERAL DO TIRO DE GUERRA

**lista das sociedades incorporadas**

Nº	SÉDE
001	Rio Grande - Est. Rio Grande do Sul
002	S. Paulo - Estado de São Paulo
003	S. Paulo - Estado de São Paulo
004	Porto Alegre - Est. Rio Grande do Sul
005	Avenida Men de Sá. - Capital Federal
006	Quartel da Polícia. Andarahy - C. Federal
007	Quartel General - Capital Federal
008	Belém - Estado do Pará
009	Uruguayana - Rio Grande do Sul
010	Manáos - Estado do Amazonas
011	Santos - Est. de São Paulo
012	Petrópolis - Estado do Rio
013	Recife - Pernambuco
014	Belém - Estado do Pará
015	Nittheroy - Estado do Rio
016	Pitangueiras - Est. São Paulo
017	Juiz de Fora - Minas Gerais
018	Natal - Est. Rio Grande do Norte
019	Curityba - Estado do Paraná
020	Descalvado - Estado de São Paulo
021	Ponta Grossa - Est. do Paraná
022	Pirassununga - Est. de São Paulo
023	Franca - Est. de São Paulo
024	Friburgo - Estado do Rio
025	Santo Ângelo - Rio Grande do Sul
026	Batataes Estado de S. Paulo
027	Barra do Pirahy - Estado do rio
028	Maceió - Alagoas
029	Campos - Estado do Rio
030	Jaguarão - Rio Grande do Sul
031	Pelotas - Rio Grande do Sul
032	Palmares - Estado de Pernambuco
033	Itapetininga - Estado de S. Paulo
034	São Bernardo - Estado de S. Paulo
035	S. Paulo - Estado de S. Paulo
036	Santa Maria - Rio Grande do Sul
037	Parahyba - Estado da Parahyba
038	Fortaleza - Estado do Ceará
039	Mipibú - Est. do Rio Grande do Norte
040	Florianopolis - Est. de Santa Catharina
041	Nasareth - Estado de Pernambuco\
042	Mossoró - Rio Grande do Norte
043	Victória - Estado do Espirito Santo
044	S. Bento - Estado de Pernambuco
045	Garanhus - Estado de Pernambuco
046	Canhotinho - Estado de Pernambuco

- 047 S. Luiz - Estado do Maranhão
- 048 Quixeramobim - Estado do Ceará
- 049 Santarém - Estado do Pará
- 050 Bemtevi - Estado de Pernambuco
- 051 Cordeiro - Estado do Rio
- 052 Bello horizonte - Estado de Minas
- 053 Quixadá - Estado do Ceará
- 054 Escada - Estado de Pernambuco
- 055 Água Preta - Est. de Pernambuco
- 056 São Fidelis - Estado do rio
- 057 Campo Largo de Sorocaba - S. Paulo
- 058 São Roque - Estado de São Paulo
- 059 Barreiros - Estado de Minas
- 060 Villa Nova de Lima - Estado de Minas
- 062 Palmyra - Estado de Minas
- 063 Itapecerica - Estado de Minas
- 064 Maranguape - Estado do Ceará
- 065 Lavras - Estado de Minas
- 066 Araras - Estado de S. Paulo
- 067 Sete Lagoas - Estado de minas
- 068 Iguassú - Estado do Rio
- 069 Mendes - Estado do Rio
- 070 Morretes - Estado do Paraná
- 071 Pirapóra - Estado do Ceará
- 072 Caxambú - est. de Minas Geraes
- 073 Canindé - Estado do Ceará
- 074 Miracema - Estado do Rio
- 075 Sorocaba - Estado de S. Paulo
- 076 Affuá - Estado do Pará
- 077 Bangú - Capital Federal
- 078 Patrocínio de Sapucahy - S. Paulo
- 079 Therezina - Estado do Piauí
- 080 Ribeirão Preto - Estado de S. Paulo
- 081 Barbacena - Estado de Minas Geraes
- 082 Sta. Rita de Passa Quatro - S. Paulo
- 083 Cotia - Estado de São Paulo
- 084 S. Luiz Gonzaga - Rio Grande do Norte
- 085 Avaré - Estado de S. Paulo
- 086 S. Salvador - Estado da Bahia
- 087 S. João de Montenegro - R. G. do Sul
- 088 Bello Jardim - Est. Pernambuco
- 089 Jahú - Estado de S. Paulo
- 090 Tieté - Estado de São Paulo
- 091 Capina Grande (sic) - Parahyba
- 092 Sta. Maria Magdalena - Est. do Rio
- 093 Labrêa - Estado do Amazonas
- 094 Mathias Barboza - Estado de Minas
- 095 Bezerras - Estado de Pernambuco
- 096 Pavuna - Capital Federal
- 097 Riachuelo - Capital Federal

- 098 Bom Conselho - Est. Pernambuco
- 099 Paranaguá - Estado do Paraná
- 100 Inhauma - Capital Federal
- 101 Gamelleira - Estado de Pernambuco
- 102 Realengo - Capital Federal
- 103 Cruz Alta - Rio Grande do Sul
- 104 Amparo - Estado de S. Paulo
- 105 Salto Grande do Paranapanema - S. Paulo
- 107 Espirito Santo do Pinhal- S. Paulo
- 108 Gravatá - Estado de Pernambuco
- 109 Rio Novo - Estado de Minas Geraes
- 110 Alemquer - Estado do Pará
- 111 Estancia - Estado do Sergipe
- 112 Piracicaba - Estado de São Paulo
- 113 Victoria - Estado de Pernambuco
- 114 Caruarú - Pernambuco
- 115 São Cristovam - Capital Federal
- 116 Jundiahy - Estado de S. Paulo
- 117 S. Sebastião do Alto - Est. do rio
- 118 Crato - Estado do Ceará
- 119 Sabará - Estado de Minas
- 120 Mogy das cruces - Est. de S. Paulo
- 121 Magé - Estado do Rio
- 122 Pedro Velho - Rio Grande do Norte
- 123 Rio Claro - Estado de São Paulo
- 124 Penedo - Estado de Alagoas
- 125 Itabayana - Estado da Parahyba
- 126 Recife - Est. de Pernambuco
- 127 Santos - Estado de São Paulo
- 128 barreiros - Estado da Bahia
- 129 Pederneiras - Estado de São Paulo
- 130 Cajazeiras - Estado da Parahyba
- 131 Pirajá - Estado da Bahia
- 132 Jundiahy - Estado de São Paulo
- 133 Joazeiros - Estado da Bahia
- 134 S. João - Est. de Pernambuco
- 135 Tatuhy - Est. de S. Paulo
- 136 Aracaju - Estado de Sergipe
- 137 Laguna - Estado de Santa Catharina
- 138 Itacoatiara - Estado do Amazonas
- 139 Itú - Estado de São Paulo
- 140 Irajá - Districto Federal
- 141 Catende - Estado de Pernambuco
- 142 Lagoa de Gattos - Est. de Pernambuco
- 143 Macahyba - Est. do Rio Grande do Norte
- 144 Campo Novo - Rio Grande do Sul
- 145 Altinho - Estado de Pernambuco
- 146 Além Parahyba - Minas Geraes
- 147 Parnahyba - Estado do Piauhy
- 148 S. Carlos do Pinhal - Est. de S. Paulo

- 149 lavras - Estado do Ceará
- 150 Triumpho - Estado de Pernambuco
- 151 Pedra - Estado de Pernambuco
- 152 Campos Novos do Paranapanema - S. Paulo
- 153 Itaquy - Est. R. Grande do Sul
- 154 Fapina - Estado de São Paulo
- 155 Caxias - Estado do Maranhão
- 156 São Paulo - Estado do Sergipe
- 157 Madre de Deus - Estado de Minas
- 158 São Caetano da Raposa - Pernambuco
- 159 Taquary - Est. do R. Grande do Sul
- 160 Sallesópolis - Estado de São Paulo
- 161 Tamboril - Estado do Ceará
- 162 Sobral- Estado do Ceará
- 163 Sant'Anna - Estado do Ceará
- 164 Alfenas - Estado de Minas
- 165 Goyana - Estado de Pernambuco
- 166 Alagoinhas - Estado da Parahyba
- 167 Salto - Estado de São Paulo
- 168 Uberaba - Estado de Minas
- 169 Vassouras - Estado do Rio
- 170 Santa Cruz - Districto Federal
- 171 Alagoa Grande - Estado da Parahyba
- 172 Meyer - Capital Federal
- 173 Itabera - Estado de São Paulo
- 174 Três Ilhas - Estado de Minas
- 175 Massapé - Estado do Ceará
- 176 Campinas - Estado de S. Paulo
- 177 Sant'Anna do Livramento R. G. do Sul
- 178 Tahuá - Estado do Ceará
- 179 Tio de Janeiro - Capital Federal
- 180 Lorena - Estado de São Paulo
- 181 S. Paulo de Muriahé - E. de minas
- 182 Ouro Fino - Estado de Minas
- 183 S. José dos Campos - S. Paulo
- 184 Cachoeira - Estado da Bahia
- 185 Quipapá - Estado de Pernambuco
- 186 Antonina - Estado do Paraná
- 187 Jaboatão - Estado de Pernambuco
- 188 Caçapava - Estado de S. Paulo
- 189 Ouro Preto - Estado de Minas
- 190 Parahybuna - Estado de S. Paulo
- 191 Limoeiro do Norte - Estado de Pernambuco
- 192 Guarabira - Estado da Parahyba
- 193 São Francisco - Estado de Santa Catharina
- 194 Jaqueira - Estado de Pernambuco
- 195 Sta. Cruz do Rio Pardo - S. Paulo
- 196 S. José do Seregy - Pernambuco
- 197 Rio Preto - Est. de S. Paulo
- 198 Guaratinguetá - Estado de São Paulo

- 199 Itabayana - Estado do Sergipe
- 200 Engenho de Dentro - Capital Federal
- 201 Ibertioga - Estado de Minas
- 202 Crateús - Estado do Ceará
- 203 Apiahy - Estado de S. Paulo
- 204 Alto Purús - Estado do Amazonas
- 205 Camaragibe - Est. de Pernambuco
- 206 Viçosa - Estado de Alagoas
- 207 Amarantina - Estado do Piauí
- 208 Bom Retiro de Taquary - R. G. do Sul
- 209 Camaragibe - Estado de Pernambuco
- 210 Sylvestre Ferreira - Estado de Minas
- 211 Floriano - Estado do Piauí
- 212 Corumbá - Est. do Mato Grosso.
- 213 Camocim - Estado do Ceará
- 214 Itapipoca - Estado do Ceará
- 215 Barra Mansa - Estado do Rio
- 216 S. João d'EL-Rey - Estado de Minas
- 217 Jardim de Seridó - Rio Grande do Norte
- 218 Guaranesia - Estado de Minas
- 219 Guaporé - Rio Grande do Sul
- 220 Macahé - Estado do Rio
- 221 Taquara - Est. Rio Grande do Sul
- 222 Rio Negro - Estado do Paraná
- 223 Alfredo Chaves - Rio Grande do Sul
- 224 Seraphina Corrêa - Est. do Rio Grande do Sul
- 225 Passo Fundo - R. Grande do Sul
- 226 Joinville - Est. Santa Catharina
- 227 Estrella - Est. Rio Grande do Sul
- 228 Ponte Nova - Estado de Minas
- 229 Ubá - Estado de Minas
- 230 General Ozorio - Rio Grande do Sul
- 231 Rio Pardo - Est. R. Grande do Sul
- 232 Araguari - Estado de Minas
- 233 Villa de Gravatahy - Rio Grande do Sul
- 234 Itapetininga - Estado de São Paulo
- 235 Pouso Alegre - Estado de Minas
- 236 Lageado - Est. do Rio Grande do Sul
- 237 São Lourenço - Rio Grande do Sul
- 238 Arroio do Meio - Est. Rio Grande do Sul
- 239 Santa Clara - Rio Grande do Sul
- 240 Ilha do Governador - Capital Federal
- 241 Cataguazes - Estado de Minas
- 242 Lapa - Estado do Paraná
- 243 Uberabinha - Estado de Minas
- 244 São Leopoldo - Rio Grande do Sul
- 245 Praça Mauá - Capital Federal
- 246 Lavras - Estado de Minas
- 247 S. Gabriel - Est. do R. Grande do Sul
- 248 Caxias - Est. do R. Grande do Sul

- 249 Jacarépaguá - Distrito Federal
- 250 Alagoinhas - Estado de Pernambuco
- 251 Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul
- 252 Timbauba - Estado de Pernambuco
- 253 São Lourenço - Estado de Pernambuco
- 254 Cachoeira - Est. do R. Grande do Sul
- 255 Varginha - Minas Geraes
- 256 Três Corações do Rio Verde - Minas
- 257 S. Sebastião do Cahy - R. G. do Sul
- 258 Peçanha - Estado de Minas Geraes
- 259 Bagé - Est. do R. Grande do Sul
- 260 S. Borja - Est. do Rio Grande do Sul
- 261 Cabedello - Estado de Parahyba
- 262 Pará - Estado de Minas Geraes
- 263 Alegrete - est. do R. Grande do Sul
- 264 Sant'Anna do Livramento - R. G. do Sul
- 265 Meyer - Capital Federal
- 266 Parahyba do Sul - Estado do Rio
- 267 Formiga - Estado de Minas Geraes
- 268 Espírito Santo Pinhal - São Paulo
- 269 Encruzilhada - Rio Grande do Sul
- 270 Santa Rita - Estado da Parahyba
- 271 Três Ilhas - Estado de Minas
- 272 Bomfim de Palmyra - Estado de Minas
- 273 Villa de Perdões - Estado de Minas
- 274 Miracema- Estado do Rio
- 275 Baurú - Estado de São Paulo
- 276 Venâncio Ayres - Rio Grande do Sul
- 277 Pinheiro Machado - Rio Grande do Sul
- 278 Rosário - Rio Grande do Sul
- 279 Cruzeiro do Sul - Alto Juruá
- 280 São Pedro - Est. Rio Grande do Sul
- 281 Santo Amaro - Estado da Bahia
- 282 Tubarão - Estado de Santa Catharina
- 283 Mar de Hespanha - Estado de Minas
- 284 São Salvador - Estado da Bahia
- 285 Itajubá - Estado de Minas
- 286 D. Pedrito - Est. do Rio Grande do Sul
- 287 Alfenas - Estado de Minas
- 288 Santo Antônio da Patrulha - R. G. do Sul
- 289 Santa Cruz - Est. do Rio Grande do Sul
- 290 Santa Rita do Sapucahy - Est. de Minas
- 291 Villa de Neponuceno - Est. de Minas
- 292 Casa Branca - Estado de São Paulo
- 293 Lavrinhas - Estado de S. Paulo
- 294 Santa Quitéria - Est. de São Paulo
- 295 S. José do Rio Pardo - Est. de S. Paulo
- 296 Campo Bello - Estado de Minas
- 297 Pacatuba - Estado do Ceará
- 298 Corvo - Rio Grande do Sul

- 299 Passos - Estado de Minas
- 300 Roca Salles - Rio Grande do Sul
- 301 Itajahy - Est. de Sta. Catharina
- 302 Petropolis - Estado do Rio
- 303 Bananal - Estado de São Paulo
- 304 Piratiny - Rio Grande do Sul
- 305 Passa Quatro - Estado de Minas
- 306 Nova Berlim - Rio Grande do Sul
- 307 Bom Jesus de Itabapoama - Est. do Rio
- 308 Propriá - Estado de Sergipe
- 309 Fortaleza - Estado do Ceará
- 310 Feira de Sant'Anna - Est. da Bahia
- 311 Villa de Garibaldi - Rio Grande do Sul
- 312 Santa Luzia - Estado de Minas
- 313 S. João da Boa Vista - São Paulo
- 314 Entrepellados - Rio Grande do Sul
- 315 Macau - Rio Grande do Norte
- 316 Sto. Antônio da Patrulha - R. G. do Sul
- 317 Brusque - Estado de Sta. Catharina
- 318 Gloria - Rio Grande do Sul
- 320 Monteveneto - Rio Grande do Sul
- 321 Nova Trento - Est. de Sta. Catharina
- 322 Espirito Santo - Est. da Parahyba
- 323 Goyaz - Estado de Goyaz
- 324 Duas Barras - Est. do Rio
- 325 Alvinópolis - Estado de Minas
- 326 S. José da Lagoa - Estado de Minas
- 327 Oliveira - Estado de Minas
- 328 Três Pontas - Estado de Minas
- 329 S. Felix de Paraguassú - Est. da Bahia
- 330 Silavianopolis - Estado de Minas
- 331 S. Sebastião do Cahy - R. G. do Sul
- 332 Pojuca - Estado da Bahia
- 333 Recife - Estado de Pernambuco
- 334 S. Francisco de Cima da Serra - R. G. do Sul
- 335 S. José da Lage - Est. de Alagoas
- 336 Redempção - Estado do Ceará
- 337 Ijuhy - Rio Grande do Sul**
- 338 Crato - Ceará
- 339 Alagoinhas - Estado da Bahia
- 340 Arroio Grande - Rio Grande do Sul
- 341 Missão Velha - Estado do Ceará
- 342 Senador Pompéu - Estado do Ceará
- 343 palmeira - Estado do Paraná
- 344 S. Luiz - Estado do Maranhão
- 345 Sto. Antônio da Gamma - Minas Geraes
- 346 Villa de Viamão - Estado de Minas
- 347 Cruz das Almas - Estado da Bahia
- 348 Braz - Estado de Minas
- 349 Entre Rios - Estado do Rio

- 350 Santa Rita de Jacutinga - Est. de Minas
- 351 São João Neponuceno - Est. de Minas
- 352 Curvello - Estado de Minas
- 353 Canavieira - Estado da Bahia
- 354 Sant'Anna dos Ferros - Est. de Minas
- 355 Antônio Prado - Rio Grande do Sul
- 356 Lageado - Rio Grande do Sul
- 357 Bento Gonçalves - Rio Grande do Sul
- 358 Maracás - Estado da Bahia
- 359 Sorocaba - Estado de São Paulo
- 360 Jahú - Estado de São Paulo
- 361 Ribeirão Vermelho - Estado de Minas
- 362 Araxá - Estado de Minas
- 363 Santo Antônio de Jesus - Est. da Bahia
- 364 Villa Bella - Est. de Pernambuco
- 365 Sant'Anna de Cariry - Est. do Ceará
- 366 Santa Cruz - Rio Grande do Sul
- 367 Theophilo Ottoni - Estado de Minas
- 368 Barbalha - Estado do Ceará
- 369 Bom Jesus - Rio Grande do Sul
- 370 Machado Portella - Estado da Bahia
- 371 Possos de Caldas - est. de Minas
- 372 Santa Rita de Jacutinga - Est. de Minas
- 373 Dores da Boa Esperança - Minas
- 374 Leopoldina - Estado de Minas
- 375 Encantado - Rio Grande do Sul
- 376 Aymoré - Estado de Minas
- 377 S. Bento - Est. de Santa Catharina
- 378 Lagoa vermelha - Rio Grande do Sul
- 379 Palmas - Estado do Paraná
- 380 Iguatú - Estado do Ceará
- 381 Carangola - Estado de Minas
- 382 Matta de S. João - Estado da Bahia
- 383 S. João da Bocaina - est. de S. Paulo
- 384 Palmeira do Índios - Alagoas
- 385 Riachão - Estado do Ceará
- 386 Diamantina - Estado de Minas Geraes
- 387 S. Salvador - Estado da Bahia
- 388 Candelária - Rio Grande do Sul
- 389 Itapemirim - Est. Espirito Santo
- 390 cachoeira de Sta. Leopoldina - E. Santo
- 391 Maragogipe - Estado da Bahia
- 392 Sto. Antônio do Machado - Est. de Minas
- 393 S. Paulo - Est. de São Paulo
- 394 S. Miguel dos Campos - Est. de Alagoas
- 395 Carlos Barbosa - Rio Grande do Sul
- 396 Mococa - Estado de São Paulo
- 397 Júlio de Castilhos - Rio Grande do Sul
- 398 Belém Novo - Rio Grande do Sul
- 399 Barra do Ribeiro - Rio Grande do Sul

- 400 Cametá - Estado do Pará
- 401 Quarahy - Rio Grande do Sul
- 402 S. Simão - Est. de São Paulo
- 403 Campanha - Estado de Minas Geraes
- 404 Vaccaria - Rio Grande do Sul
- 405 Queluz - Estado de Minas
- 406 Camburiu - Est. de Sta. Catharina
- 407 Catalão - Estado de Goyaz
- 408 Lima Duarte - Estado de Minas
- 409 Cascavel - Estado do Ceará
- 410 S. José - est. de Santa Catharina
- 411 Jacarehy - Est. de S. Paulo
- 412 Taquara - Rio Grande do Sul
- 413 S. José do Campo Bom - R. G. do Sul
- 414 Corumbá - Estado de Goyaz
- 415 Araucária - Estado do Paraná
- 416 S. Jeronymo - Rio Grande do Sul
- 417 Paraty - Estado do Rio
- 418 Ibitinga - Estado de São Paulo
- 419 S. João de Muquy - Espirito Santo
- 420 Araranguá - Est. de Santa Catharina
- 421 brejo dos Santos - Estado do Ceará
- 422 Irará - Estado da Bahia
- 423 S. Manoel - Estado de São Paulo
- 424 Nictheroy - Estado do Rio
- 425 Quissaman - Estado do Rio
- 426 Turvo - Estado de Minas Geraes
- 427 Christiana - Estado de Minas Geraes
- 428 Pirapóra - Estado de Minas Geraes
- 429 Baturité - Estado do Ceará
- 430 Desterro do Mello - Estado de Minas
- 431 Rio verde - Estado de Goyaz
- 432 Cachoeira - Estado de São Paulo
- 433 Lages - Estado de Santa Catharina
- 434 Mariana - Estado de Minas Geraes
- 435 Mogy Mirim - Estado de São Paulo
- 436 Formigueiro - Rio Grande do Sul
- 437 Pesqueira - Est. de Pernambuco.
- 438 S. Marcos - Rio Grande do Sul
- 439 Rio da Ilha - Rio Grande do Sul
- 440 Paraizopolis - Estado de Minas
- 441 Turvo - Estado de Minas
- 442 Bomfim - Estado da Bahia
- 443 Serra Negra - Estado de São Paulo
- 444 Bomfim - Estado de Goyaz
- 445 Taubaté - Estado de São Paulo
- 446 Itibaia - Estado de São Paulo
- 447 Castro Alves - Estado da Bahia
- 448 Nasareth - Estado da Bahia
- 449 Várzea - Sto. Antônio da Patrulha - Rio Grande dos SUL

- 450 Caçapava - Estado de São Paulo
- 451 Santa Cruz do Rio Pardo - S. Paulo
- 452 Rio Preto - Minas Gerais
- 453 Campo Alegre - Estado de Santa Catharina
- 454 Iguape - Estado de São Paulo
- 455 São Leopoldo - Rio Grande do Sul
- 456 Conceição Rio Verde - Est. de Minas
- 457 Januarina - Estado de Minas Geraes
- 458 Angatuba - Estado de São Paulo
- 459 Rio Branco - Estado de Minas Geraes
- 460 São Francisco de Paulo - Rio Grande do Sul
- 461 Mecejana - Estado do Ceará
- 462 S. Gonçalo do Sapucahy - Est. de Minas
- 463 Eloy Mendes - Estado de Minas Geraes
- 464 Bragança - Estado de São Paulo
- 465 Jacutinga - Estado de Minas Geraes
- 466 São Sebastião do Cahy - R. G. do Sul
- 467 Pyrenopolis - Estado de Goyaz
- 468 Tupanceretan - Rio Grande do Sul
- 469 Itatiba - Estado de São Paulo
- 470 Pedrão - Município de Irará - Bahia
- 471 Nova Petropolis - Rio Grande do Sul
- 472 Guarapuava - Estado do Paraná
- 473 Itabuna - Estado da Bahia
- 474 Santo Amaro - Rio Grande do Sul
- 475 Blumenau - Estado de Santa Catharina
- 476 Montes Claros - Estado de Minas
- 477 S. Joaquim da Costa da Serra - Santa Catharina
- 478 São Roque - Estado de São Paulo
- 479 Ribeirão Bonito - Estado de S. Paulo
- 480 Coração de Maria - Estado da Bahia
- 481 Cravinhos - Estado de São Paulo
- 482 Sarapuhy - Estado de São Paulo
- 483 Colonia do Alto Jacuhy - R. G. do Sul
- 484 Paraguassú - Estado de Minas Geraes
- 485 São Sepé - Rio Grande do Sul
- 486 Maria da Fé - Estado de Minas Geraes
- 487 Município de Estrela - R. G. do Sul
- 488 Coité - Estado do Ceará
- 489 Soledade de Itajubá - Est. de Minas
- 490 Queluz - Estado de São Paulo
- 491 Barra Mansa - Est. do R. de Janeiro
- 492 Campestre - Estado de Minas
- 493 Districto de Santo s. Casemiro - Curityba - Paraná
- 494 Palhoças - Est. de Santa Catharina
- 495 Dores de Camaquam - R. Grande do Sul
- 486 Carmo do Rio Claro - Est. de Minas
- 497 Cajurú - Estado de São Paulo
- 498 Pedras Brancas - R. G. do Sul ( P. Alegre)
- 499 Cachoeira - Estado da Bahia

- 500 Ilhéos - Estado da Bahia
- 501 Villa Bella ( P. Alegre ) R. G. do Sul
- 502 S. Sebastião do Paraizo - Est. de Minas
- 503 Palmeira - Rio Grande do Sul
- 504 Sto. Antônio de Carangola - Est. do Rio
- 505 Bicas - Est. de Minas Geraes
- 506 Pomba - Estado de Minas Geraes
- 507 Guarany - Estado de Minas Geraes
- 508 Amargosa - Estado da Bahia
- 509 Guaraná - Estado de Minas
- 510 Araçoyaba - Estado do Ceará
- 511 Tijucas - Est. de Sta. Catharina
- 512 Barretos - Estado de São Paulo
- 513 Bom Sucesso - Estado de São Paulo
- 514 Pedra Branca - Estado de Minas
- 515 S. Jeronymo - Estado do Paraná
- 516 Paracatu - Estado de Minas Geraes
- 517 Arassuahy - Estado de Minas Geraes
- 518 Itaperuna - Estado do rio de Janeiro
- 519 Affonso Penna - Estado da Bahia
- 520 Capital Federal
- 521 Deodoro - Capital Federal
- 522 Urussunga - Est. de Santa Catharina
- 523 Botucatu - Estado de São Paulo
- 524 Pederneiras - Estado de São Paulo
- 525 Capital Federal - (Tiro Brasileiro de Imprensa)
- 526 Caçapava - Rio Grande do Sul
- 527 Conde - Estado da Bahia
- 528 Guanhões - Estado de Minas Geraes
- 529 Barro - Passo Fundo - R. Grande do Sul
- 530 Macahubas - Estado da Bahia
- 531 Santa Cruz - Estado de Goyaz
- 532 Orlandia - Estado de São Paulo
- 533 Villa Nova - P. Alegre - R. G. do Sul
- 534 Cambuquira - Estado de Minas Geraes
- 535 S. Bento de Sapucahy - São Paulo
- 536 Capital Federal
- 537 Bomsucesso - Minas Geraes
- 538 Villa do Rio José Pedro - Minas
- 539 Município de Pindamonhangaba - S. Paulo
- 540 Munhuaçussú - Minas Geraes
- 541 Cidade de Cabo Verde - Minas Geraes
- 542 Cidade de Piracicaba - S. Paulo
- 543 Cidade de Guaxupé - Minas Geraes
- 544 Capital Federal
- 545 S. José dos Campos - São Paulo

**1918**

- 546 Districto de Braz - São Paulo

- 547 Pirajú - São Paulo
- 548 Capital - São Paulo
- 549 Porto Feliz - São Paulo
- 550 Monte Alto - São Paulo
- 551 Valença - Est. do Rio
- 552 Iraty - Paraná
- 553 Santo Antônio de Padua Est. do Rio
- 554 Cidade de Dois Amigos - São Paulo
- 555 S. Gonçalo - E. do Rio
- 556 Tremembé - São Paulo
- 557 Limoeiro - São Paulo
- 558 monte Azul - São Paulo
- 559 Bariiry - São Paulo
- 560 Capão Bonito de Paranapanema - São Paulo
- 561 Piracaia - São Paulo
- 562 Santa Branca - São Paulo
- 563 Dores do Indayá - Minas Geraes
- 564 Belém - Pará
- 565 Rio das Pedras - São Paulo
- 566 Itapolis - São Paulo
- 567 Jaboticabal - São Paulo
- 568 Campos Novos de Paranapanema - São Paulo
- 569 São João de Currealinho - São Paulo
- 570 Muzambinho - Minas Geraes
- 571 Itapagipe - Bahia
- 572 Igarapava - São Paulo
- 573 Xiririca - São Paulo
- 574 Santa Rosa - São Paulo
- 575 Aquiraz - Ceará
- 576 Tombos do Carongola - Minas Geraes
- 577 Babuy - Minas Geraes
- 578 Mattão - São Paulo
- 579 Sertãozinho - São Paulo
- 580 Nazareth - Pernambuco
- 581 Soure - Pará
- 582 São Luiz - Missões - Rio Grande do Sul
- 583 Pedregulho - São Paulo
- 584 Oleo - São Paulo
- 585 Conceição do Cerro - Minas Geraes
- 586 Itararé - São Paulo
- 587 São Luiz de Pirahytinga - São Paulo
- 588 Thomaz de Aquino - Minas Geraes
- 589 Parados - Minas Geraes
- 590 Bebedouros - São Paulo
- 591 Torrinha - São Paulo
- 592 Bica da Pedra - São Paulo
- 593 Ayuruoca - Minas Geraes
- 594 Igarapé Assú - Pará
- 595 Belmonte - Bahia
- 596 Bragança - Pará

- 597 Paty - Rio de Janeiro
- 598 Docas de Santos - São Paulo
- 599 Cerqueira Cesar - São Paulo
- 600 Novo Horizonte - São Paulo
- 601 Tiete - São Paulo
- 602 Ituverava - São Paulo
- 603 Capivary - São Paulo
- 604 Socorro - São Paulo
- 605 Monte Santo - Minas Geraes
- 606 Acary - Rio Grande do Norte
- 607 Raiz da Serra - Estado do Rio
- 608 Porto Real - Minas Geraes
- 609 brotas - São Paulo
- 610 Araraquara - São Paulo
- 611 Villa Rezendo Costa - Minas Geraes
- 612 Caravellos - Bahia
- 613 Abbadia - Minas Geraes
- 614 Santa Rita de Cássia - Minas Geraes
- 615 São Paulo - Estado de São Paulo
- 616 Villa de Passa Tempo - Estado de Minas
- 617 Itinga - Minas Geraes
- 618 Serrano de Ayuruoca - Minas Geraes
- 619 Arcos - Minas Geraes
- 620 Palmeiras - São Paulo
- 621 Cangussú - Rio Grande do Sul
- 622 Bello Horizonte - Minas Geraes
- 623 Cuyabá - Mato Grosso
- 624 Braço do Norte - Santa Catharina
- 625 Valença - Bahia
- 626 Affonso Claudio - Espirito Santo
- 627 Monte-Mor - São Paulo
- 628 S. Salvador - Bahia
- 629 Abaeté - minas Geraes
- 630 Porto Bello - Santa Catharina
- 631 São Benedicto - Ceará
- 632 Jaguary - minas Geraes
- 633 Colonia do Jaguary - Rio Grande do Sul

### -Anexo 3

Neste anexo apresentamos algumas matérias do Jornal **Correio Serrano**, que foram usadas como documento primário nesta dissertação. As matérias são precedidas da abreviatura "CS" (**Correio Serrano**), do número da edição, da data e da página do exemplar em que foram publicadas.

CS 08, 28 janeiro 918, p.3.

" TIRO DE GUERRA 337. Chama a atenção dos senhores associados à instrução militar para que compareçam aos exercícios regularmente sob pena de eliminação. O diretor de tiro Alberto H. Abreu."

Obs.: repete nas sucessivas edições

CS 19, 08 mar 918, p.3

" EDITAL convocando associados do Tiro de Guerra 337 a atualizarem pagamento das mensalidades até 31 desse mês, conforme deliberação da assembléia do dia 4 último. Os que não regularizarem sua situação serão excluídos da sociedade e ficarão sujeitos a incorporação pelo Exército. A Assembléia fixou, também, o preço da jóia em 5\$000 e as mensalidades em 1\$000. Assina o secretário Arthur Calgan."

CS 76 23 setembro 918, p.2.

"DA SERRA. IJUÍ. Terça-feira, 14 do corrente mês, deverá chegar a esta vila, o Grupo Dramático 7 de Setembro, de cruz Alta, a fim de dar dois espetáculos, sendo o primeiro em benefício de sua caixa de socorros e dedicado ao 4º Regimento de Cavalaria e ao Tiro de Guerra 337, e o segundo em benefício das obras da Igreja Católica desta vila, e dedicado aos funcionários públicos, sócios do grupo aqui residentes, e a sociedade ijuiense."

CS 101, 20 dez 918 pp.1-2

" RELATÓRIO DO INTENDENTE MUNICIPAL apresentado ao Conselho Municipal na sessão de 16 de dezembro do corrente ano. (...) Serviço Militar". O Cel Dico saúda a instalação na vila do 4º Regimento de Cavalaria, cujo contingente é "na maioria mocidade

do nosso município", e constitui-se um "apreciável elemento de ordem e progresso."

"Nosso município concorreu com 111 sorteados, dos quais se apresentaram 91. Faltaram 20, que foram substituídos pôr outros designados no sorteio complementar. Dentre os que não se apresentaram quatro ou cinco fugiram para a República Argentina, procurando, assim, burlar a lei. TIRO DE GUERRA. Como sabeis, esta agremiação, fundada em março do ano passado, chegou a ter 426 sócios, estando agora o número destes reduzido a 60 ou 70, com tendência para maior diminuição. Ocasionalmente este fracasso dificuldades encontradas pela diretoria da associação. (...)."

CS35 07 setembro 1920 p.2

"IJUI. 7 DE SETEMBRO. Passou solenemente festiva em nossa vila, a data da independência nacional. O Tiro de Guerra local, auxiliado pelo grupo escolar, solenizaram-na com uma passeata pelas ruas e uma sessão cívica no Cine-Teatro onde se fizeram ouvir diversos oradores."

CS 14 5 abril 1921

"DA SERRA. IJUÍ. TIRO DE GUERRA 337. Procedente de Porto Alegre ácha-se nesta vila, onde veio assumir o cargo de instrutor do Tiro de Guerra local, o 1º sargento Archimedes Nunes. É pois de justiça que a nossa mocidade corrobore para a manutenção de tão útil corporação patriótica e para o engrandecimento da grande terra Brasileira (sic)."

CS 23 8 julho 1921 p.3

"IJUÍ (...) TIRO DE GUERRA Nº337. Em compensação ao bom andamento desta útil corporação patriótica, O Ministro da Guerra enviou armamento moderno e munição para que sejam os sócios do Tiro local um tanto melhor servidos ao aperfeiçoamento militar, Está o tiro de parabéns com o merecimento da confiança superior."

CS 27 6 julho 1921

"3ª REGIÃO MILITAR, 3ª DIVISÃO DO EXÉRCITO, INSPETORA REGIONAL DO TIRO DE GUERRA. Havendo sido modificados alguns pontos das diretrizes para exames dos candidatos a reservista, conforme se verifica do Boletim do Exército nº381 de 10 de maio em aviso nº310 de 3 do mesmo mês do corrente ano, afim de atender-se as

novas instruções, trouxe o fato, como consequência, ser transferida a época em que se deve realizar aqueles exames nas Sociedades de Tiro e Estabelecimentos de Ensino, para dezembro próximo. Se compreendermos que aquela medida trouxe prejuízo aos candidatos é também justo lembrarmos que bem não ficará aos nossos jovens patrícios saírem reservistas sem levarem os conhecimentos que os novos regulamentos fornecem a todos aqueles que inspirados no amor da pátria, vão às Sociedades de Tiro bebê-los, por isso que tão indispensáveis eles se tornam aos que bem querem servi-la com proficiência. Desnecessário, pois, julgamos será apelarmos para a patriótica Diretoria que tão dignamente presidis, no sentido de ser mantido sempre o entusiasmo revelado por essa sociedade, assaz compenetrado dos seus deveres cívicos, por isso que ela continuará a merecer estima e consideração desta Inspeção, indicando aos seus associados o caminho do dever para com a Pátria que é a mais bela trilha que se apresenta à Mocidade. Saúde e Fraternidade. M. Dario Boceira, capitão. Em virtude de ser transferido o exame para dezembro acha-se aberta a matrícula para a escola ao soldado até o fim do corrente mês..."

CS 03 18 janeiro 922 p. 3

"IJUÍ. TIRO 337. Conforme era esperado chegou segunda-feira da semana finda, a esta vila, a comissão de oficiais que viera examinar os candidatos a reservistas do Tiro 337. Em todas as provas saíram-se bem todos os candidatos não havendo nenhuma reprovação."

CS15 09 abril 924, p. 3

"O TIRO DE GUERRA 337, Na sede desta patriótica sociedade realizou-se a 31 de março findo, a posse de sua nova diretoria que assim se compõe: `Conselho deliberativo: Presidente: Álvaro de Carvalho Nicofé, Vice-Presidente: João Dico de Barros,, Secretário: Dácio Soares de Barros, Tesoureiro: Adolpho Emílio Tybusch, Conselho Fiscal: Guilherme Gerhardt Tybusch, Roberto Tönniges, João Wichroski. Suplentes: Maximiliano Steglich, Francelino P. de Oliveira, Alfredo Roeber; Instrução militar: É diretor o sargento Antônio Borba Santos. - O Sr. inspetor regional dos Tiros de Guerra em despacho determinou que os candidatos a reservistas das turmas que atualmente existem, façam exames ainda antes da incorporação."

CS 17 23 abril 924, p. 2

"Edital. `TIRO DE GUERRA 337 INSTRUÇÃO MILITAR. Não tendo sido satisfatório o número de sócios que ultimamente compareceram aos exercícios da escola de soldados, chamo a atenção dos mesmos, que d'ora avante empregarei meios regulamentares, a fim de normalizar a freqüência da escola acima citada, excluindo todo aquele que sem motivos justificados, faltar as instruções por mim determinadas. De acordo com o Sr. Presidente, estabeleci, que os exercícios serão ministrados duas vezes por semana, as segundas e sextas feiras das 15 às 17 horas. Ijuí, 22 de abril de 1924. Sargento Antônio Borba dos Santos, Instrutor."

CS51 17 dez 924 p. 2

"TIRO DE GUERRA 337 CONVOCAÇÃO Afim de se tratar do interesse relativo a instrução militar desta sociedade, determino que todos os alunos da escola de soldados compareçam na sede social, sábado, 20 do corrente às 15 horas, devidamente fardados. aos soldados que não cumprirem esta determinação, serão lhes aplicadas as respectivas penas regulamentares. Tiro de Guerra 337, em Ijuí, 13 de dezembro de 1924. João Dico de Barros, Vice Presidente em exercício."

CS 11 18 mar 925 p. 3.

"TIRO DE GUERRA 337. Os exames para reservista da 7ª turma do tiro local realizaram-se na quarta até sexta-feira da semana finda. uma turma bastante grande, 57 ao todo, já se conservavam aquartelados no quartel do Tiro 337, por mais de oito dias, ultimando os exercícios e aguardando o dia dos exames. Grande foi o entusiasmo que reinava entre estes jovens que, preparando-se para melhor serviços prestarem à Pátria, se conservaram acordados durante a maior parte da noite para com maior brilhantismo e máxima eficiência, se apresentarem a Comissão examinadora composta dos oficiais do 7º B. C. capitães Zopyro Ourique, Jeronymo T. Braga e 1º ten. Jurandyr Palma Cabral, Após exames práticos e teóricos na quarta e quinta a turma de atiradores fez na sexta uma marcha de 24 Km. Bem impressionada, a comissão examinadora concedeu na tarde do mesmo dia, após juramento à bandeira, certificado de reservista a todos os 57 concorrente ao exame. No sábado a turma ofereceu à comissão uma reunião, abrilhantada pela banda de música do 7º BC."

CS 15 15 abril 925 p.3

"TIRO DE GUERRA 337 recebemos a seguinte comunicação: Por ter de deixar a nossa vila o atual tesoureiro desta sociedade, assumiu interinamente este cargo o Sr. Ulrich Löw. Queremos chamar a

atenção dos sócios ativos que ainda estiverem em atraso com as suas contribuições, para saldá-las, caso contrário os seus certificados de reservista perderão sua validade. Também saibam os moços que ainda se acha aberta a inscrição de candidatos a reservista. A inscrição será encerrada impreterivelmente no dia 1º de maio, não sendo recebidos candidatos depois desta data. Moços aproveitem a ocasião e inscrevam-se!"

CS 19 13 maio 925 p.2

"PELOS TIROS DE GUERRA. Notícia o 'Correio do Povo' de 5 do corrente: 'O capitão instrutor regional dos Tiros de Guerra desta região, Tancredo Gomes Ribeiro, em vista de ser a incorporação dos sorteados feita até 18 do corrente, resolveu prolongar as matrículas dos candidatos a reservistas nas escolas das sociedades de Tiro, até essa data. Em vista disto oferece-se aos moços, que ainda não o fizeram, a oportunidade de matricular-se no Tiro local para tirar cadernetas de reservista."

CS26 01 julho 925 p. 3

"TIRO DE GUERRA 337. Acha-se nesta vila, onde vem prestar os seus serviços como instrutor do Tiro de Guerra 337, o sargento Martinho Gomes da Silveira júnior. A Instrução aos candidatos a reservistas deverá ser iniciada no próximo domingo, 5 do corrente."

CS 38 23 setembro 925 p.3

"TIRO DE GUERRA 337. Na sessão desta útil associação, efetuada na sexta-feira passada, foram eleitos para exercerem os cargos de secretário e tesoureiro, respectivamente, os senhores Henrique L. Schneider e Ulrich Löw.

- Seguiram quinta-feira da semana transacta, a Porto Alegre. para tomarem parte nos concursos de tiro das linhas de tiro, do Exército e da brigada, a se realizarem aí nos dias 20 e 21 do corrente os moços Max Steglich, Alberto Steglich Sobrinho e Edmundo Pochmann, representando o Tiro local, 337. Na sede desta mesma agremiação correm animados os exercícios da nova turma de candidatos a reservista, em número superior a 50, sob a competente direção do sargento Martinho Gomes da Silveira. Embora os exercícios durem de manhã até a tarde, duas vezes por semana, o que para a maioria significa sacrifícios, principalmente nesta época de plantação, reina franco entusiasmo entre estes jovens que se preparam para a defesa da pátria."

CS 46 18 novembro 925 p. 3

"TIRO DE GUERRA 337. Passou domingo último mais uma vez a magna data da República Brasileira. Para a Comemoração a turma de candidatos e reservistas, sob a competente direção de seu esforçado instrutor executou o seguinte programa: às 6 horas foi içado o pavilhão nacional na sede daquela sociedade, prestando-lhe a turma as devidas homenagens. Às 8 1/2 h houve parada, seguida de uma passeata pelas principais ruas desta vila, sendo executadas belas evoluções, que evidenciam o estado de adiantamento da turma de 1925..."

CS 03 22 janeiro 926

"NOTICIÁRIO EXAMES DO TIRO DE GUERRA 337. Os exames dos candidatos a reservistas do Tiro de Guerra 337 tiveram início domingo passado pela parte teórica, estendendo-se até quarta-feira, as provas de tiro, exercícios de maneabilidade e ordem unida, prestados perante a comissão examinadora composta pelos senhores capitão Ullysses Sá Brito, digno presidente, tenentes Júlio de Castilhos de Souza e Annibal Barbosa. Graças aos esforços que fizeram durante a época de exercícios, tão galhardamente secundados pelos conhecimentos do sargento instrutor Martinho Gomes de Silveira Jr., os candidatos deram provas brilhantes do seu aproveitamento, sendo 'in totum' aprovados. O solene ato do juramento à bandeira teve lugar, ontem pela manhã, achando-se presentes as altas autoridades. A comissão examinadora seguiu no mesmo dia para Carasinho. Baile. Os candidatos a Reservistas da 8ª Turma do Tiro de Guerra 337 promoveu um baile, sábado último, nos salões do Clube Ijuí, em homenagem a digna Comissão Examinadora. O festival patriótico dos reservistas, apesar do excessivo calor que reinava, esteve animado. A Orquestra do Cinema Serrano apresentou um esplendida coleção do seu vasto repertório. Gratos pelo convite."

CS 04 29 de janeiro 926 p.1.

"TIRO DE GUERRA 337. Conforme consta de anúncio em outra seção desta folha terão início no domingo, 14 de fevereiro, entrante, os exercícios de tiro e maneabilidade da 7ª turma de reservistas que, em virtude da situação difícil por que passou o Estado no ano em que prestaram exame, ainda estão sujeitos a esses exercícios."

CS 04 29 janeiro 926 p.1.

"SARGENTO MARTINHO. Nomeado para instrutor do Tiro 337, 8ª turma, chegou nesta localidade o Sargento Martinho Gomes da Silveira Júnior, distintíssimo cavalheiro, reconhecido instrutor aos reservistas, em junho do ano próximo passado. As dificuldades que se lhe opunham para instruir os seus subordinados eram desmedidas, havendo falta de tudo: armamento, munição, alvos, etc. etc. Mas com a perseverança, amor ao trabalho e cumpridor do dever como é, conseguiu o sargento elevar a turma a um grau nunca por nós esperado. As consecutivas marchas, os exercícios militares de ordem unida e de ordem aberta, os combates simulados, a ginástica, o ensino teórico, os exercícios de esgrima e tiro ao alvo seguiam-se incessantemente e damos direito, após todas essas considerações, aos reservistas dizer 'Somos reservistas porque sabemos que somos e graças a inteligência e energia do nosso prezado instrutor, o senhor sargento Martinho Gomes da Silveira Júnior'. Por ocasião dos exames e agradecendo ao sargento Martinho Gomes da Silveira Júnior os esforços que fez, reconhecendo o seu mérito como instrutor militar e patriota, a 8ª turma não se pode furtar de oferecer-lhe um valioso mimo, um relógio e corrente de ouro, como lembrança e nímio sinal de sua gratidão perene."

CS04 29 de janeiro 926, p. 4

"TIRO DE GUERRA 337 IJUÍ. Convoco os senhores reservistas da 7ª turma, 1924, que ainda não fez os exercícios de tiro a comparecerem, devidamente uniformizados, no domingo 14 de fevereiro entrante, às 8 horas da manhã, no quartel desta sociedade a fim de iniciarem os respectivos exercícios. Outrossim torno público que ficou deliberado a elevação das mensalidades de todos os sócios para 2\$000, para que esta sociedade possa desempenhar devidamente a sua elevada missão social. Ijuí, 26 de janeiro de 1926. Álvaro de carvalho Nicofé, Presidente."

CS 15 16 de abril de 926, p. 1.

"TIRO DE GUERRA 337. Encerrasse-a a 1º de maio próximo a matrícula dos candidatos na Escola de Reservistas do Tiro 337. nela poderão inscrever-se os moços com mais de 16 anos de idade, não havendo limite superior de idade, podendo freqüentá-la até mesmo os alistados. Chamamos, para isso a atenção de todos os moços para esta oportunidade de obterem a caderneta de reservista. Os exercícios da nova turma, que já conta com bom número de inscritos, começarão em breve."

CS 32 15 de agosto de 1926,

Dá notícia da passagem por Ijuí do Cap. Tancredo Gomes Ribeiro, Inspetor das Linhas de Tiro, que visitou o TG 337 indo depois inaugurar a Linha de Tiro de Neu Württemberg.

CS42 21 de outubro de 1927

"TIRO DE GUERRA 337" Diz que o novo instrutor, sargento José Rodrigues dos Santos, chegou à vila e retornará as instruções sem demora, às sextas e sábados, conforme tem sido até então.

CS7 13 de fevereiro de 1930

Crítica apresentada pela Comissão examinadora que aplicou exames práticos aos 74 reservistas que se formaram, publicando a seguinte crítica: "[...]CRÍTICA Transcrevemos abaixo o laudo lavrado pela comissão examinadora, com referência aos exames na respectiva ata. De acordo com a relação enviada pelo Senhor Capitão Inspetor Regional do Tiro de Guerra, entraram em exame setenta e quatro candidatos a reservista do Tiro 337. Antes de dar início aos exames a comissão viu a escrituração de tiro bem como o registro de instrução, que obedeceram as normas regulamentares e causaram boa impressão. Por elas constatou-se terem os candidatos satisfeito os três primeiros exercícios de tiro real, distância real, e realizado as marchas de treinamento gradual e progressivas. Na parte da instrução geral, Regulamento de Continência, etc., embora tivesse havido exames brilhantes, notou-se um certo acanhamento atribuído a dificuldade de expressão de alguns candidatos. A instrução física estava impressionante. A turma apresentou-se com uniforme adequado e executou uma lição completa de modo impecável. Na ordem unida a turma mostrou-se disciplinada, coesa correta e enérgica, trabalhando garbosamente e executando os movimentos dentro das descrições regulamentares. Nos exercícios de maneabilidade, a turma estava satisfatoriamente flexível, fazendo rapidamente os deslocamentos, mudanças de direção, avanços, etc. Observou-se porém, que os candidatos tinham a preocupação do alinhamento e da execução simultânea dos movimentos, preocupação esta que não deve subsistir em tais exercícios. O exercício de tiro escolhido para exame foi o de número sete. Para justificar a boa impressão desta prova, basta consignar-se que entre tantos candidatos, nenhum precisou de mais de uma série. O fuzil é, em geral, bem conhecido. Nos exercícios de combate a turma estava regular, demonstrando ter as noções essenciais, sobre o aproveitamento do terreno, sobre o papel da sentinela e sobre os deveres do patrulhador. Pelo resultado obtido e pelo inegável trabalho havido, a comissão julga de justiça salientar a ação profícua do

instrutor 1º Sargento Manoel Pereira da Silva, que além de ser um dedicado no cumprimento do seu árduo e nobre dever, mostrou-se hábil e competente instrutor, tornou-se, por isso, merecedor da consideração dos que puderam apreciar o êxito de seus esforços. Finalmente é com prazer que aqui consignamos a digníssima Diretoria do Tiro 337 a nossa admiração pelo carinho com que a prova documental de sua cultura cívica e do seu ardor patriótico."

CS 14 03 de abril de 1930

**"TIRO DE GUERRA 337 CADERNETAS DE RESERVISTAS A Diretoria desta patriótica sociedade acaba de receber as cadernetas de reservista** dos seguintes atiradores, as quais poderão ser procuradas com o tesoureiro, Sr. João Wichrowski, todos os dias úteis na Casa Dico, e aos domingos e dias feriados em sua residência a rua Bento Gonçalves, em frente ao moinho[...] [seguem nomes dos reservistas]"

O Sr. João Wichrowski, era funcionário de confiança do Cel. Antônio Soares de Barros, foi tesoureiro do Tiro de Guerra por muito tempo

CS42, 16 de outubro de 1930

**"TIRO DE GUERRA 337 - IJUHY - CONVOCAÇÃO DE ordem do Sr. Inspetor do Tiros de Guerra convoco todos os reservistas desta sociedade, a virem com a máxima urgência inscrever-se, aguardando a chamada. A inscrição deverá ser feita com o encarregado deste serviço Sr. Ulrich Löw, na Livraria Serrana. Ijuí, 11 de outubro de 1930. Firmino Lucchese, Presidente."**

CS42 16 de outubro de 1930.

**"OS TIROS DE GUERRA E O MOVIMENTO NACIONAL. O Sr. Presidente do Tiro de Guerra 337 desta Vila recebeu do Inspetor dos Tiros de Guerra deste Estado o seguinte telegrama: P. Alegre, 10- Assumi ontem a Inspetoria dos Tiros de Guerra por determinação de E. M. do Exército. Deveis informar a esta Inspetoria o número de reservistas que vosso Tiro poderá fornecer, ainda não incorporados as tropas. A relação nominal dos reservistas e alunos deve ser enviada urgente por telegrama. A instrução dos alunos deve continuar com o material existente. (a) Hélio P. Braga 1º Ten. Inspetor."**

CS 47 06 de novembro de 1930.

Matéria sobre a vitória da Revolução com direito a foto em que aparecem reservistas do Tiro de Guerra 337.

CS47 20 de novembro de 1930

"A FESTA DA VITÓRIA [...] A ALVORADA. Às 6:30 hs, com a presença do patriótico Tiro de Guerra 337, comissão de festejos, imprensa e povo, em grande mastro adrede preparado na Praça da república foi hasteado o auri-verde Pavilhão, sendo salvado com 21 tiros de morteiro. Também achaca-se presente a banda musical 'Lyra Ijuhyense' que executou diversas marcas de seu repertório. O patriótico Tiro de Guerra 337, cantou o hino nacional, que veio despertar muito entusiasmo entre os presentes, tendo depois se recolhido ao quartel, dispersando-se o povo.[...] MISSA CAMPAL Com o templo completamente cheio, achando-se presentes a Comissão de festejos, imprensa, Trio de Guerra 337, Colégios Elementar e Ijuicense representações de associações, Exmas famílias e povo, foi, por Monsenhor Armando Teixeira, nosso estimado pároco, iniciada a cerimônia do santo ofício da missa. [...] FORMATURAS. Incorporados e em formatura, seguiram o Tiro 337, Colégio Elementar e Ijuicense ao largo fronteiro a Intendência Municipal, onde perante povo, autoridades municipais, estaduais e federais, foram cantados o Hino Nacional, Rio Grandense, João Pessoa, canções patrióticas, etc. Depois de uma pequena passeata pela rua do comércio, recolheram-se as suas sedes e o Tiro ao seu Quartel [...]. PASSEATA CÍVICA uma verdadeira multidão de povo tomou parte nessa grandiosa parte do programa, achando-se assim organizado: Tiro de Guerra 337 puxado por sua banda de tambores, precedido do Pavilhão nacional com a competente guarda de honra e sob o comando do ten. Marins Gomes [etc.]. [...] ARREAMENTO DO PAVILHÃO As 18 horas, perante o Tiro de Guerra, em continência ao povo, teve lugar o arreamento do Pavilhão Nacional na Praça da República, tendo nessa ocasião o Tiro vocalizado o Hino Nacional, patrioticamente ouvido por todos os presentes. [...]"

CS51 11 de dezembro de 1930

"Tiros de Guerra O Inspetor Regional dos Tiros de Guerra neste Estado, determinou a todas as corporações, que reiniciem a instrução regulamentar dos candidatos a reservistas. Tendo sido recolhido antes do início da revolução todo o armamento confiado aos Tiros, a instrução provisoriamente será sem armas. O Tiro n.º 337, apesar de achar-se sem o seu instrutor, sargento Manoel Pereira da Silva, que marchou para o front e hoje acha-se comissionado em 2º Tenente, tem com toda regularidade feito sua instrução sob o comando de dois reservistas que patrioticamente se tem prestado, e são os Srs. João Leite e Alberto Hickenbick".

CS11 19 de março de 1931

"A AÇÃO DOS TIROS DE GUERRA" Diz que a instrução começa em maio e ainda: "uma estatística recentemente publicada informa que em 1929 foram preparados nos Tiros de Guerra e escolas de instrução militar para mais de 30 mil reservistas, tendo recebido na caserna as suas cadernetas de reservistas um número de conscritos pouco maior. Vê-se, pois, que de todos os novos reservistas de nosso país, quase a metade obtiveram sua instrução nos patrióticos grêmios cívico militares, voluntariamente e sem sensíveis despesas para os cofres da Nação. Observando-se bem a razão de ser dos Tiros de Guerra, verifica-se que por seu intermédio, as reservas do nosso Exército estão sendo acrescidas anualmente quase do dobro de reservistas que a lei marca. oque vale isto para o Exército é evidente. De outro lado, porém, também demonstra os sentimentos de civismo dos nossos jovens patrícios que acorrem aos centros de instrução militar para se adestrarem no manejo das armas. Acresce que os Tiros de Guerra facilitam aos jovens a cumprir o seu dever de cidadãos mesmo antes de serem conscritos, evitando assim que ao serem chamados tenham que abandonar as industrias que por ventura já tenham estabelecido. Quanto aos encargos financeiros que a freqüência de uma linha de tiro acarreta aos candidatos a reservista, são pequenos por quanto se resumem na compra do uniforme, além da jóia de entrada que não deverá exceder de 20\$000 e de uma mensalidade nunca superior a 5\$000."

CS14 09 de abril de 1931

"O TIRO DE GUERRA 337. Todos conhecem de sobejo as vantagens que o Tiro de Guerra oferece a mocidade brasileira, prodigalizando-lhe um preparo militar eficiente, sem ser necessário, aos jovens atiradores, afastarem-se de seus lares. Com despesas relativamente exíguas de tempo e de dinheiro, pode um jovem candidato conquistar a sua caderneta de reservista, sem prejuízo para seus afazeres particulares, por isso que a instrução é ministrada, quase sempre, a noite e o pagamento da mensalidade de 5\$ está ao alcance de qualquer um. A Nação também tem seu lucro com o T.G., pois esta patriótica entidade apresenta, todos os anos, crescido número de reservistas, sem carecer do auxílio material do Governo - oque redundará numa dupla utilidade - a mocidade e a Pátria. Isso tudo, porém, não impede que algumas pessoas que se julgam entendidas, lhe façam guerra aberta, como se quisessem ver fechadas para sempre as portas de uma instituição que com tanto patriotismo e abnegação de seus dirigentes, coopera, não só para o bem estar da mocidade como também para a economia nacional. Houve até quem disse que o T.G.

ia ser abolido, o que não deixa de ter conseqüências desagradáveis. Por isso concito, por meio deste, a mocidade ijuiense a voltar seus olhos para estas vantagens que esta sociedade oferece, em detrimento desses boatos que não são mais do que inescrupulosas expansões lingüísticas de gente pouco conhecedora do assunto. Felizmente - sem ser necessário falar nos dirigentes da Nação - contamos com o apoio prestimoso e patriótico das autoridades locais, dos homens de bom senso e de quase toda a população desta vila, o que é prova da exuberante utilidade da citada Sociedade. A demais a própria municipalidade tem suas vantagens, visto como os jovens que estiveram no T.G., no geral agricultores, não se afastarão de suas colônias cujas produções, por este lado, nada sofrerão. Quanto a parte relativa a instrução militar e sua eficiência neste C.I.M, julgo desnecessário frisar e deixo a mercê dos julgadores imparciais, acrescentando, porém, que não houve uma só reprovação nos exames depois que assumi as funções de instrutor aqui e no Cadeado, contando já com 142 reservistas por mim instruídos no espaço de dois anos. Atualmente acha-se aberta a matrícula para o corrente ano, devendo encerrar em 1º de maio p.v. Já é regular o número dos novos matriculados, o que me leva a crer que terei uma numerosa turma a instruir neste ano. Assim irá o T.G. dilatando, pouco a pouco mais incoercivelmente o campo da reserva militar brasileira, embora marchando através da neblina crassa e virulenta das invencionices desairosas. O INSTRUTOR DO TIRO DE GUERRA 337."

CS96 01 de dezembro de 1934

"SERVIÇO MILITAR. Aos reservistas de 2ª categoria. O delegado da Junta de Alistamento Militar, convida a comparecer a esta junta de alistamento ou ao Presidente do Tiro de Guerra 337, os reservistas constantes da lista abaixo mencionada. O convite acima é para os reservistas que ainda não cumpriram o que preceitua as letras 'B' e 'C' do artigo 16 e letra 'B' do artigo 18 tudo do R.S.M. Os que deixarem de cumprir o que determina os artigos acima, serão punidos na forma do parágrafo 2º do artigo 24 do referido regulamento (uma nova incorporação no Exército). Segue relação com 108 nomes, entre eles o de Afonso Muxfeldt

CS 09 de maio de 1936

"SERÃO EXTINTOS OS TIROS DE GUERRA. Serão extintos os Tiros de Guerra nos lugares onde existem guarnições federais, continuando, porém, a existir nos lugares onde não houver tropas do Exército."

CS 15 de agosto de 1936

"NÃO SERÃO FECHADOS OS TIROS DE GUERRA a 'Gazeta', no Rio, diz informada de que é a crença geral nas rodas autorizadas do Exército que seria determinada a suspensão do funcionamento dos Tiros de Guerra, que seriam substituídos pelas unidades de quadro, nas quais a instrução militar deveria obedecer a orientação um tanto diversa dos Tiros. Estudando-se a, porém, cuidadosamente o assunto, o Ministério da Guerra resolveu não interromper a instrução dos Tiros de Guerra, sendo também criadas unidades de quadros. Entretanto, o período de instrução aos Tiros de Guerra terá forma mais branda do que as unidades de quadro, prolongando-se por mais tempo, isto é, 9 meses, enquanto que as unidades de quadro terão instrução de 6 meses intensos."

CS67 21 de agosto de 1937

" O DIA DA PÁTRIA" A 3ª Região Militar distribuiu programa a ser cumprido dia 7 de setembro, constando de hasteamento da bandeira, passeata e competições atléticas, das quais participarão os Tiros de Guerra n.º 25, 337 e 386, Colégios, Associações e reservistas são convidados a tomarem parte do desfile.

CS71 11 de setembro de 1937

"OS BRASILEIROS DE SANGUE ALEMÃO E O TIMES DE LONDRES. A Federação 25 de Julho, organização de brasileiros de sangue alemão para o Brasil, e sem cores políticas ou religiosas, como vastas vezes tem sido divulgado através de seus manifestos, vem ao público para protestar energicamente, interpretando o pensamento de cerca de dois milhões de brasileiros de ascendência germânica, contra as malévolas insinuações veiculadas pelo diário londrino 'Times' e aqui divulgadas inicialmente pela agência de informações jornalísticas francesa 'Hava' segundo as quais 'a grande maioria dos brasileiros descendentes de alemães sente que é a Alemanha e não ao Brasil que deve fidelidade! A afirmação atribuída ao jornal inglês pela conhecida agência francesa é de uma grosseria evidente. Os brasileiros de sangue alemão não formam, nem jamais pretenderam formar uma minoria étnica dentro do Brasil. São rigorosamente brasileiros pelo nascimento e pelo coração. Jamais fugiram aos seus deveres para com o Brasil e jamais foram apontados conspirando contra a Pátria ou suspeitos de professarem ideologias exóticas. É público e notório que os comunistas tem ultimamente tentado usar o nome dos brasileiros de sangue alemão para as suas intrigas contra o Governo anti-comunista do 3º Reich. A Federação 25 de julho interpretando o espírito de

revolta que estas manifestações vermelhas tem despertado em meio a coletividade nacional de origem germânica, aproveita o ensejo para dizer em alto som que os brasileiros de ascendência teuta não admitirão por mais um dia sequer a veiculação desta s intrigas inconfessáveis do Komintern, que outra coisa querem senão a desagregação da Família Brasileira, através dos dissídios étnicos que visam criar dentro do país brasileiros de várias espécies. Os brasileiros de sangue teuto devolvem o insulto que não os atingirá jamais, porque estão dispostos a reagir contra essa miserável intriga anti-brasileira que tem por fim exclusivo semear a discórdia no seio da Família Nacional. A trama que ora se faz contra os brasileiros de origem alemã, é um golpe contra o Brasil e como tal será rebatido a altura estamos seguros, por todos brasileiros dignos deste nome. Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1937. Federação 25 de Julho."

CS46 10 de junho de 1939

"GRÊMIO DOS RESERVISTAS DO EXÉRCITO EM IJUÍ"

A assembléia de fundação do grêmio aprovou os estatutos e elegeu a seguinte diretoria: Presidente, Dr. João Barcelos de Souza; Vice, Álvaro de Carvalho Nicofé; 1º Secretário, Cleto Ribeiro, 2º Secretário, Elivol Bürher; 1º Tesoureiro Henrique Gresler; 2º Tesoureiro, Amauri Ilgenfritz; Bibliotecário, Luiz Lucchese; Conselho Fiscal, Dr. Amadeu Ferreira Weinmann, Ten. Aparício de Quadros, Ten. Venâncio Ayres da Silva, Dr. José Urbano Pereira e Belarmino Paixão Coelho. A entidade conta com 70 sócios.

CS50 24 de junho de 1939

Ao avisar que começariam os trabalhos da Junta de alistamento de Ijuí o Delegado local da junta publica a título de esclarecimento o artigo 50 do Regulamento do Serviço Militar, que termina mostrando explicitamente o que aqui defendemos:" (...) Estrangeiros, maiores de 30 anos de idade, não podem, embora naturalizados, se alistarem voluntariamente, pois que a estes lhes é extensivo o aviso Ministerial n.º 8 de 16.04.1938, ou seja, se tornarem reservistas de 2ª categoria nos Tiros de Guerra. "

CS58 22 de julho de 1939

"O COLONO E A CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO. Por Aristeu Pereira. Acertada deveras foi a iniciativa do nosso benemérito Governo, que num dos atos mais felizes da administração brasileira instituiu o 'Dia do Colono'. Acertada por que é mistér que se

diga - essa iniciativa não representa uma simples homenagem aos homens do labor agrícola; representa, também, a gratidão do Brasil a esses abnegados anônimos que, com o suor sagrado vertido na labuta nobre, vivem a regar a terra dadivosa, donde arrancam os mais preciosos produtos, necessários a nossa subsistência e que tanto enriquecem a nossa economia; é o agradecimento dos poderes públicos, aos braços que sempre, ao cair da tarde, estão exaustos da luta benfazeja, dessa luta rústica, porém grandiosa e abençoada em que esses gigantes do trabalho, fazem da lavoura brasileira, verdadeiras jazidas de ouro. Gente boa, sincera, despida de preconceitos, honrada e trabalhadora, os colonos, desde criança, desde o veldor (sic) dos anos, vivem, embora lutando com as agruras da sorte e com as intempéries, a recrear-se neste parque sublime que se chama lavoura. Aqui, na Serra, nesta maravilhosa região em que vivemos, os colonos, invadindo as matas com roçados imensos e enfeitando as canhadas com as mais variadas plantações, construíram o celeiro do Rio Grande, o que serve de honra para nós, de engrandecimento para o nosso Estado e orgulho para a nossa Pátria. Numa percentagem elevada de estrangeiros e, na sua maioria, descendentes de outras nacionalidades, esses heróis do trabalho, posto que anonimamente, confundem-se conosco no mesmo anseio de progresso, de civilização e de patriotismo. Eis, porque, nesta campanha meritória de sã brasilidade, eu condeno os excessos que tem servido para escorraçar do solo Pátrio, bons amigos do Brasil. Aplaudo e estou, como brasileiro que me preso ser, de pleno acordo com o patriótico e benemérito Governo de meu País, que estabeleceu essa campanha saneadora de nacionalização; e isto porque sou dos que pensam que, em um regime governamental como o nosso - que não permite nem sequer partidos políticos brasileiros - e num país como este - que esteve, está e estará sempre de braços abertos para receber os filhos de outras nações e raças -, não se deve permitir que idealismos exóticos, que políticas de, outras terras venham perturbar a marcha serena, humana e cristã deste querido e invejado Brasil. Mas, graças a Deus, os colonos, com raríssimas exceções, não se tem deixado levar pelos perturbadores da ordem em torrão alheio: tem, sim, cuidado de seu trabalho, fazendo engrandecida a terra em que vivem, em cujo solo construíram o berço de seus filhos e em cujo seio hão de dormir para a eternidade. Ouvi, com o coração a vibrar de entusiasmo, o patriótico discurso do Dr. Arthur Oscar Germany, Juiz de Direito desta Comarca, proferido recentemente, na assembléia de fundação do Grêmio de Reservistas de Ijuí. Nessa oração que eu considero um catecismo de brasilidade, o Dr. Germany, abordando a atual campanha de nacionalização, referiu-se de modo brilhante, de maneira clara e sincera, aos brasileiros descendentes de outras nações que, por questões especiais, ainda não sabem falar a nossa língua. E como esses patrícios, na sua maioria, vivem nas colônias, achei de real valor trazer para aqui, um trecho deste

discurso, cujas palavras encerram profundos ensinamentos e que, por sua natureza, servem para orientar aqueles que estão empenhados nessa campanha nobre e patriótica. Eis, a seguir, o que disse, a respeito, o Dr. Germany: Se ainda existe neste município, como em outros, inumeros brasileiros que ainda não sabem que o Brasil é um país independente e não um pedaço da pátria de seus antepassados estrangeiros, convenhamos a culpa não é tanto deles como nossa, dos nossos Governos anteriores, que largavam nos invios sertões levas de imigrantes, abandonando-os a sua própria sorte. Nunca se deu, a não ser agora, qualquer importância a esse problema. É preciso, pois, ensinar o Brasil a estes irmãos, incutir neles o espírito de nossa pátria, a sua história e tradição, o valor de seus nomes, as lutas que tiveram para manter, dilatar, povoar, organizar e defender a terra dadivosa. Tudo isso se fará, porém, sem violências, sem reprimendas agressivas e injuriosas, mas, pela persuasão (sic), com paciência, energia, tenacidade entusiasmo. Devemos infundir-lhes o amor a nossa terra, as nossas coisas, aos nossos heróis, não o ódio as outras pátrias, a pátria de seus antepassados, a fobia pelo estrangeiro, dest'arte, não faríamos obra duradoura, criariamos, pelo contrário, um espírito de prevenção e, quiçá, de revolta. Tenhamos em conta o sábio ensinamento que se contém na frase lapidar do nosso grande presidente, Dr. Getúlio Vargas:: 'só o amor constrói para a eternidade'. Nesta questão, mais do que em nenhuma outra, é com força dos nossos nobres sentimentos que devemos de lutar para vencer. Seria erro crasso de nossa parte, tratar a nacionalização como uma questão policial. Isso não quer dizer, porém, que devemos tolerar que aqui formem núcleos de propaganda estrangeira com fins agressivos, que se organizem corporações partidárias estrangeiras com finalidades ocultas contrárias ao interesse nacional, que o estrangeiro não cumpra com os seus deveres com a terra hospitaleira. Devemos denunciar e reprimir todos os abusos! Assim, pois, colono amigo, voltai as costas as injunções malsinadas e nefandas, aprendei a língua da terra em que viveis, e continuai nessa trilha sublime de engrandecimento, e o Brasil vos saberá ser agradecido, e deus, que dos altos céus contempla o vosso trabalho honrado, há de pairar sobre o vosso lar e sobre a vossa vida, a sua divina proteção."

CS68 26 de agosto de 1939

RETRATO DO MARECHAL FLORIANO PEIXOTO. Seguramente as 8 horas de ontem, 'Dia do Soldado', chegava ao quartel do Tiro de Guerra 337, uma comissão composta de representantes da 'Liga de Defesa Nacional', 'Grêmio dos Reservistas de Ijuí' e da imprensa,

portadores do retrato do Marechal Floriano Peixoto, a fim de ser entregue aquela entidade civico-militar. Recebido pela Diretoria do T.G. 337, pelos Srs. Ten. Benício Cardoso, D. Delegado da J. A. M., Sargento Instrutor e alunos soldados do Tiro de Guerra, após hasteamento da Bandeira Nacional no frontispício do quartel e vocalização do Hino Nacional, foi a comissão convidada a entrar no edifício, dirigindo-se ao vasto salão das aulas, onde se realizaria a cerimônia. Usando a palavra o nosso companheiro de trabalhos Luiz Gutterres, em um expressivo discurso, oferecendo o retrato, em nome do 'Correio Serrano' do venerado e heróico marechal Floriano Peixoto, o consolidador da República, ao valoroso Tiro de Guerra 337, entrando em diversas considerações, concitava aos novos soldados do glorioso Exército Nacional, seguirem os exemplos legados por esse grande militar a mocidade patricia, aos filhos de nossa estremecida Pátria. Seguiu-se com a palavra o Dr. Amadeu F. Weinmann, que produzindo entusiástica oração, dedicada aos novos soldados, incitava-os aos deveres de todo o bom brasileiro, não só como cidadão, como também na nobre classe que agora ingressaram. Suas palavras foram um verdadeiro hino de louvores, a nobre e patriótica classe dos defensores da Pátria. Terminou sua apreciada alocução, agradecendo, em nome do Tiro de Guerra 337, a valiosa oferta feita pelo Correio Serrano, que irá honrar sua sede e servir da nobre iniciativa os soldados presentes e futuros, que ali receberem a instrução de poderem bradar - tudo pela Pátria! Suas últimas palavras receberam fortes aplausos e cumprimentos dos presentes. Também foram distribuídos entre os jovens soldados e todos os presentes, avulsos, contendo a patriótica estrofe 'O Dia do Soldado', publicado em nossa última edição."

CS69 30 de agosto de 1939

"EMPOLGANTE FESTA CÍVICA REALIZOU O T.G. 337 COMEMORANDO O DIA DO SOLDADO"

Relato exaustivo das comemorações: Passeata militar, pela manhã, da qual participaram a turma do TG 337 e o "Batalhão Escolar" do Instituto Comercial, dirigido pelo sargento instrutor Antônio de O. Neiva. Após seção cívica no salão da sede do T. G. 337, com o presidente de honra do T.G. 337, Álvaro Nicofé; dr. Arthur Dias Germany, juiz de direito; Júlio Cezar Ilgenfritz, prefeito interino; dr. Amadeu F. Weinmann, da Liga de Defesa Nacional; Cleto Ribeiro, do Grêmio dos Reservistas; dr. Henrique de Araújo, promotor público; dr. Paulo Tavares da Costa, juiz municipal; dr. Aristeu Pereira, advogado do forum; Ten. Benício Oliveira Cardoso, delegado da J.A.M.; Francelino Dornelles, diretor do G. E. Visconde de Mauá e Luiz Guterres, pela imprensa. A Banda Carlos Gomes executou o Hino Nacional enquanto era inaugurado o retrato do Presidentes Getúlio Vargas. A seguir. Aristeu Pereira discursou sobre a trajetória política do

Presidente Vergas, como realizador da Revolução de 30 e do Estado Novo. O descerramento do retrato de Duque e Caxias foi seguida de fala por parte de Henrique Fonseca de Araújo a qual o Correio Serrano reproduz na íntegra. Também inaugurado o retrato de Floriano Peixoto, seguido de fala do prof. Francelino Dornelles, também reproduzida nesta edição. Encerrada a solenidade, aconteceu um churrasco, durante o qual Ulrich Löw apresentou suas despedidas, visto estar em vias de entregar o cargo da diretoria do TG 337. E dia que o TG 337 já formou 20 turmas, totalizando 600 soldados. " Mas isso é o de menos. muito maior é o número de conscritos que anualmente acorrem de Ijuí ao serviço de nossa bandeira. Disse acorrem, e posso confirmar a minha asserção com o testemunho dos fatos, pois que dentre 150 a 200 soldados que Ijuí fornece anualmente ao Exército, a maioria se constitui de voluntários. Não é pois, porque foram chamados, porque se viram obrigados que a maioria dos reservistas de 1ª e 2ª linha que Ijuí forneceu prestaram o serviço militar. É porque sentiam dentro de si este imperativo, é porque estavam compenetrados deste dever cívico para com a Pátria, que procuram cumprir este mais sagrado dever de cidadão cômico de sua responsabilidade. quer-se uma prova mais eloqüente, um testemunho mais sincero do patriotismo e da brasilidade de nosso Município e de sua população e portanto sua integração no Estado Novo?'

O dr. Augusto Marques Guimarães, advogado de Palmeira, disse ter sido uma agradável surpresa perceber o grande civismo da população desta "zona de colonização alienígena". Exaltou a obra do Estado Novo e do Exército na vida da Nação, sendo hoje " título e honra, o ser soldado do nosso glorioso Exército, graças a obra de Getúlio Vergas que libertou as forças armadas das injunções da política Partidária. Hoje, Felizmente extinta pela implantação do Estado Novo."

CS73 13 de agosto de 1939

"JUNTA DE ALISTAMENTO MILITAR. Honra nossas colunas a fotografia do incansável e benemérito oficial do nosso glorioso Exército Nacional, Tenente Benício de Limeira Cardoso, D.D. Delegado da 6ª Circunscrição de Alistamento Militar, neste município. No curto espaço de tempo que aqui se encontra, esse distinto oficial tem se imposto a consideração de nossos co-municipes, não só no desempenho de sua nobre missão de militar, como também de cidadão, sendo hoje, um dos maiores propulsores do desenvolvimento e progresso de nosso meio social, quer civil, quer militar. Entre os muitos fatos que poderíamos citar, apenas nos limitamos ao grande desenvolvimento que este ano deu ao alistamento de conscritos e futuros reservistas de nosso glorioso Exército, aptos a defesa de nossa Pátria. Essa respeitável cifra alcançou o número de 849, quantidade essa

nunca aqui conseguida. Além de que, 84 alistados de 3ª categoria, no grande 'Dia da Pátria' prestaram o solene Juramento a Bandeira, sendo o total dessa categoria de 1005 cidadãos. Independente desse patriótico e valioso serviço prestado por S. S. temos a criação do Grêmio de Reservistas de Ijuí', patriótica agremiação que conta com uma falange de filhos desta terra, prontos a defender nossa Pátria, assim tornando-se necessário, sendo ele um de seus fundadores. O Ten. Benício, ainda sempre pronto a prestar seus inestimáveis serviços a benefício da coletividade. Cumprimos o grato dever de homenageá-lo por esta folha, como um preito de amizade e muita admiração a S. S."

CS91 15 de novembro de 1939.

" 'UM RIO IMITA O RENO' E A CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO Longe de Ijuí, apenas pela irremovível distância que nos separa, sinto-me ainda a ele preso pelas amizades que deixei, saudoso dos momentos de intensa brasilidade em que irmanados vivemos, no mesmo desejo de paz e progresso para a nossa Pátria. Aproveito, agora, as hospitaleiras colunas do 'Correio Serrano' para reatar o contato perdido, na ânsia de um passado que quer continuar presente. Se a distância castiga o coração, permite também uma melhor visão do conjunto, uma apreciação mais serena e mais completa das coisas e dos fatos. Lendo, agora, essa 'cartilha de patriotismo' que é a obra de Viana Moog - Um Rio Imita o Reno -, volta ao meu espírito o problema da nacionalização. Imensa razão tinha o Sr. Coelho de Souza quando, há poucos dias, em carta dirigida a este escritor, dizia que iria adquirir algumas centenas de exemplares, para disseminá-los pelos colégios públicos. É impossível em poucas linhas tentar sequer uma apreciação sobre este livro, mas a simples afirmativa do ilustre Secretário da Educação do nosso Estado, diz tudo sobre o merecimento da obra. Num enredo suave e atraente, pinta Viana Moog o quadro de uma sociedade colonial, onde se encontra muito do nosso Ijuí, de até bem pouco tempo. Sinto e vejo, então, na brusca mudança do Regime Novo no País e a fundação do Núcleo da Liga de Defesa Nacional. Estes dois fatores não poderão ser cindidos na apreciação dos fatos. O Núcleo da Liga, aliás, soube aproveitar, justamente, o clima propício ao desenvolvimento de seu programa, pela extinção do regionalismo desagregador, graças as Instituições implantadas em novembro de 1937 e que permitiram aos brasileiros olhar para os verdadeiros problemas nacionais, esquecidos das rivalidades políticas que os dividiam. Ainda a 7 de Setembro último, tive oportunidade de acentuar a mudança operada no ambiente ijuiense após a fundação da Liga de Defesa Nacional, e isso apenas no decurso de uma ano. Desde o aspecto festivo que apresenta a cidade, nos feriados nacionais, pelo embandeiramento dos prédios, as magníficas

comemorações patrióticas com que, desde 7 de setembro de 1938, foram assinaladas as festas nacionais. A sua ação se fez sentir em todos os recantos do município, prestigiando ao mesmo tempo, todas as classes propulsoras do progresso da comuna. E alguns sorrisos céticos que se viam no início da campanha, se tiveram que desaparecer, diante dos magníficos frutos colhidos e dos prestígio crescente do Núcleo da Liga de Defesa Nacional. Toda a campanha nacionalizadora foi sempre orientada num sentido construtor, sem agressividades estéreis ou contraproducentes. Todos quantos serviram sob sua bandeira só podem se regozijar nesta hora, quando vemos expresso, nas palavras que Viana Moog colocou na boca de um dos personagens de sua obra, o verdadeiro lema que a Liga orientou invariavelmente a sua campanha. `Se estou aqui, tenho de me interessar pelo destino das coisas a que se acha ligado o meu próprio destino. Não é dinheiro o que importa. É pensar na terra, nos seus problemas, nas suas necessidades. Retribuir a hospitalidade com o pensamento, com o coração. Assim se exprimia o Dr. Sthal, o médico estrangeiro da sociedade colonial, ambiente onde se desenrola o livro `Um Rio Imita o Reno'. Foi esse o princípio sempre proclamado pela Liga. Queremos que o elemento estrangeiro viva, não só no Brasil, ma pelo Brasil. Queremos senti-los incorporados a comunhão nacional, partilhando das nossas alegrias e das nossas tristezas, das nossas festas e das nossas lutas, fazendo com que os seus filhos, aqui nascidos, criem-se presos a terra que lhes serviu de berço e não a pátria que nem sequer conhecem. No setor da nacionalização foi esse o lema que serviu de guia ao pujante Núcleo da liga de Defesa Nacional. Convencer pela persuasão, pelo apostolado da educação e do sentimento. mas, onde, sem dúvida, o Núcleo foi encontrar a força de sua irradiação, foi na acertada escolha de seus dirigentes. As suas diretorias foram compostas dos elementos mais representativos da sociedade ijuicense, quer pelo seu passado, quer pela sua atuação no seio da mesma sociedade. A frente de sua 1ª Diretoria foi elevada uma das expressões morais e culturais mais elevadas de Ijuí, uma figura verdadeiramente modelar de cidadão e patriota - O Dr. Ferreira Weinmann. Para sucedê-lo, foram encontrar em João Barcelos de Souza outra figura moça, mas que já não é mais uma esperança, mas uma vigorosa afirmação de virtudes cívicas e morais. Ainda vibram nos meus ouvidos, e por certo no de todos que ouviram, a oração por este proferida, na sessão solene de 7 de Setembro último, numa energia e incisiva definição de princípios, um verdadeiro hino de espiritualismo cristão, moral e patriótico, nessa quadra aviltada pelos egoísmos que levam a guerra; pela sedução do ouro que leva a corrupção,. Hoje, toda instituição para que possa alcançar os seus fins é necessário que aqueles que estão a sua frente, e que têm por missão difundir os seus princípios, inspirem, pelo seu passado e pela sua conduta, integral confiança aos que os escutem. Do descrédito a palavra dos políticos, nasceu o desprestígio e a

derrocada da República Velha. Os seus dirigentes podiam e podem dizer: façam o que dizemos, por que é justamente o que praticamos. Aí residiu, em grande parte, o triunfo da Liga de Defesa Nacional de Ijuí. e que há de torná-lo cada vez mais forte e pujante, para que sua chama de patriotismo e de brasilidade se torne labareda que a todos envolva, para grandeza e felicidade do Brasil. Cachoeira, 30 de outubro de 1939. HENRIQUE FONSECA DE ARAÚJO."

CS91 15 de Novembro de 1939

"O EMPREGO DA LÍNGUA NACIONAL, Cap. Aurélio Py, chefe de polícia, baixou instruções que deverão ser cumpridas referentes as línguas estrangeiras empregadas nos cultos religiosos. De acordo com o disposto no decreto-lei nº1555, sem prejuízo do exercício público do livre culto, as prédicas religiosa deverão ser feitas em língua nacional. Após realizada a prédica em vernáculo, os ministros de culto repetirão na mesma língua das pessoas presentes à cerimônia religiosa, se o número de delas for bastante elevado ou julgarem oportuno. A permissão referida, contida no referido decreto-lei, somente prevalecerá nas sedes distritais, vilas ou núcleos coloniais afastados onde existem fieis estrangeiros que ainda não saibam o português.(...)"

CS1 03 de janeiro de 1940

"UM ESTRIBILHO ANTIGO" (...) " A EDUCAÇÃO está sendo encarada como pedra angular em que se assenta a defesa nacional. Houve quem acoimasse de exageradas as medidas que se puseram em prática com a nacionalização do ensino. Houve, também, quem afirmasse ser contraproducente a campanha de nacionalização que se está procedendo nos núcleos de estrangeiros do sul. Mas as notícias que a toda hora nos chegam, principalmente do Estado de Santa Catarina, são de molde a alarmar os espíritos menos vigilantes. Um vespertino desta capital, em brilhante reportagem, vem documentando fatos que se prendem ao manejo de certas sociedades estrangeiras. Esses manejos se executam com o fito de fazer periclitar a soberania da federação. Os governos passados não se interessavam por escolas; e daí o triste episódio dos conscritos que se apresentaram em fins de 1938. E é interessante saber que até os próprios alemães desejam, agora, que se lhes ensine a nossa história. Foi o que, em carta datada de Joinville, nos informou uma professora paulista. Escolas e escolas se multiplicam para fazer aquilo que o fenomeno da assimilação não conseguiu: incutir no brasileiro que sua pátria é o Brasil. Parece incrível, mas o trabalho de desnacionalização foi tão vergonhoso, em nossa terra, que não nos furtamos ao desejo de transcrever a impressão que teve um jornalista ao

defrontar, em 1928, com rico município do Rio Grande do Sul: `A bem dizer a língua oficial da vila é o alemão. Atualmente o próprio intendente do município é um médico de nacionalidade alemã. O referido médico mantém em colégios alemães os seus filhos nascidos no Brasil... Um dos aspectos mais interessantes da vida é a hora do meio dia, hora em que a gente houve passar pelos colégios particulares dirigidos por professores teutos, o famoso 'Deustchland Über Alles", cantado por crianças nascidas em Ijuí, território que ainda, para todos os efeitos, pertence ao nosso país..."

CS2 6 de janeiro de 1940.

"UM ESTRIBILHO NACIONAL ANTIGO" respeito do artigo publicado na edição anterior, com esse título, o articulista comenta: "Restanos ainda constatar que muitos anos antes de se iniciar a campanha de nacionalização, as escolas particulares deste município esforçavam-se dentro das suas possibilidades em ministrar aos filhos dos imigrantes que aqui foram estabelecidos pelo nosso governo, o ensino da língua vernácula, da história e geografia do Brasil, numa época em que os poderes públicos descuravam ainda completamente desta parte de suas atribuições. Achamos de nosso dever retificar o referido artigo nos pontos citados que fazem referência a Ijuí, cuja população nunca se negou a contribuir com seu quinhão para o progresso e bem-estar da Pátria brasileira, dando sobejas e inequívocas provas de sua brasilidade, de seu acendrado amor a esta terra, o qual somente pode ser ignorado por quem nunca esteve em Ijuí."

obs.: o artigo em questão foi enviado ao CS pela Diretoria de Propaganda e Publicidade do Governo de São Paulo.

CS4 13 janeiro de 1940

"TIRO DE GUERRA 337. Em sessão de assembléia geral realizada a 31 de dezembro último, esta associação cívico-militar procedeu a eleição para a Diretoria que terá de dirigir os seus destinos, no decorrer do ano corrente, tendo sido eleitos os seguintes cidadãos: Presidente honorário, Dr. Emílio Martins Bühner, prefeito municipal; Presidente, Fermino Lucchese; Vice-presidente, Álvaro de Carvalho Nicofé; Secretário, João G. Leite; Tesoureiro, João Wichrowski; Conselho Fiscal, Ulrich Löw, Alcindo P. Gomes e Ragner Thorstemberg. Todos estes membros reeleitos; suplentes do Conselho Fiscal: Augusto Sampaio Chaves, Wandoaldo Vieira Kopf e Walter Wotrich. Essa nova diretoria foi solenemente empossada em sessão realizada no dia 2 do corrente mês. Fazemos votos de felicidades no decorrer de sua administração ."

CS15 21 de fevereiro de 1940

"IJUÍ SERÁ SEDE DE UMA GUARNIÇÃO DO EXÉRCITO. Júlio Cezar Ingenfritz; sub-prefeito em exercício - Ijuí. Após demorada palestra manteve ontem Gen. Góes Monteiro, Chefe Estado Maior exército, tenho satisfação comunicar=lhe devidamente autorizado que será sediado em Ijuí no próximo ano uma guarnição da tropa federal. Congratulo-me com a população deste município por esse auspicioso motivo que irá dar certamente poderoso impulso desenvolvimento multiforme nossa comuna. - Respeitosas saudações - Emílo M. Bühner."

CS44 31 de maio de 1940

" AVISO SUSPENSÃO DO `DIE SERRA POST' O DELEGADO DE POLÍCIA DESTA MUNICÍPIO, SR. CYRANO TELLES PINHO, ESTEVE TERÇA-FEIRA NA REDAÇÃO DO JORNAL `DIE SERRA POST', COMUNICANDO QUE, POR ORDEM DO SR. MAJOR CHEFE DE POLÍCIA FICAVA PROIBIDA, ATÉ SEGUNDA ORDEM, A PUBLICAÇÃO DESSA FOLHA.. DIANTE DOS TERMOS DA ORDEM DADA PELA CHEFIA DE POLÍCIA, FICAMOS AGUARDANDO A SOLUÇÃO DEFINITIVA DESSA AUTORIDADE PARA ENTÃO VOLTAR A PRESENÇA DOS NOSSOS LEITORES. IJUÍ, 29 DE MAIO DE 1940. ULRICH LÖW."

CS44 31 de maio de 1940

"O NACIONALISTA ÓRGÃO DE DIFUSÃO E DEFESA DO REGIME. Como contribuição à campanha de nacionalização, hoje mais necessária que nunca, será editado nesta cidade, por todo o corrente mes entrante, norteado e servido por uma plêiade de intelectuais patricios, O NACIONALISTA, semanário de feição moderna que, como indica seu nome, se dedicará ao serviço de propagação da doutrina do regime de 10 de Novembro e, mui especialmente, a edificação do espírito de brasilidade na alma de nossa gente laboriosa e boa. Assinar O NACIONALISTA será, pois, imperioso a todo bom brasileiro."

CS71 31 de agosto de 1940

"SEMANA DA PÁTRIA(...) No jardim, ao lado da prefeitura será levantado um mastro oficial, em que será içada diariamente as 8 horas pelo patriótico Tiro de Guerra n.º 337 a Bandeira Nacional, sendo o arreamento feito pelos diversos colégios da cidade, alternadamente, as 18 horas. (...)"

CS99 7 de dezembro de 1940

"O DIA DO RESERVISTA" O Ministro da Guerra, gen. Eurico Gaspar Dutra, comunica que dia 16 será comemorado, pela primeira vez no Brasil, o Dia do Reservista. O seu objeto é "trabalhar por uma aproximação maior entre os elementos da ativa e da reserva das forças armadas do nosso país, pois não se pode compreender que após o encerramento de seus obrigatórios serviços militares, o cidadão deixe completamente de manter relações com os seus camaradas instrutores. O 'Dia do Reservista' será pois, uma feliz oportunidade para uma comunhão mais estreita entre o civil e o militar brasileiro", concluiu o Ministro.

CS2 4 de janeiro de 1941

"FIXADO O TEMPO DE SERVIÇO MILITAR EM 1941. O Ministro da Guerra, em aviso baixado sob nº4.637, declarou que o tempo de serviço dos voluntários e conscritos (sorteados), que se incorporarem em 1941, é fixado em dois anos para os primeiros e um ano para os segundos. O tempo de serviço dos voluntários e conscritos que não falarem corretamente a língua portuguesa na época em que poderiam ser licenciados, ficará ampliado até o limite máximo de seis meses. Se, no fim desse acréscimo de tempo, a praça permanecer nas mesmas condições, será ela excluída das fileiras, não lhe sendo, entretanto fornecido documento algum de quitação com o serviço militar."

CS100 13 de dezembro de 1941

"GRÊMIO IJUIENSE DE LETRAS CONVITE. Convidamos as dignas autoridades civis, militares, eclesiásticas e população para assistirem a 1ª palestra na próxima 3ª feira, 16 do corrente, dedicada aos Reservistas do Glorioso Exército e homenageando a memória de Olavo Bilac, iniciando assim a semana dedicada por este Grêmio ao grande Príncipe dos Poetas. Será iniciado as 20 horas, no salão da Biblioteca Municipal. Ijuí, 13 /XII/941. A DIRETORIA."

CS100 13 de dezembro de 1941

"GRÊMIO IJUIENSE DE LETRAS realizando-se hoje, no salão da Biblioteca Pública Municipal, com início as 20 horas uma conferência do nosso confrade Joaquim Mendez tendo por tema 'Educação' e uma palestra do confrade Luiz Guterres, dedicada aos estudantes Ijuíenses, tendo por tema 'As Bandeiras do Brasil - Seu Histórico'. Temos o prazer de convidar todas as entidades oficiais públicas e educacionais desta cidade, para assisti-las. Também convidamos todos os associados do sodalício para uma reunião as 18 horas, no Clube Ijuí, a fim de prestar uma

homenagem ao confrade Luiz Guterres, pela passagem de mais um aniversário. Ijuí 13-XII-941. A DIRETORIA."

CS 101 17 de dezembro de 1941

"QUANTO MAIS CONHEÇO OUTROS PAÍSES, TANTO MAIS QUERO BEM AO MEU BRASIL' -BILAC-

OLAVO BILAC Por A. Setembrino Lopes. G.I.L. Por uma amável deferência de meus ilustres consócios do Grêmio Ijuicense de Letras, coube-me a honrosa tarefa de, nesta singela palestra literária, vos dizer algo sobre a vida do grande poeta patricio, Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac. Não sendo possível neste curto espaço de tempo, traçar uma biografia do príncipe dos poetas, vamos tocar em linhas gerais, em síntese digamos, alguns de seus passos mais notáveis na nossa história, como: POETA, CRONISTA E ORADOR. Nasceu no Rio de Janeiro aos 16 de dezembro de 1865 e faleceu em 28 de dezembro de 1918, filho legítimo do Dr. Bráz Martins dos Guimarães Bilac e Dna. Delfina de Paula dos Guimarães Bilac. Bilac não só se destacava dentre os seus contemporâneos com o gênio admirável de suas poesias e crônicas, mas também como exímio orador. Os seus discursos eram verdadeiros primores de eloquência e civismo. Ficaram memoráveis as suas eruditas conferências literárias. Em Todas as suas obras, desde os primeiros versos até os derradeiros discursos, se destacava a silhueta do patriota. O seu verbo cintilante e ardente estava sempre a serviço da Pátria. Chegou a ser cognominado Poeta-soldado. O vulto sacrossanto de sua Pátria, quer velado pelo luto dos momentos trágicos, quer aureolado pelo esplendor das glórias, sempre esteve presente no seu cérebro genial e patriótico, entre sonhos de venturas. Era a aspiração de sua família fazê-lo médico, para continuar a tradição do seu genitor. Mas a dor humana o impressionava por demais. Por isso, ao concluir o 5º ano de medicina, declarou a seu pai que aquela carreira, positivamente, não se coadunava com o seu temperamento. Esmerado cultor da palavra - escrita ou falada - seduzia-o a tribuna, onde, doutrinando as massas, pudesse fazer vingar os seus ideais. Passou pois para a faculdade de direito em São Paulo onde empolgou a admiração e simpatia dos acadêmicos encantados pelo seu talento. Porém, saudoso do seu Rio de Janeiro e do meio intelectual a que se adaptara, interrompeu o curso jurídico no segundo ano e regressou a sua querida capital para não mais volver ao antigo mosteiro de S. Francisco. A imprensa o seduzia. De regresso ao Rio atirou-se em cheio à boêmia intelectual e então foi dissipando os belos tesouros de seu privilegiado talento, ora em crônicas literárias, ora em seções humorísticas, ora em deliciosos versos. Era um artista lapidário de si mesmo.. Ao lado de José do Patrocínio, Ferreira Araújo, Manoel da Rocha, Julião Machado e outros, Bilac foi desdobrando a sua atividade em jornais e revistas,

aperfeiçoando-se rapidamente na arte de escrever e penetrando cada vez mais na estética de nossa língua. Antes de entrar de frente no cenário da literatura brasileira, usou discretamente de pseudônimos ou de simples iniciais. Razão porque, quando surgiu para o grande público com o nome próprio, já era um artista consumado, senhor absoluto de seu maravilhoso instrumento de trabalho. Foi sem dúvida um talento de escol, um artista de gênio no consenso unanime dos intelectuais de sua época. Bilac fez diversas viagens a Europa, não só pelo prazer de conhecer a civilização de além mar, ou apenas para admirar a natureza do velho continente. Percorria o velho mundo com esteta e embora por toda parte o deslumbrassem as maravilhas da arte humana, não resistia por muito tempo as saudades do seu Rio de Janeiro. Bem quisera ver ele um dia a sua cidade natal transformada em urbe moderna, tão linda como a potentosa e fascinante Paris - a Cidade Luz- que com seus mil e um encantos tanto o seduzia. Na remodelação da cidade do Rio, muito contribui Bilac junto ao Prefeito Passos, para que nossa cidade maravilhosa se tornasse uma das mais belas capitais do mundo. Mas não era tão somente o aspecto material, a beleza intrínseca, a estética arquitetual que o preocupava ao contemplar a sua adorada Urbe. Inquietava-o o analfabetismo, que nefastamente espalhado por todo o país, impedia que o seu Rio de Janeiro atingisse em época não muito remota, o grau da cultura parisiense. Por isso fez-se Bilac ardoroso paladino da instrução Frí, interessando patrioticamente pelo destino intelectual e social da infância brasileira. escreveu para estes primorosos livros didáticos, inaugurou uma literatura patriótica, ensinando-lhes com singelez e emoção as etapas mais brilhantes da nossa história. E nessa cruzada de sua vida, nessa ação civilizadora e humanitária pelo futuro glorioso e feliz da Pátria, desempenhou Bilac com dedicação e competência os cargos de Inspetor de Instrução Pública e membro do Conselho Superior do Departamento Federal. Bilac na Academia Brasileira de Letras ocupou a cadeira de Gonçalves Dias. Na terceira conferência pan-americana coube-lhe o lugar de secretário e de tal modo se desempenhou que o governo o nomeou seu delegado no congresso pan-americano, que em 1910 se reuniu em Buenos Aires, onde arrebatou com o seu verbo fulgurante e seletivo o numeroso auditório, procurando elevar o quanto possível o nome do nosso Brasil. Não se pode imaginar o êxito de seus discursos patrióticos proferidos na Argentina, quando na comitiva do Presidente Campos Sales. Nas solenidades ali realizadas em homenagem ao nosso Presidente, a palavra empolgante e eletrizadora de Bilac contribuiu talvez mais do que os esforços oficiais para captar a simpatia e o prestígio da vizinha República para com a nossa estremecida Pátria. Ardoroso paladino da República, por ele tão poeticamente sonhada - regime de liberdade, igualdade e fraternidade entre filhos do mesmo país- Bilac com outros jornalistas atacou valentemente a política do

marechal de Ferro. Por esse motivo foi encarcerado por seis meses na fortaleza de Lages, com outros prisioneiros políticos. Mais tarde procurou refúgio em Minas Gerais, onde aproveitando aquelas tréguas forçadas, revolveu arquivos, consultou alfarrábios, investigou tradições para brindar nossa literatura com brilhante livro de 'Crônicas e Novelas'. Foi Bilac um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e da Liga de Defesa Nacional. Fundou também a Agência Americana que relevantes serviços prestou ao nosso Brasil. No fim da vida empreendeu uma campanha nacionalista. Foi na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1915, que Bilac, perante acadêmicos ali reunidos para lhe prestarem significativa homenagem, lançou seu patriótico apelo aos moços da Terra dos Bandeirantes, cujas palavras cheias de patriotismo calaram profundamente no espírito daqueles nossos jovens patrícios. Ao par dessa primorosa jóia oratória, deixou-nos seu último florilégio poético - 'A TARDE' - que saiu a luz em 1919. A sua eloquência miraculosa continuou no Rio e em outros estados da Federação Brasileira, combatendo o analfabetismo, a falta de educação política e o indiferentismo de nosso povo para com o destino da Pátria, produzindo ao mesmo tempo uma série de conferências em prol do serviço militar e do escotismo no Brasil. E assim, gloriosamente, ia Olavo Bilac, galgando seu labor, quando a morte inesperada e traiçoeiramente o surpreendeu, roubando a Pátria brasileira um dos mais ardorosos filhos, um dos vultos mais proeminentes de nossa literatura. Assim como sua vida fôra toda tecida de glórias, assim glorioso e aureolado de esplendores desceu ao seio daquela terra bendita, que ele tantas vezes cantara na lira harmoniosa de seu éstrico poético e fizera grande nas tribunas brasileiras. Mas não foi somente o poeta ou o orador que o Brasil perdeu. Morreu o poeta-soldado. E como tal lhe foram prestadas as honras militares por ordem do então Ministro da Guerra, General Cardoso de Aguiar. Foi na mesma carreta que transportou os restos mortais do General Osório e do Barão do Rio Branco, que o corpo de Bilac passou pela derradeira vez pelas ruas de sua querida metrópole. Bilac foi sepultado como herói, porque sua pena descreveu heroísmos idênticos aos que a espada de Osório descrevera nos campos de batalha e o verbo de Rio Branco na cátedra brasileira. Assim como Bilac soube fazer grande o seu Brasil em vida, assim o Brasil Fê-lo grande depois de sua morte."

"BILAC NO CORAÇÃO DOS BRASILEIROS. Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, admirável poeta e prosador de estilo simples e fluente, jornalista e escritor escolar, nasceu no Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1865 e faleceu em 28 de dezembro de 1918. Foi também ardente propagandista da grandiosa obra de defesa nacional, fazendo cerrada campanha em prol do serviço militar obrigatório, com que galvanizou o sentir da nacionalidade, o despertar de uma mocidade que se estiolava em imperdoável apatia para um dos primordiais deveres do cidadão: o tributo de sangue devido a Pátria. As suas poesias são das mais perfeitas pela

forma, no estilo e no emprego de nossa língua pátria Hoje, atravessando o mundo dias sombrios como aqueles que viram o verbo de Bilac não podiam ser mais oportunas as provas de civismo com que as novas gerações exaltam e agradecem o feito de um grande filho do Brasil. Hoje, toda a nação, civil e militar, cultua na memória do luminoso poeta, o gênio de grande patriota. E assim será, daqui para o futuro, por que o Brasil renasceu..."

CS102 20 de dezembro de 1941

Palestra de Ulrich Löw, sobre a atuação de Bilac na imprensa, dentro da comemoração da semana de Bilac e relativa a criação do dia do reservista pelo Estado Novo. A apologia de Löw faz de Bilac e sua relação com a instituição do "Dia do Reservista" criado pelo Estado Novo, aparece no editorial do **Correio Serrano**, no mesmo dia em que é publicada a palestra, 20 de dezembro de 1941: "A CIDADE 'Editorial' Estamos vivendo a semana de Bilac, em boa hora instituída pelo benemérito governo da República, a fim de manter viva na lembrança de nosso povo a memória daquele que, em vida, foi um dos mais denodados batalhadores pela grandeza do Brasil. Numa época, em que o sentimento patriótico estava passando pela maior crise com que jamais se debateu, Olavo Bilac empreendeu a ingente tarefa de despertar a consciência nacional, vendo coroado de mais plenos êxito a sua campanha com a instituição do serviço militar obrigatório. É por isto que reconhecendo os méritos desse grande patriota, o Governo Getúlio Vargas, declarou a data de seu aniversário, 16 de dezembro, como dia do Reservista. Inicia-se, nesse dia, a apresentação dos reservistas aos quartéis do exército ou as juntas de alistamento, restabelecendo, assim, o contato entre a tropa ativa e a sua reserva, cuja homogeneidade, por conseqüência está sendo cimentada cada vez mais. Ijuí assistiu, no Dia do Reservista, a este espetáculo grandioso, da apresentação dos reservistas, se bem que a comemoração não pudesse alcançar a imponência que teve nos quartéis, nem por isso foi menos dignificante a afluência em massa dos reservistas que se vieram apresentar. Somente no dia 16, para mais de 800 reservistas foram registrados na J.A.M., continuando todos os dias a fluência daqueles que no primeiro dia não puderam cumprir o seu dever. Mas não se limitaram a essa apresentação as comemorações promovidas nesta cidade. Homenageando a semana de Bilac, O Grêmio Ijuicense de Letras, trouxe seu contingente de são patriotismo para maior brilho da semana em curso, Embora seja de 'Letras', o Grêmio entre as suas finalidades se propões promover palestras e conferências, contribuindo assim, para maior brilhantismo das festividades ou grandes datas da nacionalidade, que forem objeto de comemoração pública. Com a sua primeira série de palestras, realizada terça feira na Biblioteca, em comemoração a Semana de Bilac, o Grêmio Ijuicense

de Letras, deu a prova de seu valor cultural e cívico, mostrando ser uma entidade de que ainda muito se pode esperar para o incentivamento do sentimento de civismo de nossa população."

CS3 10 de janeiro de 1942

Editorial "A CIDADE publicou o **Correio Serrano**, em sua última edição, os algarismos sobre a apresentação dos reservistas de 1ª e de 2ª categorias,, durante a quinzena iniciada com o 'Dia do Reservista'. São ao todo 1167 reservistas de 1ª categoria e 658 de 2ª categoria, formando um total de 1825 que se apresentaram em Ijuí, pertencentes as classes de 1904 a 1923. Embora a afluência dos que vieram se apresentar foi, formando um espetáculo interessante o afã com que estes cidadãos, cõscios de sua responsabilidade, vieram cumprir um dever inerente a sua função de reserva do nosso glorioso Exército, a quem nesta hora está entregue a guarda da tranqüilidade e do sossego de nossa Pátria, esperávamos um número maior de apresentações. É sabido que o Município de Ijuí é um dos que tem fornecido todos os anos os maiores contingentes de voluntários a tal ponto que quase se podia prescindir da convocação de sorteados, dado o preenchimento dos claros com o voluntariado provindo de nossa região colonial. E esta imagem se nos arraigou tanto que calculávamos que a apresentação de reservistas subiria a vários milhares, causando-nos o resultado um ligeiro desapontamento. Deveríamos dizer com mais propriedade que o nosso juízo sobre o assunto sofreu o seu reajustamento, ficando colocado em suas verdadeiras proporções. Mesmo assim, os algarismos de reservistas que acima apontamos, são bastante honrosos para o município de Ijuí, bastando que se os compare com os contingentes fornecidos por alguns Estados da Federação, cujos números de conscritos é atualmente o dobro do que foi ainda alguns anos passados. Senão vejamos; os reservista que se apresentaram distribuem-se sobre 16 classes ao todo, o que daria uma média um pouco superior a 110 por classe, cumprindo notar que as classes mais antigas deram menor número de reservistas do que as últimas. Além disso quer nos crer que nem todos se apresentaram. Mesmo assim o índice de reservistas no Município de Ijuí é muito maior do que na maioria dos Estados da Federação. Este quadro comparativo elucida melhor do quaisquer comentários o que vimos de afirmar. A população de Ijuí é de 41000 habitantes, dando os 110 reservistas por classe uma proporção de 1 por 360. Esta mesma par alguns Estados é a seguinte:

ESTADO	N.º HAB	N.º CONSCRITOS	PROPORÇÃO DE 1 PARA
S. Paulo	7.230.000	9.219	780
RJ	1.816.000	4.714	400
MT	427.000	1.500	218
ES	758.000	1.663	450

BA	3.907.000	562	7.000
AL	957.000	414	2.400
PE	2.674.000	950	2.800
CE	1.994.000	475	4.200
PA	949.000	634	1.500

e assim por diante, donde se vê que Ijuí, como todo o Rio Grande do Sul que dá anualmente 15.000 conscritos, está cumprindo, sem desfalecimentos, o seu sagrado dever cívico do Serviço a Pátria, sendo dos que comparado com sua população, dão maior contingente de reservistas."

CS8 28 de janeiro de 1942

"NACIONALIDADE SEM PREFIXOS O Brasil abriu suas generosas fronteiras a imigração de outros povos e aos homens que trouxeram a nossa grandeza a contribuição de sua inteligência ou o esforço de seus braços, não se lhes exigiu, aqui, a renúncia da Pátria de origem, nem a abdicação de seus cultos. Todos encontraram, nas terras novos que vieram desbravar, liberdades imaginárias e ainda vastos horizontes sobre os campos e matas riquíssimas, imensas, expostas a conquista de sua ambição. Quase todos deixaram fortuna, tornaram-se proprietários, conseguiram prestígio social. Nunca recanto algum do mundo foi mais acolhedor para filhos estranhos. Esses pioneiros, esses desbravadores adotaram nossos hábitos. Tomaram nossos costumes. Constituíram sua famílias. Quando desapareceram, legaram seus nomes a novas gerações brasileiras. Alemães, italianos, poloneses, japoneses, russos, qualquer que fosse sua origem, essa eles não podiam legar a sua descendência, porque esta nasceu, cresceu e se formou em território nacional, sobre o solo e o céu do Brasil e ao amparo das leis liberais do nosso país. A invocação de teutos, ítalos, nipos ou outros prefixos gentílicos, para esses homens nascidos no Brasil, não é apenas um equívoco lamentável - é muito mais - é um insulto a Pátria, um desrespeito as nossas tradições, uma renúncia a nossa soberania! Por outro lado, a aceitação desse subtítulo de nacionalidade, pelos homens que aqui surgiram, constitui, sem dúvida, uma legítima diminuição moral para eles próprios, com o que jamais concordaríamos, nós todos que nos sentimos profundamente vinculados a coletividade nacional e que só temos razões de nos orgulharmos da história, da grandeza e opulência de nossa terra. Aqui não existe - e não podemos admitir que se formem-se separações dentro do corpo homogêneo e integral da nacionalidade. Dentro do Brasil só há brasileiros ou estrangeiros. Estrangeiros aqueles que nasceram sob outro céu, que falam outra língua, que cantam outros hinos. Brasileiros, aqueles que aqui receberam a vida, que estão sujeitos as nossas leis, obrigados a vestir a farda do nosso Exército, que tem de prestar culto a nossa bandeira. Não existem outras categorias.

Não reconhecemos prefixos. Aos estrangeiros, acobertados, a sombra magnânima de nosso pavilhão, em ocasiões como esta, que vive o país, em face de um compromisso internacional, cabe respeitar a nossa atitude, a honra da nação que recebem os favores da hospitalidade. Aos brasileiros, só há um dever a cumprir: estar com a Pátria, sem exame de condições. Aqueles, se não lhe satisfaz a situação que as circunstâncias lhes impõe, resta-lhes o abandono do território que pisam, a procura da pátria de origem ou de outros climas onde possam se sentir melhor. Aos brasileiros são impostos, por dever, a defesa do território nacional, o respeito as instituições vigentes a obediência ao chamamento do Brasil. Aquele que tergiversar sobre esta atitude, só lhe cabe o labéio de traidor. Daí, a oportunidade crescente daquela frase que o Senhor Interventor Federal com sua rara felicidade atualizou: 'Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor!' Não há dois caminhos. É a sentença dos evangelhos: Ninguém pode servir lealmente a dois senhores. O sentimento de civismo tem um fundo moral em que se plasmam anhelos de espíritos e ritmos de corações. Renan o definiu como anseio uniforme para o esforço e homogênea..."

CS9 31 de janeiro de 1942

"O BRASIL ROMPEU COM A ALEMANHA, ITÁLIA E O JAPÃO RIO, 28 (A.N.) - Conforme se esperava, durante a sessão de encerramento da Conferência de chanceleres americanos, o Sr. Osvaldo Aranha anunciou oficialmente o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha a Itália e o Japão (...) a declaração do chanceler Osvaldo Aranha foi recebida por estrondosa ovação que durou vários minutos."

CS48 17 de junho de 1942

"INSPEÇÃO DO TIRO DE GUERRA 337. O Ten. Eduardo Simões do 8º R.I., de Cruz Alta, esteve em Ijuí para inspecionar a 24ª turma de alunos do TG 337. Todos os 50 alunos saíram-se bem nesse primeiro exame, conforme deixou registrado o Tenente.: 'Cumprindo ordens do Cap. Inspetor dos T. G. da 3ª R.M., inspecionei o TG desta localidade, conforme plano previamente organizado. É com Prazer que declaro que o resultado geral muito me surpreendeu. Todos os alunos possuem desembaraço, falam o português, estão bem fardados e conhecem os diferentes ramos da instrução militar individual. esse trabalho realizado pelo 2º sargento Odorico Castro, coadjuvado pela diretoria do T.G. atingiu uma grande e notória importância. Hoje, mais do que nunca, o Brasil precisa dos brasileiros e os brasileiros do Brasil. trabalhar para que os reservistas de 2ª categoria saibam

defender a Pátria, amando-a é o supremo esforço dos civis e militares.' Eduardo Simões, 1º Ten.

CS58 22 de julho de 1942

"ORGANIZADO O DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE PROPAGANDA E EDUCAÇÃO VÍVICA Pelo Sr. doutor Prefeito Municipal, em data de 15 do corrente, foram nomeados os senhores Dr. Solon Gonçalves da silva, Mário Garcia e José Urbano Pereira para desempenharem, respectivamente, os cargos de Diretor, Sub-diretor e secretário do Departamento Municipal de Propaganda e Educação Cívica. O Departamento Municipal, cujas elevadas finalidades já são bem conhecidas, foi investido recentemente da representação do Departamento de Imprensa e Propaganda nesta comuna."

CS62 5 de agosto de 1942

"GRÊMIO IJUIENSE DE LETRAS Esta entidade cultural que se encontra em franca atividade, aceitando o oferecimento que lhe fez o patriótico Tiro de Guerra 337, acaba de instalar sua sede no edifício desta associação cívico-militar.(...)"

CS68 25 de agosto de 1942

"GUERRA COM AS POTÊNCIAS DO EIXO RIO, 22 (A.N.) - Urgentíssimo - Terminou a reunião ministerial realizada hoje a tarde no Palácio Guanabara, sob a presidência do Dr. Getúlio Vargas. Após a reunião foi distribuída uma nota oficial, declarando o Brasil em estado de beligerância com a Alemanha e a Itália."

"RIO, 22 (A.N.) - Urgente - O Departamento de Imprensa e Propaganda comunica que reuniu-se hoje o Ministério, tendo comparecido todos os Ministros diante da comprovação dos atos de guerra contra a nossa soberania, foi reconhecida a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras Alemanha e Itália. Em consequência expediram-se, por vias diplomáticas, as devidas comunicações aqueles dois países. examinando-se em seguida diversas providências atinentes a situação, ficaram os Ministros incumbidos de preparar os atos necessários. Resolveu ainda o Presidente da República, que o Ministério, daqui por diante, se reuna semanalmente para assentar outras medidas pelas circunstâncias."

CS 69, 29 de agosto de 1942

"VIBRANTE MANIFESTAÇÃO CÍVICA DE SOLIDARIEDADE AO GOVERNO GETÚLIO VARGAS PRESTOU IJUÍ NO 'DIA DO SOLDADO' (por Antônio Bresolin)

`Quando a aurora as asas purpurinas/ Baixava das alturas celestinas/ Sobre as flores do val;/ Quando a brisa meiga afagava o lírio/ E as aves esgalhavam pelo empirio/ A canção matinal...

Na Praça da República, nesta cidade, os clarins da banda marcial do Instituto Comercial executavam o 'toque da alvorada', prestando assim a primeira homenagem que Ijuí tributava ao 'dia do soldado'. Depois, o brilho lacrimejante e divinal das estrelas, ofuscado pelo esplendor crepuscular, foi lentamente diluindo-se e, ao longe, no recôncavo do horizonte, - como um baton imenso tingindo os lábios das nuvens - despontava o sol que, com seu fulgor imaculado, vinha iluminar o dia, significativo e risonho, que Ijuí cheio de fé e civismo, escreveu uma das mais belas páginas de sua história gloriosa, como veremos a seguir: As 9 horas, ao redor do mastro oficial, na Praça da república, além das autoridades civis, militares e eclesiásticas, os alunos de todos os estabelecimentos educacionais da cidade, os alunos do Tiro de Guerra 337, um pelotão do Destacamento da Brigada Militar, grande quantidade de povo, apinhavam-se no referido local, aguardando ansiosamente, o desfraldar do Pavilhão Nacional, conforme o programa oficial. As 9,30 horas - em homenagem ao Exército nacional, em que o Brasil, nesta hora de amargas expectativas, deposita a sua fé e confiança - o Dr. Prefeito Municipal, convidou o Ten. João Darci Muniz, delegado da Junta de Alistamento Militar, para içar a Bandeira nacional, enquanto que a Banda Carlos Gomes, em coro com a assistência, executava o Hino Nacional. Finda esta solenidade, o Dr. Solon Gonçalves, convidou os presentes para o grande e comício que teria lugar as 20 horas do mesmo dia, na Praça da república, em regozijo a declaração de guerra do Brasil, contra as vandálicas nações do 'eixo'. Em seguida o Dr. Martins Bühner, Prefeito Municipal, convidou o povo para assistir o juramento a Bandeira dos reservistas de 3ª categoria, em frente a Prefeitura Municipal, onde mais de duzentos brasileiros receberam o respectivo certificado de reservista. "JURAMENTO A BANDEIRA. Esta solenidade revestiu-se de excepcional brilhantismo, tendo, também, a participação de todos os colegiais, o T.G. 337, o pelotão da Brigada e a Banda Carlos Gomes. Logo após o juramento a Bandeira, fez uso da palavra o orador oficial, Sr. Joaquim Jardim, Delegado de Polícia neste município. Orador dotado dos mais belos e elevados recursos intelectuais, produziu uma brilhante oração, concitando os novos reservistas a incitar o exemplo de nossos bravos antepassados, sobretudo, o exemplo inconfundível que nos legou o grande herói brasileiro - Duque de Caxias - cuja data de nascimento, nesse dia, ora em todo território nacional solenemente comemorada. O orador foi vivamente ovacionado. Dando por encerrada essa

solenidade, o Dr. Martins Bühler, convidou o povo para efetuar uma passeata em regozijo a guerra que o Brasil acabava de declarar às nações totalitárias. A mencionada passeata, que percorreu as principais artérias da cidade, obedeceu a seguinte ordem: na frente marchavam as autoridades e os alunos de todos os colégios, logo após, os alunos do T. G. 337 e os soldados da Brigada, depois as senhoras e senhoritas e, por fim os cavalheiros. Ao iniciar esse garboso desfile, o povo vibrando de ardor e civismo, prorrompeu na mais entusiástica e delirante manifestação de brasilidade que Ijuí já assistiu. Diversas bandas de tambores, e a banda marcial dos clarins do Instituto comercial, marcavam a cadência do desfile e o, povo, delirante de entusiasmo, ovacionando continuamente Caxias, Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, General Cordeiro de Farias e as nações Aliadas. E como repulsa veemente, protestando contra o vandalismo inaudito das nações totalitárias, pelos infames atentados contra a nossa soberania, o povo gritava; abaixo a Itália! Abaixo a Alemanha! abaixo os traidores! abaixo os inimigos da civilização! abaixo os quintas colunas infames! As 1130 horas em frente a Prefeitura Municipal, foi encerrado o garboso desfile, onde o r. Solon Gonçalves, mais uma vez convidou os presentes para o grande comício que acima nos referimos, e o Dr. Martins Bühler, em nome do Governo do Estado, pediu ao povo que se mantivesse sereno, dispersando-se em ordem. Daí, grande número de povo dirigiu-se para a sede do Tiro de Guerra 337, onde continuavam os festejos em homenagem ao 'Dia do soldado'.

"NO TIRO DE GUERRA 337. Na sede do T.G. 337 o Sr. Álvaro de Carvalho Nicofé, presidente do mesmo T.G., dando início as solenidades convidou o Dr. Martins Bühler para presidir os trabalhos, convidando ainda, diversas autoridades, civis, militares e eclesiásticas, inclusive outras pessoas gradas para integrar a mesa. Iniciando os trabalhos foi entoado o Hino Nacional. Em seguida,, o Dr. Martins Bühler disse que seria inaugurado, naquela hora, o retrato do Sr. Álvaro de carvalho Nicofé, benemérito do T. G. 337,, passando a palavra ao Dr. Aristeu Pereira, Presidente do Grêmio Ijuicense de Letras e orador, especialmente convidado para aquele fim. O orador fluente e primoroso, dissertou com habilidade invulgar em torno da personalidade do homenageado, traçando minuciosamente, todos os passos de sua vida, quer como cidadão, quer como patriota, e todos os seus relevantes serviços prestados ao T.G. 337, sempre ocultando-se numa modéstia invejável, própria das almas talhadas para os grandes feitos. O orador foi fartamente aplaudido. O homenageado para quem essa manifestação constituíra real surpresa, achou-se possuído de viva emoção, recebendo muitos cumprimentos dos presentes. A seguir o Dr. Martins Bühler disse que seria inaugurado, também, naquela hora, o retrato do Sr. João Wichrowski, outro benemérito servidor do T. G. 337, passando, então, a palavra ao Reverendo Padre Pio Busanelo, orador especialmente convidado para aquele ato. O orador, desde

o início, teceu os mais elogiosos conceitos em torno a pessoa do homenageado, falando, detalhadamente, sobre os principais serviços que o benemérito, incansavelmente, prestou e vem prestando ao T. G. 337, ocultando-se sempre na maior modéstia que é o apanágio sublime, a virtude prima que engalana a vida dos grande homens. O orador mereceu consagradora salva de palmas. Em seguida, o Dr. Martins Bühner concedeu a palavra ao Dr. João Barcelos de Souza que, em brilhante peça de oratória, repassada de erudição e fecundidade, em nome da sociedade ijuiense e sob os auspícios da Liga de Defesa Nacional, entregou ao T. G. 337, um lindo e valioso conjunto de tambores. Agradecendo aquele gesto nobre e dignificante da sociedade ijuiense, fez uso da palavra o aluno do T. G. 337 Dary Daniel que, em rápidas palavras, pronunciou vibrante e primorosa oração. Ambos oradores mereceram consagradora ovação. Finda essa cerimônia o Dr. Prefeito Municipal encerrou a sessão, convidando os presentes para o churrasco, que teve lugar ao lado do T. G. 337. O churrasco - como é de praxe para os gaúchos era ótimo,, em toda a extensão da palavra e, regado com excelentes bebidas, todos os presentes banquetearam-se nababescamente. Logo após o churrasco, o Dr. Martins Bühner concedeu a palavra ao jovem Marcelo Mioso, orador oficial do Grêmio Ijuicense de Letras, naquela festividade. O orador, dotado da arte de Demostenes e privilegiado das Musas, fez um belíssimo panegírico em torno a personalidade de Duque de Caxias, historiando os principais feitos do patrono do nosso Exército, e os exemplos vivos e inconfundíveis que as nossas forças armadas têm, na hora grava que passa, na vida heróica e modelar daquele grande brasileiro. Em seguida, fez uso da palavra o Sargento Frankelin Soares que, também, em vibrante e patriótico discurso, historiou a vida do grande herói - Duque de Caxias. Ambos oradores mereceram entrepitosa salva de palmas. Mais tarde, sobre o 'Dia do Soldado' falaram ainda o jornalista Nicolau Mendes, O Sr. Esmeraldo Corrêa e o jornalista Ulrich Löw, diretor desta folha. Tanto pelo tema elevado e patriótico de suas orações, como pela felicidade de seus improvisos, todos os oradores houveram-se de maneira louvável, merecendo ao terminar seus discursos, forte salva de palmas. COMÍCIO. Conforme estava anunciado, a noite, as vinte horas, na Praça da República, teve lugar o grande comício de regozijo pela atitude que o governo tomou em face dos bárbaros atentados a nossa soberania, praticados em plenas águas brasileiras, pelos corsários do 'eixo'. Milhares de brasileiros tomaram parte nessa grandiosa parada de fé, onde o povo de Ijuí, mais uma vez, patenteou a sua fé viva e ardente, na existência de um Brasil eternamente livre e altaneiro. Iniciando o comício, o Dr. Solon Gonçalves, Diretor-presidente do Departamento Municipal de Propaganda e Educação Cívica cujo Departamento foi o promotor desse comício - pediu ao povo um minuto de silêncio em homenagem aos nossos bravos e heróicos irmãos que pereceram, vítimas das infames piratarías do 'eixo'. Em seguida foi cantado

, em coro, pela assistência, com a cooperação da Banda Carlos Gomes, o Hino Nacional. Fizeram então uso da palavra os seguintes oradores: Joaquim Jardim, Delegado de Polícia; Dr. José Frederico Wickert, médico; João Craidy, acadêmico; João Agostini, Presidente do Circulo Operário; Florisbello Ferreira, advogado; Laudares Gomes, Fiscal Estadual; Luiz Mendes, redator do 'Alerta'; Aparício Quadros, tenente da reserva e mestre da 'Banda Carlos Gomes' e Antônio Bresolim, jornalista. Todos oradores em discursos vibrantes, e inflamados de brasilidade, externaram em público seu brado de repulsa contra as nações totalitárias, e sua fé viva e ardente na vitória da Democracia, que é a vitória da civilização sobre o barbarismo nefando, o sonho áureo da humanidade livre! Ao encerrar o comício, mais uma vez a banda Carlos Gomes executou o Hino Nacional, e os milhares de brasileiros que ai se encontravam, vibrando de entusiasmo, sentindo no sangue o ardor dos nossos bravos antepassados, cerrando fileiras em torno a extraordinária figura de Getúlio Vargas, juraram que o Brasil jamais será vencido, porque para ele ser vencido, é necessário que tombe o último brasileiro, porque o povo brasileiro sabe que é mil vezes preferível tombar com glória do que viver como escravo!

BAILE. Findo o comício, grande parte do povo dirigiu-se para a sede do T.G. 337, onde realizou-se um animado baile, obedecendo a parte final do programa, que aquela caserna de bravos havia patrioticamente elaborado para comemorar, solenemente, o 'Dia do Soldado'."

CS 70 2 de setembro de 1942

"SEMANA DA PÁTRIA O FOGO SIMBÓLICO Consoante ao que jornais de todo o País anunciaram, conduzido por atletas, partiu no dia 12 de agosto pp., de Minas Gerais, o fogo simbólico que, após atravessar diversos Estados, chegou a vizinha comuna de Cruz Alta, sábado, próximo passado, e, daí, um grupo de atletas cruzaltenses, conduziram aquela chama sagrada, ateadada sobre um archote, até a Estação Fachinal onde 13 alunos do Instituto Comercial e 16 atletas do Clube Comercial, daqui, receberam aquele fogo, conduzindo-o até a esta cidade. acompanhando os bravos atletas Ijuíenses, seguiu o auto oficial da Prefeitura, conduzindo os seguintes Srs.: Juvenal Leonardo representando o Prefeito Municipal; Álvaro de Carvalho Nicofé, presidente do Núcleo de Defesa Nacional; Joaquim Jardim, Delegado de Polícia e o Major A. Setembrino Lopes, Exator Estadual (...). Aqui, o fogo simbólico estava sendo aguardado por diversas pessoas gradadas. Na porta da Igreja Católica o Rev. Padre Pio Busanello recebeu a chama do fogo da Pátria, ateando a lâmpada do sacrário, onde ficou guardada até o momento a ser transportado para o altar da Pátria. (...) Em seguida, o archote que continha o fogo sagrado foi entregue a 34 alunos do Tiro de Guerra 337 que, sob ordens

de seu dedicado Instrutor, Sargento Odorico Castro e acompanhado da mencionada caravana de honra, prosseguiram par Catuípe, conduzindo o fogo simbólico. O entusiasmo pelo tocante espetáculo da corrida do fogo contagiou os componentes da comissão de honra que a acompanhava, ao ponto dos Srs. Álvaro de C. Nicofé, Juvenal Leonardo, Joaquim Jardim e A. Setembrino Lopes, não se poderem conter e tomarem parte ativa na corrida, fazendo um trajeto cada um, conduzindo a tocha sob os aplausos dos atletas que executavam o raide. (...) A HORA ZERO às 23 horas da noite de 31 de agosto findo - enquanto a Banda Carlos Gomes executava diversos trechos de seu vasto e apreciado repertório - grande massa de povo, como uma verdadeira colmeia humana, comprimia-se ao redor do Altar da Pátria, na Praça da República, aguardando a Hora Zero. Além da grande massa de povo que continuamente aumentava, encontravam-se presentes - em garboso desfile - os alunos do Instituto Comercial, Os alunos do Colégio Ijuicense e alunos de outros Colégios, os alunos do Tiro de Guerra 337 e um pelotão do Destacamento da Brigada Militar. Quando o relógio da torre, no ápice de sua carreira, feria a sinfonia plácida e divinal da noite, preludiando a Hora Zero, vindas do Tiro de Guerra, onde na tarde daquele mesmo dia fora conduzido o fogo simbólico, um grupo de senhoritas, da elite de nossa sociedade, chegaram conduzindo o fogo da Pátria que, enquanto o Dr. Prefeito o recebia, a multidão que ai se encontrava prorrompeu, numa delirante e entusiástica salva de palmas. Em seguida O Dr. Prefeito Municipal, erguendo o archote, ateou o fogo no Altar da Pátria - enquanto o sino da Matriz Católica repicava festivamente e a Banda Carlos Gomes, em coro com a assistência, executava o Hino Nacional."